HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO QUARTO.

F. N. Pinto

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

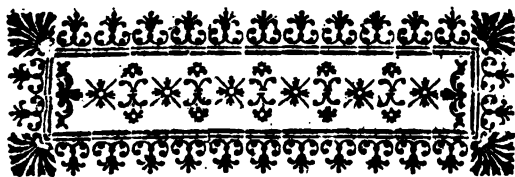
POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO XIV.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1789.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado efte Livro a quatrocentos réis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XLIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuaçaõ do sitio de Dio, atè a chegada de alguns dos soccorros, que sahiraõ de Goa.

Era vulg. 1546

HUM consideravel Exercito do poderoso Rei de Cambaya havia quatro mezes batendo as fracas paredes da Fortaleza de Dio; mórtos nelle dous grandes Generaes, e alguns milhares

Em vulg. de soldados; mallogrados tantos assaltos repetidos, sem se recolher fructo de despezas avultadas: todos estes motivos fizeraõ que Sultaõ Mamud impaciente reprehendesse com aspereza a Rumecaõ, enviando-lhe hum reforço de 15000 homens com ordem de cortar as dilações do sitio com avances promptos. Rumecaõ atacado de duas afrontas, huma dos máos successos, outra da reprehensaõ, arrojou-se a consummar envergonhado a acçaõ, que naõ podia valerosa. Elle fez levantar a toda a pressa huma nova obra defronte do Baluarte S. Tiago, que dominava o centro da Cidadella. Em huma noite lha derrubáraõ com cem homens os dous irmãos D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida. Sem perderem hum homem, elles degolláraõ trezentos. Rumecaõ mudou de idéas, e quiz fechar de grossas paredes a face do Baluarte S. Joaõ; mas em outra noite quatorze soldados as deitáraõ a terra, passando antes á espada todas as guardas, que dormiaõ.

Rumecaõ attonito com estes atrevi-

viventos, desafoga a colera em hum assalto contra os Baluartes S. Joaõ, e S. Thomé para sentir terriveis os effeitos do nosso fogo. Elle se ateava nos vestidos de algodaõ, que traziaõ os seus soldados, quando os Portuguezes ao contrario o desprezavaõ armados com todas as peças, de boas luvas, de borzeguins, e colletes de couro: unifórme, que faltando para elle a materia, D. Joaõ Mascarenhas distribuio pelos soldados as tapeçarias das suas casas, que eraõ de couro dourado, e mostrava objectos proprios para os Poetas os descreverem em peitos de aço armas de ouro. Em fim os inimigos abrazados se retiráraõ com perda, sem nós termos a de hum só homem. Effeito semelhante experimentáraõ os Barbaros poucos dias depois no assalto, com que Rumecaõ hospedou a Jusarcaõ, sobrinho do morto do mesmo nome, que chegou ao campo com outro reforço para occupar o cargo do tio.

Era vulg.

Sendo taõ grandes os trabalhos, que aos sitiados causaraõ inimigos poderosos, soberbos, e escandalisados; elles

Era vulg. naõ tinhaõ comparaçaõ com os que tolleravaõ, heróicas as constancias no interior da Fortaleza. A guerra, e as doenças lhes tinhaõ arrebatado 150 homens; haveria sãos 250 sacrificados a fadigas contínuas. A fome era extrema: já se comiaõ ratos, cães, gatos, e outros sevandijas ingratos ao gosto, ascarosos á natureza. Vendia-se huma gralha por quatro, cinco cruzados, e se estimou providencia apparecerem bandos destas aves, que parecia se lhes infundira huma virtude nova para o allimento da sua carne curar os enfermos. Estavaõ acabadas as munições: naõ havia mais polvora, que aquella, que diariamente se fabricava. Para ella faltavaõ panelas, que eraõ a nossa melhor defensa: esta falta supprio o Governador com as telhas unidas cada duas com os vãos para dentro, betumadas as boccas, e que arrojadas entre os inimigos, causavaõ os mesmos effeitos das panelas.

Nesta triste figura estava a Praça, quando chegou em hum navio de Baçaim, e Chaul com alguns soldados o

Pa-

Padre Capellaõ, que com audacia superior rompeo as ondas encapeladas do golfo de Dio. Elle deo ao Governador á vista de todos a agradavel noticia, de que naquellas Cidades ficavaõ 500 homens de soccorro, que seriaõ vistos da Fortaleza na primeira vaga, que o mar fizesse. Bastou esta esperança para se desterrarem das memorias as imagens dos trabalhos passados, e as contingencias dos futuros: mas D. Joaõ Mascarenhas andava cuidadoso por naõ saber o que os inimigos passavaõ no campo. Para o tirar desta duvida se lhe offereceo o destemido Martim Botelho, que com dez bravos marchou á ponte: esperou os Mouros: atacou, e derrotou dezoito: atracou-se com hum Nobyano de desmarcadas forças, e corpulencia: trouxe-o perneando, mordendo, e gritando á Fortaleza. Delle soube o Governador: Que Rumecaõ desconfiava do bom successo do sitio: que os soldados serviaõ com violencia: que ás mãos dos Portuguezes eraõ já mortos cinco mil, os feridos muitos, o temor geral.

Era vulg.

Já

Estr. vulg. Já desenganado aquelle General pela repetiçaõ dos assaltos sem proveito, advertio que era necessario ajuntar á força a indústria, a habilidade ao valor. Procedendo conforme as regras da arte, aplicou os Mineiros ao baluarte S. Joaõ, e para divertir os sitiados de perceberem esta obra, mandou por muitas partes picar o muro com movimentos, que chamandoos a lugares differentes, naõ acertassem para o reparo naquelle, aonde se lhes traçava maior estrago. Para laborar mais o engano, logo que a mina foi em estado de se lhe dar fogo, Rumecaõ usou de novo artificio, e fez passar á Fortaleza como desertor hum dos seus intimos confidentes, que nas noticias affectasse huma candura extrema para no ultimo ataque representado chamar o grosso da guarniçaõ ao Baluarte da mina. Este trahidor, sendo apresentado a D. Joaõ Mascarenhas, com todos os gestos, que sabem representar os astutiosos para insinuar-se, lhe disse:

Que elle sentia no fundo da alma vozes internas, que o chamavaõ para ab-

abjurar os seus erros, e abraçar a Religiaõ Christã; designio principal, que o trazia á sua presença para promover huma obra taõ santa. Que em quanto aos negocios de Cambaya, Sultaõ Mamud estava sobprendido com o temor de huma nova irrupçaõ dos Mogores, agora mais formidaveis, que na primeira guerra. Que com este receio mandára hum reforço de dez mil homens ao campo commandados por Mojatecaõ, e ordem a Rumecaõ para dar hum assalto geral á Fortaleza, e immediatamente levantar o sitio para ir acudir ao interior do Reino. Que por esta causa havia mandado recolher a artilharia como inutil, unicamente fiado na força do assalto no Baluarte de S. Joaõ, por onde esperava entrar, e render a Praça antes de marchar para Cambaya, e que no dito Baluarte devia elle Governador applicar as forças para o vigor da resistencia.

Era vulg.

Todo o mundo créo este discurso artificioso, e simples do perfido Guzarate, congratulando-se mutuamente os soldados por lhes chegar o fim dos seus tra-

Era vulg. trabalhos, como desprezando os perigos do temeroso assalto. Para elle se movêraõ os inimigos no dia dez de Agosto com todas as suas forças precedidas de hum corpo de quatorze mil dos seus soldados mais destemidos, que se haviaõ avançar ao Baluarte da mina. A maneira desordenada, com que elles a cada passo investiaõ, e recuavaõ, metteo ao Governador na desconfiança, de que o Baluarre estava minado; que o transfugo na sua relaçaõ o enganára; e que nos effeitos da mina os Barbaros firmavaõ as esperanças da victoria. No mesmo instante fez aviso a D. Fernando de Castro, para que elle, e todos os defensores do Baluarte o desamparassem, até verem os estragos, que nelle fazia o fogo, que naõ tardava em rebentar.

Já todos hiaõ a obedecer ás ordens do seu Chéfe, quando Diogo de Reinoso demasiadamente intrépido, com valor desgraçado lhes clama: Que he isto, senhores, obriga-vos o temor da mórte a deixar o lugar que huma vez occupastes, fugindo sem vêr de que?

Con-

Conforma-se essa acçaõ com a vossa honra? Eu publicarei por hum covarde ao que desamparar o seu posto. A estas vozes de hum Moço, que já na viagem do Estreito déra mostras da sua temeridade, voltaõ todos, e elle he a causa de se tornar em devisaõ a ordem de hum General. Ao mesmo tempo rebenta a mina com estrondo horroroso, e estrago lamentavel. Voaõ pelos ares feitos pedaços o inconsiderado Reinoso; D. Fernando de Castro na idade de dezanove annos, levantado, para assistir á acçaõ, de huma doença, que a natureza fez leve, e o Reinoso mortal; D. Joaõ de *Almeida*, Gil Coutinho, Ruy de *Sousa*, *Luis* de Mello, Alvaro Ferreira, *Tristaõ* de *Sá*, e outros até sessenta, que tendo até entaõ obrado acções dignas dos bronzes immortaes, acabáraõ com fim taõ tragico, por obedientes ás vozes de hum temerario. D. Diogo de Sousa com huma lança na maõ foi levado por hum troço de parede ao interior da Fortaleza; aonde ficou em pé sem receber lezaõ. Na mesma figura cahio no campo hum soldado, que os

Em vulg.

Em vulg. os Barbaros sem piedade fizeraõ em postas.

Dissipado o fumo, vista a ruina do Baluarte, correm a elle de tropel quatorze mil homens, gritando victoria. Mas admira-te, valor; suspende-te, confiança; esforça-te, credulidade; e nada duvido que cinco homens Portuguezes plantados sobre os destroços abrazados, elles saõ cinco Corifeos intrépidos, que a tanta multidaõ offerecem os peitos como muralha mais firme, que as arrazadas paredes. Vivaõ immortaes na memoria os nomes de Antonio Peçanha, de Bento Barbosa, de Sebastiaõ de Sá, de Bartholomeo Correa, do Mestre Joaõ, Cirurgiaõ-Mór, que longo espaço de tempo sustentáraõ todo o pezo do campo contrario sem moverem hum pé, promontorios da constancia, espectaculos da admiraçaõ, huns homens, que tendo lugar taõ illustre na verdade da Historia, elles nos estaõ parecendo o espirito da Fabula. Sem alteraçaõ no animo, impavido na face do perigo, D. Joaõ Mascarenhas chega com quinze soldados ao lugar do combate, aonde

de os olhos atonitos mandaõ toda a admiraçaõ para as mãos, a invéja honrada emprega todo o furor nos golpes. A si mesmo se excedeo D. Joaõ, já naõ lembrado de que era Chéfe, mas hum soldado da fortuna no poder do perigo commum. Em vulg.

Estes vinte homens pozeraõ aos Turcos em admiraçaõ, suspendendo a todos, degollando a muitos. Quando elles se consideravaõ perdidos, quando queriaõ retroceder, o valor se lhes redobrava, tomavaõ corage nova os espiritos; o combate fervia, os inimigos naõ se avançavaõ. Entaõ entrou pelo Baluarte o Esquadraõ das Matrônas carregadas de armas, e munições, na sua tésta 'a memoravel Isabel Fernandes armada com huma chuça, que entrou a ensopar no sangue contrario, mettida no centro dos vinte defensores generosos. Correo a voz de que o Baluarte perdido, e ella foi o seu soccorro. De todos os outros póstos vinhaõ soldados a buscar a mórte entre os companheiros, que admiráraõ columnas de marmore immóveis a tantos repellões, e el-

Era vulg. elles se levantaõ outras suas semelhantes. Apparece a confortallos o Padre Joaõ Coelho com a Imagem arvorada de hum Santo Crucifixo, que communiça aos seus Fiéis esforços divinos. A cada qual dos seus golpes cahia mais de hum inimigo: muitos os mórtos, principiaõ os vivos á perder os alentos, a declarar-se a nosso favor a victoria, á retirarem-se os Barbaros.

Neste formidavel combate, que durou do romper do dia até noite fechada, perdêraõ elles 1Ↄ100 homens mórtos, e feridos. Dos nossos os sessenta abrazados na mina, depois alguns na defensa, e dos cinco sómente o Mestre Joaõ depois de obrar maravilhas. A noite naõ foi hum tempo de repouso para os sitiados. D. Joaõ Mascarenhas a empregou toda inteira em retirar de baixo das ruinas aos cadaveres, que as mulheres sepultáraõ com religiosa piedade, e em reparar a bréchá, que appareceo com figura de defensa, quando rompeo a luz do dia. Depois chamou o Governador á Conselho os Officiaes, e Soldados, que restavaõ

vaõ com vida, e tendo-os suspensos na expectaçaõ de o ouvirem, elle lhes falla neste tom heróico: Vós, senhores, estais vendo esta Praça reduzida ao ultimo abatimento, o soccorro longe, o mar fechado: vós naõ ignoraes, que tudo nos falta: a maior parte dos nossos amados companheiros, a terra a esconde: outros jazem nos lentos enfermos, e feridos: só para a sua assistencia saõ poucos os que estamos sãos. Eu sou testemunha do grande valor, e pasmosa constancia, com que até agora vos tendes conduzido. Destas duas virtudes, que vos ornaõ, infiro eu que *naõ haverá* entre vós hum só, que duvide dar a vida pelo nome de Jesus Christo combatendo contra os inimigos da Religiaõ. Depois, lembrando-me da honra, creio que vós preferireis huma morte illustre á affronta de cahir nas mãos de huma Naçaõ perfida. Eu vos chamei para vos dizer com estes dous objectos á vista, que a minha resoluçaõ he defendermo-nos até consumirmos as munições, gastarmos os poucos viveres, e depois dar fogo

Era vulg.

aos

Era vulg. aos edificios, encravar a artilharia, e corpo perdido botarmo-nos sobre esses Barbaros com a espada na maõ, e pelo centro delles, ou abrirmos hum passo, que se conte por façanha unica, ou morrermos todos como Heróes Christãos com a gloria desta especie de martyrio.

Callou D. Joaõ Mascarenhas, e percebeo na complacencia dos animos, no alvoroço dos espiritos, que a todos os seus camaradas lhes tardava o momento feliz de hum feito taõ heróico. Todos lha prometêraõ ser companheiros inseparaveis da sua fortuna em qualquer lance, até o ultimo. Cheias as almas do corage sublime, ellas entráraõ a olhar para os Barbaros como instrumento da sua felicidade; para a morte como vestibulo pisado, que os introduzia no Templo da Honra. Mais que nunca o Povo fiel, unido com hum só coraçaõ, e huma só alma, quando se prevenia para huma defensa, como se entaõ principiasse o sitio; elle dizia ás munições, que se acabassem; aos viveres, que perecessem para se lhe

naõ

naõ retardar a glória da maior heroicidade; que os futuros viventes entre as épocas mais brilhantes a apontariaõ com o dedo por primeira.

Era vulg.

CAPITULO II.

Da viagem de D. Alvaro de Castro em soccorro de Dio com os mais successos depois da sua chegada.

NAõ eraõ sós os sitiados de Dio no soffrimento dos trabalhos. Quando elles brigavaõ com homens, D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes contendiaõ com os mares. Passados trabalhos immensos, este Fidalgo chegou alagado a Baçaim. Quiz attravessar o golfo, e mais alijada a carga, e naõ podendo romper as ondas, arribou á mesma Praça. No outro dia entrou nella D. Alvaro sem alguma differença na fortuna. Appareceo o caravellaõ de Antonio Moniz Barreto na figura dos mais, e querendo tomar o porto, foi maior o seu perigo. No trabalho pelo salvar observou elle, que huma pequena gal-

ve-

Era vulg. veta andava com ſegurança ſobre a flôr medonha de mares horrendos, e em ſegredo a fretou a ſeu dono para paſſar a Dio. Eſtando na praia para ſe embarcar, chegou Garcia Rodrigues de Tavora a pedir-lhe o levaſſe comſigo. Antonio Moniz lhe reſpondeo, que a ſua embarcaçaõ era muito pequena para accommodar Fidalgo taõ grande: que quem o viſſe ir nella naõ diria que a galveta era de Antonio Moniz, ſenaõ de Garcia Rodrigues. Com eſta delicadeza ſe tratavaõ entaõ na India os negocios da honra. O Tavora lhe reſpondeo que elle queria ter a de o acompanhar com a praça de ſeu ſoldado, e que aſſim lho declararia por eſcrito para a todo o tempo conſtar. Com eſta condiçaõ embarcou Garcia Rodrigues de Tavora na galveta de Antonio Moniz Barreto.

Eſtando ella para ſe levar, appareceo na Praia o corpulento, valeroſo, e impavido homem, Miguel de Arnide, clamando: Como ſem mim paſſais a Dio? Foi-lhe reſpondido de dentro: Naõ cabeis cá. Entaõ o intrépido ſolda-

dado, tomando a espingarda na boca, se lançou ao mar para ferrar a galveta, que hia levada. A vista desta gentileza, Antonio Moniz a fez parar para receber o soldado, dizendo-lhe, que só nelle levava a Dio hum grande soccorro: elogio profetico para estimular o valeroso Arnide, que no desempenho delle fez, que se contasse pelo número dos seus golpes o das cabeças cortadas aos inimigos. Com constancia pasmosa, soffridos trabalhos incriveis, chegou a galveta a Dio. Bastou a vista destes poucos homens para resuscitarem os espiritos. Cresceo o alvoroço, quando todos ouvirão dizer a Antonio Moniz, que D. Alvaro ficava com sessenta navios em Madrefavat, e que naõ tardaria dous dias. Depois em particular descobrio elle ao Governador, como D. Alvaro emproando duas vezes o golfo, naõ podendo cortar os mares, os navios se desgarráraõ por differentes pórtos, e elle ficáva arribado em Baçaim.

Era vulg.

No meio dos maiores perigos foraõ hospedados estes dous Fidalgos: Antonio Moniz Barreto no Baluarte Saõ

Era vulg. Thomé, e Garcia Rodrigues de Tavora no de S João. O primeiro despedio logo a galveta para vir seu primo Luís de Mello de Mendoça, como elle em Baçaim lhe promettêra; e sendo passados quatro dias depois do estrago da mina, elles entrárão a vêr espantoso o semblante da guerra. Rumecaõ inchado com a esperança de successos semelhantes ao passado, fez minar os Baluartes S. Tiago, S. Jorge, e S. Thomé; mas D. João Mascarenhas instruido pela sua mesma desgraça, deo taõ boas providencias, que as minas serviraõ de arruinar os mesmos fabricantes com morte de muitos. Cada vez mais teimoso, Rumecaõ continuava em novos progressos, repetia os assaltos, e por cima dos seus destroços conseguio alojar-se em alguns lugares, aonde plantou, como triunfantes, as suas bandeiras.

Já na Fortaleza naõ se viaõ mais que destroços; a metade do Baluarte S. Tiago perdido, a Igreja arrazada, as casas abatidas, os homens em estado miseravel, e para complemento da desgraça

fu-

fugiraõ para o campo dos inimigos tres escravos, que informáraõ a Rumecaõ, como na Praça naõ haviaõ mais que sessenta homens capazes de pegar em armas; que tinhaõ necessidade de tudo, impossibilitados para viver, e defenderse. Esta noticia determinou hum assalto, que Rumecaõ entendia ser o ultimo; mas encontrando nos sessenta Portuguezes a resistencia de milhares, mórtos muitos dos seus, teve de se retirar corrido, firme na idéa de que as informaçoẽs dos escravos tinhaõ sido falsas. Outros muitos acometteo a sua contumacia com igual successo. Nelles obráraõ poucos homens tantas maravilhas, que os mesmos Officiaes contrarios paravaõ para os vêr obrar, e Mojatecaõ naõ podendo conter o assombro, nem callar os elogios do seu valor, disse: Que os Portuguezes haviaõ nascido no mundo para dominar sobre o resto dos homens: Que a fortuna do Universo consistia em serem elles taõ poucos, arrinconados nas covas do ultimo Occidente, á maneira dos animaes ferozes, ou das viboras peçonhentas, que arrui-

Era vulg.

 nas

Era vulg. nariaõ o Genero Humano, se ellas fossem muitas.

Com a chegada a Baçaim da galveta, que levára Antonio Moniz a Dio, os animos entráraõ em agitaçaõ para marcharem a soccorrer a Praça por baixo dos mesmos perigos. Nella embarcou Luís de Mello, e nove soldados: o mesmo fizeraõ D. Jorge, e D. Duarte de Menezes em hum catur com dezasete; e em dous, com quinze camaradas cada hum, D. Antonio de Ataide, e Francisco Guilherme. O que estes homens soffrêraõ no mar com a firmeza das montanhas escurece a fama das aventuras dos Argonautas famosos, que daõ alma ás fabulas de Virgilio, e de Homero. Navegando por baixo da agua, e por cima da sediçaõ dos companheiros medrosos, estes fidalgos chegáraõ a Dio, e foraõ logo convidados por D. Joaõ Mascarenhas para o acompanharem a desalojar os Barbaros do Baluarte Sant-Iago. Elles os acomettêraõ com tanto impeto, que os que naõ morrêraõ no combate, acabáraõ precipitados do muro. Acudio Rumecaõ com

o groſſo do Exercito a ſuſtentar o poſto perdido, e a dar hum aſſalto geral nos lugares arruinados. Eſte foi o dia mais viſtoſo; porque ſobrevindo hum copioſo chuveiro, que impedio o uſo do fogo, toda a refega ſe ſuſtentou por ambas as partes com armas curtas. Todos os Fidalgos, eſpecialmente D. Joaõ Maſcarenhas, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Pedro, e D. Franciſco de Almeida, ſe fizeraõ invejar de amigos, e contrarios. Nelle ſe vio bem que o Barbaro, em quem o valeroſo Miguel de Arnide deſcarregava hum golpe, eſcuſava ſegundo.

Era vulg.

Seis horas havia, que durava o temeroſo conflicto, quando parou a chuva, e entráraõ os noſſos a ſervir-ſe das maquinas de fogo, que redobráraõ nos inimigos a carnage. Rumecaõ furioſo mandou tocar a retirada, deixando na falda dos Baluartes 1400 mortos, e agonizantes. Dos Portuguezes morrêraõ alguns ſoldados communs, dignos da immortalidade; mas ſem nome na Hiſtoria. Rumecaõ mettido em cólera,

já

Era vulg. já pela repetiçaõ dos máos succeſſos, já pelos ſoccorros, que vinhaõ chegando da India, já pela voz pública do grande apreſto, que o Governador fazia em Goa para vir em peſſoa deſcercar a Fortaleza; eſte determina forçar os inſtantes do tempo para concluir a acçaõ no avance, que ſe havia ſeguir ao effeito de huma grande mina no Baluarte S. Joaõ, em que mandou trabalhar voando. Os noſſos a contraminárað pela parte interior com hum muro, que quando ella rebentou ficou intacto.

Os Barbaros ignorando eſta defenſa ſe avançáraõ a montar o Baluárte, ſuppondo o paſſo franco. Elles encontraõ o reparo, que os faz retroceder, e torcem a marcha para a guarida de Antonio Peçanha, que com o impulſo do fogo abrio brécha dilatada. Ao meſmo tempo choviaõ as balas na Fortaleza, que por todos os flancos era atacada; fogo horrivel, largas horas continuado, que naõ offendeo huma ſó peſſoa, e todas eſtimáraõ o ſucceſſo por hum milagre. Ao contrario Rumecaõ, blaſfemo contra o ſeu Mafoma á viſta da noſ-

nossa resistencia, porque o dia declinava, mandou suspender o ataque para elle em pessoa o renovar no seguinte contra o Baluarte S. Thomé. Elle foi o mais temeroso de quantos a constancia heróica dos Portuguezes havia tolerado na longa duraçaõ do sitio. Todos os Baluartes foraõ atacados ao mesmo tempo por gróssos destacamentos, que divertiaõ o pequeno número da guarniçaõ para deixar menos defensavel ò Baluarte ameaçado.

Era vulg.

Contra elle se moveo o mesmo Rumecaõ com o maior poder. E còmo havemos nós persuadir á credulidade, que naõ for fatua, que Antonio Moniz Barreto com dous unicos homens aos seus lados esperou a pé firme na face do Baluarte S. Thomé o repellaõ de tantos milhares de soldados das Naçõens mais aguerridas do Universo? Immoveis no seu posto estes tres monstros de valór, dous delles que naõ tem nome, ò sustentáraõ largo espaço com á corage do Leaõ faminto, quando devóra à preza. Os inimigos, naõ os podendo affastar com o ferro, quizeraõ consumillos com

Q

Era vulg. o fogo. Antonio Moniz abrazado corria a refrescar-se nas tinas de agua. Hum dos dous Manlios, mais illustre que o defensor do Capitolio de Roma, lhe disse: Ah! senhor Antonio Moniz, vai-se, e desampara o Baluarte d'El-Rei? Naõ me vou, replicou elle, chego a apagar naquellas tinas o fogo, que me queima, e já volto. Senhor Antonio Moniz, lhe tornou o soldado, em quanto as mãos se naõ queimaõ, arda embora todo o corpo: deixe-se estar no seu lugar: naõ entrem os inimigos pelo que a sua falta deixa aberto. Assim o fez o magnanimo Fidalgo, que levou depois a El-Rei, e ao Infante D. Luís este generoso camarada, e com ingenuidade confessou na presença dos Principes a sua corage, a falta propria, e que da advertencia a taõ bom tempo dependeo em muita parte a segurança da Fortaleza naquelle dia terrivel.

Já com as forças lassas, os espiritos dos tres Heróes se queixavaõ da fraqueza da humanidade, que naõ lhes deixava impedir a entrada de muitos dos inimigos no Baluarte. Neste aperto chegá-

gáraõ a soccorrellos alguns magotes dispersos, que acudiaõ ao estrondo da pendencia. Elles tiveraõ tempo de tomar o folego; e como se lhes houvessem infundido nos mesmos córpos novas almas, tórnaõ á carga, e do Baluarte abaixo deitaõ enrolados os inimigos, como estopa abrazada na face da sua ira. Rumecaõ menos sensivel á perda, que affrontado do pejo, se retira confuso; assentando que multiplicar contra os Portuguezes os combates, era fornecer-lhe materia para engrossarem a arrogancia, que os fazia intoleraveis nas victorias. Nós perdemos o gosto a esta *pelo* successo infeliz de Antonio Correa, que o Governador mandou com vinte soldados tomar lingua ao campo dos inimigos. Estes homens, que na continuaçaõ do sitio tinhaõ feito façanhas memoraveis, e as obráraõ depois; agora se occupáraõ de hum susto panico taõ covarde, que naõ quizeraõ com tal Capitaõ investir quatorze Barbaros. Elle só os acometteo com huma espada, e rodela, mais facil a perder-se com honra, que a retirar-se sem ella.

Era vulg.

De-

Era vulg. Depois de brigar largo tempo foi prezo, e levado a Rumecaõ, que lhe perguntou, quanta gente havia na Fortaleza; que qualidade de soccorros, e em que tempo os esperavaõ de Baçaim; se o Governador da India viria a Dio em pessoa. Antonio Correa desmentio o informe precedente dos tres escravos fugidos, e fortificou em Rumecaõ a idéa errada, de que o haviaõ enganado. Elle lhe respondeo com espirito firme, e ar seguro: Que na Fortaleza estavaõ ainda robustos 400 homens determinados a defendella até darem a ultima gota de sangue: Que lhe haviaõ chegado muitas munições, e mantimentos: Que no dia seguinte se esperava o filho do Governador da India com 600 homens em huma grossa Armada; e que seu Pai naõ tardaria muito com todo o poder do Estado para lhe dar huma batalha, e lançallo da Ilha: resposta; de que irritado o Barbaro Rumecaõ, mandou que Antonio Correa fosse arrastado ao cabo de hum cavallo, e cortada a cabeça para se espetar em huma lança á vista da Fortaleza.

Quan-

Quando estas cousas acconteciaõ em Dio, D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes lutavaõ com as ondas, que outra vez os leváraõ arribados a Agaçaim. Dous dos seus navios tiveraõ differentes sórtes. O que mandava o Capitaõ Athanasio Freire foi varar em Surrate, aonde elle, e toda a tripulaçaõ ficáraõ prisioneiros de Sultaõ Mamud, que os mandou metter nas masmorras, em que tinha a Simaõ Feyo com outros Portuguezes. Ruy Freire pode soffrer os mares com constancia heróica, superior aos perigos, que venceo até chegar a Dio com admiraçaõ das gentes. Naõ sabedor da arribada de D. Alvaro, assegurou que vinha atravessando o golfo: noticia para os animos postrados taõ plausivel, que celebrada com applauso ruidoso, elle chegou aos ouvidos dos Barbaros, que conhecêraõ a causa, donde nascia.

Era vulg.

D. Alvaro de Castro, mais impaciente que a cólera dos mares, outra vez se lança a elles, e rompendo o golfo com os navios arrazados em poppa, houve vista da contra-cósta junto a Madre-

Era vulg. drefaval, aonde defcobrio huma grande não de Cambaya, que com carga de muita importancia vinha de Ormuz. Feita efta preza, appareceo na barra de Dio a defejada Frota de mais de 40 navios empavezados, e guerreiros, que deraõ de fi huma vifta aos noffos agradavel, aos Barbaros temivel. Na entrada do porto deo huma falva real á Fortaleza, a que ella refpondeo com outra naõ menos horrorofa para o campo, e Cidade, fobre os quaes, de ambas as defcargas, choveo huma innundaçaõ de ballas com eftrago de cafas, e de vidas. D. Joaõ Mafcarenhas defceo á porta do mar para receber a D. Alvaro de Caftro, a D. Francifco de Menezes, aos mais Fidalgos, e Officiaes, que levou nos braços como auxilios opportunos, que lhe traziaõ a falvaçaõ na ultima extremidade dos perigos.

O Governador apofentou a D. Alvaro no Baluarte S. Joaõ para vingar o fangue de feu irmaõ D. Fernando no lugar, aonde elle acabára a vida. D. Francifco de Menezes efcolheo o Baluarte S. Thomé, que era o mais arrui-

ruinado para exercitar o ſeu valor no poſto do maior riſco. Os 400 homens do ſoccorro foraõ diſtribuidos ſegundo a neceſſidade, e a ordem, já taõ mudado o ſemblante da guerra, que D. Joaõ Maſcarenhas eſtimava completos os triunfos da honra, os ſoldados olhavaõ com deſprezo para os inimigos, animados com a eſperança dos deſpojos. Como o Governador ſe vio taõ reforçado, entrou no projecto de tirar debaixo das ruinas do Baluarte S. Thomé hum groſſo canhaõ, que alli ficára enterrado, naõ tanto para elle o aproveitar, quanto para impedir, que delle ſe ſerviſſem os inimigos. Depois de muito trabalho inutil, tomou o expediente de o firmar com cabreſtantes, que o ſuſpendêraõ no ar. Rumecaõ quiz fazer-nos a injúria de cortar os cabreſtantes, e levar o canhaõ á viſta da noſſa face: manobra, que nos empenhou em combates viſtoſos, ſuſtentados pela corage de D. Franciſco de Menezes, e que foi cauſa do deſacordo cometido pelos ſoldados de D. Alvaro, como eu paſſo a referir no Capitulo ſeguinte.

Era vulg.

CA-

CAPITULO III.

Os soldados de D. Alvaro de Castro pedem amotinados a D. Joaõ Mascarenhas os leve a atacar os inimigos no campo, com os mais successos do sitio até a chegada do Governador da India.

Era vulg. OS successos acontecidos em Dio depois da chegada de D. Alvaro de Castro enchêraõ os seus soldados de huma confiança rodeada de presumpçaõ, que os pôz no risco de se perderem. Ella por huma parte; por outra os espiritos chamados de honra, ultimamente os sentimentos de hum temor imaginado os arrojáraõ a excessos indignos de homens, que faziaõ profissaõ das armas: huma profissaõ, que estriba as suas vantagens na obediencia devida aos Chéfes, que devem ser respeitados por alma das operaçoẽs militares. Em muitas cousas juntas se empregáraõ as vistas daquelles soldados; discorrêraõ sobre todas, e enganados com as imagens

gêns da propria fanteſia, determináraõ naõ ſeguir outro impulſo, que o da ſua meditaçaõ errada. Elles obſerváraõ o empenho dos Mouros para levarem do Baluarte S. Thomé o canhaõ, em que acabei de fallar, e o tiveraõ por affronta do ſeu valor. Elles viraõ depois da ſua vinda a facilidade, com que D. Joaõ Maſcarenhas arrojára os inimigos dos terraplenos, trincheiras, e de parte dos baſtiões, aonde ſe haviaõ poſtado, e ſe deixáraõ rodear da vaidade. Elles ouviaõ contar os effeitos das minas; que ainda os contrarios trabalhavaõ nellas; e ſobpreendeo-os o eſpirito do temor.

Era vulg.

Dominados deſtes agentes internos, que lhes offuſcavaõ os entendimentos, elles ſe armaõ, ſe juramentaõ, buſcaõ ao Governador, e lhe fallaõ neſte tom ſedicioſo: Que elles naõ tinhaõ ſoffrimento para tolerar aos Barbaros injurias intentadas, quanto mais a feita de preſumirem levar na ſua preſença hum canhaõ do Baluarte: Que já tinhaõ provas da ſua fraqueza, naõ ſó por elles os haverem lançado dos póſtos, que occupavaõ dos muros a dentro, mas po-

Era vulg. pela neceſſidade, a que os reduzíraõ de fazer novas linhas com que ſe cobriſſem: Que já ſabiaõ os effeitos, que as minas cauſavaõ na Praça, e que naõ queriaõ morrer abrazados na cóva á maneira das féras, como elle conſentíra, que acabaſſem tantos homens illuſtres; com láſtima ſem fim: Que neſtes termos, logo, e ſem demora os levaſſe ao campo a atacar os inimigos, ou para os vencerem em huma batalha, ou para elles morrerem como homens: Que ſe naõ executava o que lhe requeriaõ, elles ao meſmo tempo o dariaõ a conhecer por hum covarde, e elegeriaõ Capitaõ valeroſo, que na ſua téſta marchaſſe a moſtrar-lhes a cára dos valentes de Cambaya.

Em vaõ D. Joaõ Maſcarenhas, D. Alvaro de Caſtro, D. Franciſco de Menezes, e o Padre Joaõ Coelho quizeraõ obrigar eſtes homens a entrarem em razaõ, a perſuadillos, a ſobmettellos ás Leis Militares da ſobordinaçaõ. O tumulto creſcia, e D. Joaõ Maſcarenhas naõ teve mais remedio, que dizer-lhes com muita brandura: Á manhã vos farei

rei o gosto bem contra minha vontade pelo ser contra o serviço do Rei: Eu vos levarei aos perigos, que quereis; Deos permitta naõ vos arrependais. Muito estimarei vêr na occasiaõ valor verdadeiro a que agora reconheço huma arrogancia mal fundada. Amanheceo o dia seguinte com os amotinados na praça da Fortaleza pedindo a vozes altas a batalha. Quando appareceo D. Joaõ Mascarenhas, já D. Alvaro, e D. Francisco trabalhavaõ para os fazer mudar de sentimentos. Como nada conseguiaõ, D. Joaõ lhes disse: Deixai-os, Senhores; façamos-lhes a vontade; mas nós encommendemo-nos a Deos. A estas extremidades se vê reduzido hum General prudente, quando huma sediçaõ aberta toca as ballizas da insolencia; quando rompe os termos necessarios do respeito. Entregues os póstos da Fortaleza a cem homens com os seus Capitães, sahem a campo 500 soldados, a maior parte loucos, a pagar com o sangue dos fisudos, e com as vidas proprias o crime da desobediencia.

Eta vulg.

Marchava esta gente em tres bata-

Era vulg. lhões: os primeiros mandados por D. Alvaro de Castro, e por D. Francisco de Menezes; o terceiro por D. Joaõ Mascarenhas, que cobria o corpo de batalha. Os imaginados intrépidos entráraõ a sentir as difficuldades, ou a sopportar a pena de temerarios, logo que chegáraõ ás paredes, que elles tinhaõ de escalar. Entaõ os que haviaõ mostrado mais arrogancia, foraõ os primeiros, que perdêraõ a corage. A herva tinha crescido com as aguas do Inverno; estava mui alta; ella lhes servio, senaõ para defensa, para escondrijo, para hum disfarce do medo, aonde sem os novos sustos da vergonha, o sangue lhes podesse circular nas veias. D. Alvaro, e D. Francisco com alguns bravos, que os seguíraõ, montáraõ aquelles muros, quando chegava D. Joaõ Mascarenhas, que tendo mostrado em taõ longo sitio, que os seus olhos eraõ de lince, os escondidos na herva naõ lhe escapáraõ á vista.

Como hum raio se lançou a elles o Chéfe magnanimo, e lhes diz: Ó lá, senhores valentes, he isto o que vós

me

me promettestes, quando me pedistes, que vos trouxesse a este combate? Ahi tendes de traz desse muro o inimigo, que buscais. Ide a elle, naõ o procureis entre a herva, que ainda para Barbaros he azilo vergonhoso, só proprio para brutos. Mas ah! que longa distancia vai das vossas mãos á vossa lingua! Com esta rompestes a obediencia na Praça; sem aquellas viestes perder a honra ao campo. Fallando assim o magnanimo D. Joaõ, os foi levando de tropel diante de si, os fez subir o muro, e os poz na frente dos inimigos, que já se batiaõ com D. Alvaro, e D. Francisco. O seu numero monstruoso cobertio pelos Generaes Rumecaõ, Jusarcaõ, Mojatecaõ fez bem de pressa perder terreno aos mais avançados, sem lhes valer o extremo de valor heroico, que obravaõ infelizmente aquelles dous Fidalgos, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida; com outros Fidalgos, e Officiaes bem dignos dos nossos Fastos, se estivessem

Era vulg.

Era vulg. entretidos em huma acçaõ regulada com juizo.

Quando o terror ſe tinha apoderado de quaſi todos os corações, D. Joaõ Maſcarenhas fazia quanto ſe podia eſperar de hum dos maiores homens. Baſtava eſte dia para elle encher com os ſeus ſimulacros o Templo da Honra. Elle peleija, ſoccorre, anima: elle ordena a ſua gente o melhor que póde, leva-a ao fogo, e a retrocede: elle acode aos mais apertados, ajuda-os, e os ſalva: elle mette em uſo quantas induſtrias inventou a arte para ao menos fazer huma airoza retirada. D. Franciſco de Menezes rodeado de cadaveres, a que com as ſuas mãos arrancára as almas, de huma balla pelos peitos cahio em terra morto: nós perdemos nelle hum Heróe. D. Alvaro de Caſtro, que peleijava com conſtancia, e gentileza, huma pedra na cabeça o derruba: Jorge de Mendoça, e ſeu irmaõ Luis de Mello o ſalváraõ além do muro. O ſegundo deſtes Fidalgos recebeo entaõ hum tiro de eſpingarda, de que pouco depois foi morrer a Chaul: falta laſtimo-

mósa de hum coraçaõ superior ao medo. Era vulg.

Noticias taõ infaustas acompanhadas da voz, de que no campo tudo estava perdido, e que acudisse á Fortaleza, antes que os Guzarates a levassem; ellas foraõ trazidas a D. Joaõ Mascarenhas, que ainda se sustentava como hum Baluarte na face do inimigo. Elle as ouve com paciencia, e corre a salvar as reliquias derramadas pelo campo. A dôr se lhe dóbra, quando vê cahir entre os mórtos a D. Francisco de Almeida, a Lopo de Sousa, a Ruy Freire, a Francisco Guilherme, mal ferido a Nuno Pereira, que foi acabar no caminho de Goa, sem lhes poderem valer os prodigios de corage inimitavel, que obravaõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que encarniçado na refrega naõ sentia dezasete feridas, só sensivel á honra, da dôr naõ lembrado. Estes Fidalgos com as cóstas no muro sustentavaõ o pezo dos inimigos para darem lugar aos camaradas a saltallo.

Com

Era vulg.

Com espectaculo semelhante se encontrou D. Joaõ Mascarenhas, que chamando os impulsos da alma para a lingua, gritava aos desmandados: Que esquecimento he este da reputaçaõ Portugueza? Qual dos nossos passados na India fugio com affronta pelo temor da morte? Retirai-vos, sim; mas seja com honra: se o haveis fazer sem ella, morrei todos, e eu seja o primeiro. Dizendo isto, com a espada na maõ se botou aos inimigos como o Leaõ feróz no meio do aprisco, aonde ha de aterrar para sobprender. Homem vistoso appareceo D. Joaõ ainda aos olhos do medo: rodeado de Barbaros, o pó pegado ao suor do rosto, as armas em partes rotas, cobertas de sangue, a espada já sem fios dando golpes mais verdadeiros, e mais féros, que os da clava na maõ de Hercules, em fim, á sombra do seu valor retirando-se os Portuguezes com outra ordem.

Porque o avisaõ que Rumecaõ para ganhar duas victorias no mesmo dia, mandára a Mojatecaõ com cinco mil homens investir a Fortaleza, que esta-

va

va, em grande perigo; D. Joaõ Mascarenhas, sem alterar a marcha no ultimo lugar da reta-guarda, em hum continuo volta caras, vai pela parte da praia a metter a gente na Fortaleza, levando setenta mal feridos, e deixando no campo trinta mórtos: perda diminuta em tanto destroço, mais lastimosa na qualidade, que no número; mais sensivel outra vez pelo perigo imaginado de D. Alvaro, que ainda estava sem falla no lugar, em que seu irmaõ ficou sem vida. Mojatecaõ, que andava ás mãos no Baluarte S. Thomé com o Capitaõ Luís de Sousa, este basou sem mais soccorros para o metter em derrota com perda de mórtos, e feridos.

Era vulg.

Rumecaõ soberbo com a victoria, além das festas, que celebrou, das novas honras, que recebeo de Sultaõ Mamud; elle entrou a mostrar hum alto desprezo da vinda do Governador da India, que dizia esperar para lhe arrancar da maõ as bandeiras, com que havia varrer as Mesquitas do seu Mafamede; a mandar continuar com dobrado rigor o sitio, logrando a vantagem de

Era vulg.

levar o canhaõ do Baluarte S. Thomé; a fabricar com grande despeza huma ponte de barcas sobre o rio, que passava da Alfandega á Villa dos Rumes; a desenhar o plano de huma nova Cidade no lugar, aonde tinha abarracado o Exercito, á qual regulou os quarteis, talhou as ruas, marcou as praças, e fez abrir os fundamentos de hum Palacio para a sua pessoa: tudo idéas da vaidade para persuadir aos Portuguezes, que elle os despresava; que já estimava a Ilha de Dio como propria; e que a destinava para lugar da sua assistencia effectiva, que seria respeitavel por bem defendida depois de entrar na posse da Fortaleza, como esperava.

A voz espalhada pelos inimigos, de que elles a tinhaõ ganhado, chegou aos Reinos de Balagate, passou a Goa, e ferio os ouvidos de D. Joaõ de Castro, que soffria, e dissimulava a dôr. Sem passára o Inverno; os mares estavaõ tratavels, e quando elle suspirava por novas de Dio, chegáraõ á barra de Goa seis nãos do Reino, de que era Commandante Lourenço Pires de Tavora,

que trazia ás suas ordens os Capitães Era vulg.
D. João Lobo, João Rodrigues Peçanha, Fernando Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e o memoravel D. Manoel de Lima outra vez mandado á India com o despacho de Ormuz, por instancias do Conde da Castanheira, para evitar o desafio, que elle esperava ter dissimulado com seu primo Martim Affonso de Sousa, quando chegasse da India a Lisboa.

A este gosto se ajuntou o da vinda da náo, que levára D. Alvaro de Castro a Dio, e nella vinhaõ tambem as cartas de D. Joaõ Mascarenhas, que davaõ miuda conta de todos os successos do sitio com a da mórte de D. Fernando de Castro. Seu Pai sopportou este golpe como Heróe Christaõ; em público imperturbavel, só attento aos negocios do Estado; em particular deixando á natureza fazer os seus officios, todo sensivel á saudade.

No mesmo dia chegou a Goa o cadaver de Nuno Pereira, que morrêra no mar das feridas recebidas no infeliz choque de Dio. Concluidas as honras

ou se-

Era vulg. sepulchraes de Fidalgo taõ benemerito, D. Joaõ de Castro mandou fazer huma Procissaõ solemne de acçaõ de graças, a que assistio vestido de escarlate para mostrar ao Povo, que a conservaçaõ de Dio lhe era mais estimavel, que sensivel a perda do filho. Immediatamente fez partir a Vasco da Cunha com ordem de ajuntar por aquellas costas os navios desgarrados da Armada do seu filho D. Alvaro, e os conduzir á Fortaleza. Na sua reta-guarda expedio a Luiz de Almeida com seis caravellas carregadas de muniçoẽs, e mantimentos: reforços importantes, que pozéraõ a Praça em estado de naõ temer as tentativas arrogantes de Rumecaõ soberbo.

D. Alvaro de Castro com tantas embarcaçoẽs no porto, ufano dos poderes, que tinha na Armada, mandou ao mesmo Luiz de Almeida, que com os Capitães Payo Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonso fosse á barra de Surrate tomar as náos de Meca, que se esperavaõ. Cumprio elle as ordens com fortuna; e nas prezas, que fez, captivou

por hum Genisaro, parente de Rume- Em [illegible]
caõ; que o Almeida estimou como hum
thesouro. A sua entrada em Dio teve al-
guma cousa de horrorosa para os inimi-
gos pelo espectaculo, que elle lhes
apresentou de muitos cadaveres dos seus
nacionaes pendurados nas antenas dos
navios. Rumecaõ offereceo grossas som-
mas pelo resgate do Genisaro, seu pa-
rente; mas D. Alvaro de Castro recu-
sando-as com altivez, lhe mandou de
graça a sua cabeça em hum prato. O
Barbaro estimulado da injúria, e da des-
humanidade, desaffogou a cólera em
minar varios Baluartes até o dia pri-
meiro de Novembro, em que os suc-
cessos o desenganáraõ; em que já que-
ria ceder á porfia; em que atonito das
nossas providencias, o juizo lhe falta-
va; e em que o temor da vinda de D.
Joaõ de Castro, por mal disfarçado,
naõ podia estar encoberto.

Este Chéfe supremo, sempre vigi-
lante nos soccorros de Dio, já a 15 de
Outubro tinha prompta a Armada de
Goa, e ajuntando nella os soccorros de
Cochim, e Cananor, a 17 se fez á vé-

Em vulg. la, encarregando o Governo ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa: A Armada era composta de doze náos de alto bórdo, e de outras oitenta embarcações de differentes lotes, em que embarcáraõ quatro mil homens com toda a Nobreza, entre ella Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, Joaõ Falcaõ, D. Joaõ Manoel, Luís Alvares de Sousa, D. Antonio de Noronha, D. Diogo de Soto-Maior, D. Manoel Deça, outros muitos Fidalgos, e Officiaes carregados de serviços, huns montes de valor, especialmente o famoso D. Manoel de Lima, que nós vamos a vêr antes de chegar a Dio hum raio devorante por toda a cósta de Cambaya.

CA-

CAPITULO IV.

O Governador D. João de Castro despede de Baçaim a D. Manoel de Lima para infestar a costa de Cambaya: elle chega a Dio, e resolve dar batalha campal ao Exercito de Sultaõ Mamud.

CHEGADO o Governador da India á Cidade de Baçaim, aonde tinha de esperar alguns navios, que vinhaõ de differentes pórtos para lhe engrossarem a Armada; elle destacou com seis a D. Manoel de Lima para aprezar na Enseada de Cambaya as embarcaçoẽs, que transportavaõ viveres ao Exercito de Dio. Este Fidalgo, por lhe embaraçarem baterse em Portugal com Martim Affonso de Sousa em desaggravo da injúria, que lhe fizéra na India; morria de ambiçaõ por se assignalar em feitos de tanto estrondo, que caracterisassem a sua corage superior á do seu Rival. Por outra parte picado do cerco de Dio, abrazado em odio contra os Gu-

Era vulg.

Era vulg. zarates, determinou executar de sorte as ordens, que esquecida a humanidade, naõ deixasse vêr senaõ effeitos do rancor. Elle foi correndo a cósta de Damaõ até Gandar, aonde tomou trinta cotías com bom número de inimigos. Destes reservou sessenta: aos mais mandou fazer em quartos, que lançou com a enchente da maré nas embocaduras dos rios para irem mostrar ás povoações o horroroso espectaculo, naõ da guerra, mas da vingança.

Depois desta expediçaõ, que foi hum pequeno ensaio das representações, que se haviaõ seguir, D. Manoel de Lima entrou pela barra de Baçaim com os sessenta Guzarates tremolando nos mastos dos seus navios como flamulas, e galhardetes, espantosos á vista, ao furor gratos. O Governador satisfeito da empreza o tornou a mandar com trinta vélas, em que embarcáraõ todos os Fidalgos vindos do Reino, para que fosse executar nas terras de Cambaya o mesmo, que acabava de fazer nos seus mares. Entrou D. Manoel pela barra de Surrate; e com confiança, como fun-

foi

Era vulg.

foi pelo rio a cima, até dar na povoaçaõ chamada dos Abexins, que fiada na sua grandeza, e nas tropas numerosas, que a guarneciaõ, fez huma bisarra defensa. Ella estimulou mais o furor para a povoaçaõ ser entrada, espada em maõ, toda mettida a fogo, e sangue, sem se perdoar a sexo, ou idade para derramar o terror em toda a costa. Arderaõ edificios brilhantes, formosos navios, innumeraveis provimentos, riquezas immensas: incendio, que a molher, e filhos de Humecaõ estiveraõ vendo da sua Fortaleza do Sarrate à cólera, que só deixou vivo a hum Guzarate com as mãos cortadas para nesta figura nisto ir levar aos seus paisanos as novas do successo.

Ao longo da costa appareceo a infeliz Cidade de Anfote, a que D. Manoel de Lima mandou pôr as prôas. A resistencia, que os nossos encontráraõ em terra, excedeo á da Villa dos Abexins; mas o successo foi o mesmo. Rios de sangue corriaõ pelas ruas, naõ sem lastima da mesma cólera e de muitas damas [illegible], que [illegible] com a

bel-

Era vulg. belleza as ternuras, nos combates de affectos encontrados, naõ tirou a inclinaçaõ o lugar á ira. Todas morrêraõ, e os homens todos acabáraõ; tudo consumio o fogo, e em tantas deshumanidades pareciaõ mais que féras os Portuguezes, e humas impiedades as licenças da guerra. O mesmo destino experimentáraõ outros muitos lugares daquella cósta, que leváraõ os éccos dos seus gemidos á Corte de Amadabá, para animar em toda a India o que ella levantou bem alto, para imprimir em D. Manoel de Lima a nota de barbaro, e nos Portuguezes a mancha de cruéis. Elle se foi incorporar com D. Joaõ de Castro na Ilha dos Mórtos, ou de Beth, donde se fizéraõ á véla a seis de Novembro, e no mesmo dia avistáraõ as postradas ruinas da Cidade de Dio.

Os Portuguezes havia tantos mezes engolfados no centro dos trabalhos, em fim avistáraõ a grande Armada da India, que cobria os mares, vistosa, e guerreira, formidavel, e brilhante: huma vista, que fez levantar a cabeça aos consternados, porque lhes chegava a re-

redempçaõ. Coroáraõ-se de bandeiras os entulhos dos Baluartes arrazados; respondeo huma respeitavel salva á horrorosa, que acabava de dar a Armada; subíraõ aos muros vestidos de festa os homens, e mulheres, que tantos tempos lutavaõ com as agonias da mórte; adiantou-se Lourenço Pires de Tavora a ir vêr no mar o Governador; seguio-o D. Joaõ Mascarenhas, que lhe hia dar conta de tantos dias formosos, e offerecer-se para o ultimo, que esperava mais que todos luminoso. D. Joaõ de Castro, que unia ao valor a agilidade de Cesar, no mesmo instante mandou *vir a bórdo* Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulveda, outros Fidalgos, e Officiaes velhos de capacidade, e experiencias.

Era vulg.

Tendo-os a todos presentes, e feito a D. Joaõ Mascarenhas os obsequios, e elogios, que merecia por huma defensa taõ bella; o Governador lhes pedio o seu parecer sobre o que devia fazer a respeito dos inimigos, que nos movimentos obrados depois da sua chegada, no fogo extraordinario com que

Era vulg. batiaõ a Fortaleza, ou queriaõ testemunhar o prazer de terem huma nova materia para o seu triunfo, ou determinavaõ cobrir o medo de baixo das apparencias de confiança: Que lhe parecia injurioso vir o Governador da India em pessoa com as forças do Estado fazer a Rumecaõ a guerra defensiva: Que por outra parte considerava, que expunha as mesmas forças ás contingencias de huma batalha com tanta desproporçaõ: duvidas ponderosas, sobre que devia decidir o Conselho, e deliberar se se havia, ou naõ ir direito aos inimigos, e forçallos nos seus mesmos intrincheiramentos. Largo tempo foi a materia disputada; mas seguio-se a affirmativa, depois que a energia, e authoridade de Garcia de Sá fez inclinar a balança a este partido, ao qual o Governador estava já resoluto.

Na mesma noite se concertou o projecto, e como melhor se abraçou o que D. Joaõ Mascarenhas tinha concebido. Ficou assentado, que nas tres noites successivas a gente desembarcasse sem ser sentida, e por escadas de corda sobisse

á

a Fortaleza: que a Armada ficasse naquelle lugar até ao dia destinado para a batalha, em que entraria no porto ao signal de tres foguetes, que se deitariaõ da Fortaleza: que ella representaria trazer a bordo todo o Exercito, mostrando aos Barbaros muitos murrões accesos, mettendo pelas perchas das fustas muitas lanças para os enganar: que viria fingindo o desembarque pela parte da Alfandega, aonde forçosamente acudiria o grosso dos inimigos: que entaõ sahiria o Governador da Fortaleza com todo o Exercito a escalar o muro, forçar as trincheiras, e dar a batalha a Rumecaõ em campo aberto. Com felicidade se executou a primeira parte do projecto nas tres noites seguintes. Em todas ellas, para melhor cobrir o designio, os Capitães Luis de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes Moncade com tres fustas, e o Commandante do Baluarte do mar estiveraõ a servir o campo contrario com hum fogo sem intervallos, que o metteo em confusaõ.

[illegible]

Entre tanto Rumecaõ naõ andava

Era vulg. menos viligante. Elle guarneceo com 15000 homens, em que entravaõ os Rumes, Turcos, e Estrangeiros renegados, o muro de pedra, que fora feito no principio do sitio para cobrir o Exerçito; pondo sobre elle innumeraveis artificios de fogo, e outros instrumentos de defensa para serem arrojados sobre os Portuguezes, se intentassem escallalo para lhe darem batalha. Lembrado de que o poderiaõ atacar pela parte do Baluarte arrazado de Diogo Lopes de Siqueira, que ficava para a do mar, aonde acabava o muro, o mandou renovar, plantar artilharia, e guarnecer com 700 homens escolhidos. O mesmo fez nas cabeças da ponte, que atravessava o rio, aonde postou 700 soldados. Destribuio a ordem do resto do Exercito, que era o grosso delle, numeroso de mais de 40000 homens, agora reforçado pelos Generaes Accedecaõ, e Alucaõ com mais 50000 de refresco, para esperar os Portuguezes a pé firme além do muro nas linhas, e trincheiras, que na sua fantasia lhe seguravaõ a victoria.

O

O Governador D. Joaõ de Castro, logo que teve a gente recolhida na Fortaleza, dispoz da sua parte a ordem da batalha. Para cobrir a vã-guarda, que se havia compôr de 500 Portuguezes, 600 Canarins com o seu Capitaõ Vasco Fernandes, e 500 Nayres do Rei de Cochim, foi nomeado o grande D. Joaõ Mascarenhas, que merecia este lugar do maior perigo no ultimo dia da guerra em premio dos muitos, que em todo o discurso della deixava derrotados. Para seus camaradas, que foraõ inseparaveis, se lhe offereceraõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Joaõ Manoel, Joaõ Falcaõ, D. Manoel da Silveira, Antonio da Cunha, Francisco de Azevedo Coutinho, Jorge de Sousa, e outros Fidalgos, que elle tinha gerado no sitio filhos da sua disciplina. D. Alvaro de Castro havia mandar a segunda columna de 500 homens, em que entravaõ todos os Fidalgos, e Officiaes da sua Armada. D. Manoel de Lima tinha de cobrir a terceira de igual número de gente, e com ella a Nobreza, que o acompanhou

Era vulg.

nas

Era vulg. nas expedições referidas da enfeada de Cambaya. O Governador se reservou o corpo da batalha composto de mil Portuguezes, alguns Canarins, e Malabares: toda a tropa hum Exercito de quatro mil homens resolutos a atacar sessenta mil dentro das suas trincheiras. Os Fidalgos velhos nos annos, corifeos robustos, e intrépidos na corage, se haviaõ pôr aos lados do Governador, para o Conselho com cabeça de Nestores, para o combate com mãos de Achilles.

Amanheceo o fausto dia onze de Novembro, ultimo do prolongado sitio de cinco mezes, e dous dias. Nelle appareceo o grande D. Joaõ de Castro no terreiro da Fortaleza, representando o cargo na pessoa. A magnificencia della, e a alegria do semblante foraõ para a sua gente os primeiros presagios da victoria. A sua primeira acçaõ foi mandar levantar nelle hum Altar, em que Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscanos, celebrou o sacrificio tremendo, e deo a Communhaõ aos soldados. Na sua presença preparava-

parou Deos a meza em Dio contra aquelles, que tanto os haviaõ attribulado. A piedade do Governador, e dos Fidalgos fez edificante este acto religioso. Depois delle, dizem, que mandára tirar as pórtas da Fortaleza, raxallas, e guizar com ellas hum almoço para os soldados. Muito faria elle em as mandar arrançar dos couces para com esta apparencia de falta de refugio lhes dar a entender, que os levava ao campo, ou a vencer, ou a morrer. Dados estes confortos aos córpos, e aos espiritos, o Governador posto em parte, aonde todos o podessem ouvir, *lhes fallou neste sentido*;

Era vulgar

Nós vamos a emprehender a acçaõ mais gloriosa de quantas se tem obrado na India, depois que nella entrou D. Vasco da Gama até agora. Eu naõ necessitava fazer-vos outra lembrança para estimular o vosso valor. Sei que sois Portuguezes; que amais a honra sublime; que estais mettidos na occasiaõ de ganhar esta gloria singular; que mais tenho, que dizer-vos? Que ha mais, que possa lembrar-vos? Ah! bravos Portu-

Era vulg. tuguezes! Digo-vos, lembro-vos o credito da Patria, a reputaçaõ do Rei, o respeito da Religiaõ, a gloria de Deos: Basta. Estou certo, que obrareis segundo estes exemplares, que se vos mostraõ no Monte Santo da vossa herança, donde vos vem os soccorros para poderdes tudo no auxilio daquelle, que vos conforta. Callou o Governador, e o Custodio dos Franciscanos arvorou em huma lança o Madeiro, aonde reinou Deos, e nelle cravado o Transumpto Sagrado de Jesus Christo. A esta vista todo o Exercito se baqueou peitos em terra para adorar o Redemptor; e faltando as vozes da lingua, e o pezo das lágrimas, todo elle clamou: Batalha.

Sem embargo que a Fortaleza ficou com as portas arrancadas, o Governador deixou nella a Antonio Freire com 300 homens, que a guardassem. Promettidos premios aos primeiros, que montassem o muro, destribuidas as ordens para se naõ dar quartel a alma viva; como já raiava a Aurora, se fez da Fortaleza o signal á Armada. Nicoláo Gonçalves, que tinha a seu cargo

a

a manobra do falso desembarque, fez levantar as ancoras a sessenta navios de remo, e mettellos em movimento com grande estrondo dos instrumentos de guerra, da vozeria da marinhagem, com apparelho grande de lanças levantadas, de mechas accezas, e huma voga de rapidez temperada por huma lentidaõ fingida. Assim entrou pelo rio esta Frota, levando diante a galeota do Governador com a Bandeira Real para representar, que nella hia a sua pessoa: apparencia taõ bem manobrada, que acabou de convencer os inimigos, de que elles hiaõ a ser atacados pela ponte da Alfandega, aonde se empenháraõ a postar as melhores trópas, que alli corrêraõ de muitas partes, todas firmes no erro, até que a acçaõ lhes descobrio o engano.

Era vulg.

Rumecaõ, que tambem cahíra nelle, deixando o campo entregue a Jusarcaõ para o defender á gente da Fortaleza, se sahisse a atacallo para fazer huma diversaõ, marchou com o grosso do poder sobre a ponte, acompanhado dos Generaes Mojatecaõ, Alucaõ, e Acce-

de-

Era vulg. decaõ para impedir o imaginado desembarque. A este tempo sahia da Fortaleza com a sua columna D. Joaõ Mascarenhas, que foi cingindo o fosso para atacar a extremidade do muro pelo lado do Baluarte de Diogo Lopes de Siqueira. Mas antes que entremos no detalhe da memoravel batalha de Dio, eu devo referir dous casos famosos, que lhe precedêraõ. Tres soldados da Villa do Torraõ, chegados do Reino, buscáraõ no campo a Antonio Moniz Barreto, que era natural da mesma Villa, para lhe darem huma carta de sua Mãi, em que lhe mandava os favorecesse na India. Elle levava na sua frente huma escada para montar o muro, quando o encontráraõ. Déraõ-lhe a carta, e lhes prometteo o seu favor, se da batalha sahisse com vida.

Hum dos tres alentados homens, fallando por todos, lhe disse: Que do seu favor só naquelle dia elles o necessitavaõ; que lhes fizesse o de fiar ao seu valor a escada, que iriaõ arvorar aonde os mandasse, e a defenderiaõ com a vida; que deste mesmo dia em diante

os

os seus merecimentos lhes fariaõ passa- Em vulg.
gem. Antonio Moniz admirado de pen-
samentos taõ altos em gente taõ hu-
milde, lhes differio como requeriaõ,
respondendo: Que fiava delles a honra,
e a escada. Illustremente desgraçado foi
o poder destes homens, que acabando
de a levantar briosos, hum tiro cégo
lhes levou as cabeças.

O segundo caso succedeo a D. Joaõ
Manoel, e a Joaõ Falcaõ, dous Fidal-
gos malavindos, que naõ podendo ba-
ter-se em duélo pela pressa, com que em-
barcáraõ em Goa, agora no campo,
com presumpçaõ vã, concertáraõ en-
tre si mudar o objecto dos seus car-
teis, disputando-se a preferencia da glo-
ria áquelle, que primeiro montasse o
muro do inimigo. Os padrinhos de am-
bos lhes levavaõ na sua frente as esca-
das, que encostáraõ ao muro. Subio
D. Joaõ Manoel, e ferrando-o com a
maõ direita, lha cortáraõ de hum gol-
pe: acudio com a esquerda, e ficou sem
ella: foi-a firmar-se teimoso nos cotos
dos braços, e leváraõ-lhe a cabeça. Ao
mesmo tempo montou a parede Joaõ
Fal-

Era vulg. Falcaõ, que se sustentou largo tempo em bravo homem; mas aberto em feridas, e roto a lançadas, rodou por ella morto. Ha quem diga destes dous Fidalgos, que nada ficou devendo á honra quem deo tudo por ella. Outros poderiaõ sustentar, que de alguma era digna esta acçaõ louca em tal conjunctura, sem razaõ, nem virtude, que faltando nos actos de valor, os arrojos saõ temeridades, que da honra recebem os accidentes, nada da substancia.

CAPITULO V.

Escreve-se a gloriosa batalha de Dio, em que D. Joaõ de Castro venceo o Exercito de Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya.

EM quanto o grosso dos inimigos enganados esperava impedir o desembarque no campo da ponte, como fica dito, D. Joaõ Mascarenhas, que marchava com a vá-guarda, e tinha presenciado os dous casos referidos, que ensanguentáraõ a batalha; elle fez continuar

o

o avance do muro, que lhe precedeo, e que fórma a primeira parte da sua narraçaõ. Intrépidos os espiritos pela glória da preferencia, que naõ foi facil arbitrar-se, muitos de tropel montáraõ a escalada pelo grande número de escadas, de que o muro estava bordado. Naõ obstante a confusaõ, se se naõ soube affirmar quem fora o primeiro em subir, disse-se, que dos primeiros haviaõ sido Miguel Rodrigues Coutinho, chamado Fios seccos, Cosme de Payva, Antonio Moniz Barreto, Vasco Fernandes, Tanadar Mór de Goa, que inclinando-se para acabar de matar hum *Mouro*, outro o abrio pelas cóstas, ficando na mórte unidos os córpos, que o odio separára vivos. Cosme de Payva depois de lhe jarretarem huma perna, com o outro joelho em terra vendeo cára a vida a troco de muitas mórtes.

Era vulga

Poucos homens sobre o muro sustentáraõ o pezo dos Barbaros para darem aos seus camaradas lugar de o montarem, assim a gente de D. Joaõ Mascarenhas, como a de D. Alvaro de Cas-

tro, e a de D. Manoel de Lima, já occupados todos no mesmo empenho. O primeiro destes tres Chéfes, coroando com as façanhas deste dia a gloria adquirida nos passados, a troco da vida de dez homens, em que entrou Francisco de Azevedo depois de obrar maravilhas; elle atropellou a resistencia do muro, e do Baluarte de Diogo Lopes; passou ao campo, formou o seu Esquadraõ em batalha, apresentou-a aos inimigos; que a aceitáraõ valerosos; disputou-a largo tempo, e declarada pela sua parte a victoria, marchando por cima dos mórtos, foi levando os Barbaros cortados do temor, e do ferro, até os metter na Cidade.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum corpo, tivéraõ o mesmo successo em partes differentes. Já vencido o muro, estes gentis Fidalgos, como innundaçaõ rápida na terra cortada, cahem sobre hum corpo de seis mil Rumes, Turcos, e Renegados, que Jusarcaõ tinha postado entre o mesmo muro, e o Exercito. Aqui foi vistosa a contenda, empenhan-

de

do o valor, e a emulaçaõ em longa disputa sem se declarar a vantagem. A este tempo chegou o Governador com o corpo da batalha, que achando o passo franco, subio sem embaraço, seguindo a Bandeira Real; elle rodeado de Lourenço Pires de Tavora, de Garcia de Sá, de Jorge Cabral, de Manoel de Sousa de Sepulveda, da Nobreza antiga da India, para quem naõ eraõ estranhas as fadigas gloriosas da guerra. Já formado em campo o grande D. Joaõ de Castro, fez aviso a seu filho D. Alvaro, e a D. Manoel de Lima, ainda empenhados com Jusarcaõ, para se juntarem com elle, e principiarem unidos a batalha.

Era valida

Ella se deixou logo vêr hum theatro de horrores; o risco igual; a cólera indistincta; o fogo formidavel; os golpes espantosos; os inimigos com maior damno; mas elles por duas vezes deitáraõ a terra a Duarte Barbudo, que levava a Bandeira Real; fizéraõ parar o Governador na frente de outro muro, que todos affirmáraõ ser elle o primeiro, que o ferira, sem ter contra si mais

 vo-

Era vulg. voto, que a si mesmo, que ingenuamente confessou, como na sua vã-guarda o montára o seu isseparavel companheiro Lourenço Pires de Tavora. Vencido este passo com grande perigo, o Governador para ganhar as trincheiras se avançou ao da ponte da Villla dos Rumes, aonde se assegura, que chegando os inimigos muitas vezes a mecha a canhões carregados de metralha, que fariaõ em pedaços aos nossos Esquadrões, nenhum delles tomára fogo. Este prodigio, que devia assombrar os Barbaros, elle os metteo em cólera para fazerem huma resistencia, mais que do valor, da desesperaçaõ.

Aqui perdêraõ os Portuguezes algum terreno; sentíraõ-se affrontados; o que sendo visto por D. Joaõ de Castro, pegando da espada, embraçando huma adaga, de que logo pendêraõ duas flechas, que lhe craváraõ, com impeto mais que humano se pôz na testa de todos, clamando: Aqui tendes, bravos Cavalleiros, o vosso Governador arrostando os maiores perigos: seguí-me valentes: Victoria, que os ini-

mi-

migos dobraõ. Como se esta voz fora de trovaõ; cada Fidalgo, que buscava o seu Chéfe, hum raio; os soldados huns tigres, emulo o valor de si mesmo, como naõ soffrendo igualdade na differença; elles fazem huma maõ baixa com tal fúria, que se vio como vaticinio cumprido a voz, que em D. Joaõ de Castro naõ foi mais, que hum grito de corage. Dobraõ os inimigos, e os Portuguezes, até chegar ás trincheiras, levaõ a victoria. Elles as montaõ com valor intrépido, repetindo muitas vezes esta palavra doce, que anima na guerra.

Era vulg.

Entaõ rebentáraõ do campo muitos *Esquadrões*, que á imagem do triunfo principiavaõ a desfigurar as côres. Rumecaõ avisado, de que os Portuguezes depois de vencido o muro, tinhaõ ganhado as trincheiras, vinha com o grosso do Exercito em marcha forçada do lugar do fingido desembarque a pôr-nos outro tropeço á primeira face invencivel. Entaõ foi cruel o combate, tudo furor, ira, destroços da morte, reliquias despedaçadas da humanidade; os

Era vulg. Portuguezes empenhados em sustentar as trincheiras, os Barbaros em restituillas. Acções se obrárão espantosas neste lance; em que o grande D. João de Castro reanimando o seu mundo com o gésto, com a voz, com as façanhas; levou Rumecaõ atropelado ao campo, ficou senhor das trincheiras, outra vez clamou victoria.

Aquelle Chéfe vendo que a sórte do dia toda estava dependente de huma batalha em campanha raza; elle marcha a unir-se com Juzarcaõ, que derrotado por D. Joaõ Mascarenhas, tambem buscava o campo com as trópas do seu partido. D. Joaõ tinha seguido este General na sua retirada das trincheiras até a Cidade, aonde entrou de envolta com elle, atropelando montes de cadaveres inimigos, que degolava a sua espada invencivel. Daqui despedio hum Ajudante a avisar D. Joaõ de Castro, como elle ficava postado no meio da Praça da Cidade de Dio, já vencidos por aquella parte os Barbaros. Elle recebeo esta noticia com alvoroço, quando fazia retroceder a Rumecaõ, e ordenou a D.

João Mascarenhas se sustentasse no lugar, em que estáva, até que elle se lhe unisse. Rumecaõ superior á sua fórtuna contraria, naõ só pela noticia, de que D. João Mascarenhas sobre Juzarcaõ se tinha neste dia excedido a si mesmo; mas para evitar o desbarato do Mojataćaõ, e de Aluĉaõ, que já naõ podiaõ sustentar-se na face de D. Alvaro de Castro, e do D. Manoel de Lima; elle marcha para mais longe, reune todos os seus Generaes, chama as trópas dispersas por varios lugares; fórma-as em hemicyclo, de sorte que as suas alas occupavaõ hum grande terreno para tomarem os Portuguezes no meio, e com esta figura marcha intrépido a sustentar braço á braço geral a batalha, que logo se mostrou horrorosa.

O Governador á vista da resoluçaõ dos inimigos, dá nova fórma ao Exercito. Encarrega a vã-guarda á seu filho D. Alvaro; e para lhes mostrar, que naõ os temia, move-se das trincheiras a arrostallos no campo, só com inferioridade no numero, com superioridade de valor em igualdade de terreno. D.

Era vulg. Alvaro se lançou com impetuosidade sobre os Barbaros. Deo-lhes huma carga serrada de fuzilaria, que deitou muitos a terra. Entraõ os Portuguezes a servir-se das lanças, e das espadas. O estrondo dos golpes fazia retumbar os éccos nas cavidades do terreno; mas correndo a este lugar o grosso de tantos mil inimigos, D. Alvaro esteve nos termos de perder-se, naõ lhe valendo a gentileza, e constancia, com que pelejava para poder ser soccorrido. Na mesma figura se considerava o seu fiel camarada D. Manoel de Lima: ponto critico, em que a Providencia trouxe ao centro das trópas desordenadas o Custodio dos Franciscanos com o Santo Crucifixo rodeado dos seus pios, e impávidos Religiosos, como soldados do Senhor dos Exercitos.

Ás vozes deste grande Varaõ acudíraõ todos a levantar os olhos ao monte, donde lhes havia vir o seu auxilio; e mudados de repente em outros homens, os dous Fidalgos na testa das trópas reanimadas entraõ a fazer tal carnage nos inimigos, que os arrancáraõ do campo,

po, começando-se a declarar a victoria. Quando ambos os perseguiaõ com mais de ardôr, que de ordem, Rumecaõ cahe sobre elles com hum corpo de reserva, e toma huma tal superioridade, que a mesma victoria já parecia favorecer a sua corage. Em taõ grande aperto de nada servio a vinda de D Joaõ de Castro com os Fidalgos da sua companhia, que obravaõ proezas superiores á imaginaçaõ. Os Portuguezes viaõ tudo perdido por todas as partes. Já naõ os combatiaõ só os soldados. Toda a chusma da peonagem, dos criados, dos vivandeiros, dos escravos lhes faziaõ crua guerra com páos, pedras, e infinitos tiros de arremeço. Entaõ succedeo acertar huma das pedras perdidas no braço do Santo Christo, que lhe ficou pendente, como se nesta acçaõ quizesse mostrar-se aos filhos inclinado, aos Infiéis cahido.

Era vulg.

Deste successo se servio o Custodio dos Franciscanos para aquecer as corages pelas suas exortações patheticas. Ah! religiosos Portuguezes, Cavalleiros de Jesus Christo, lhes diz elle, aqui tendes

des

Era vulg. des na vossa face outra vez affrontado, novamente ferido o vosso Deus ás mãos dos impios. Como reina elle entre vós neste madeiro, se vós o deixais despedaçar no seu mesmo throno? Ah! Portuguezes, vinguemos a Deos aggravado; derramemos por elle o nosso sangue; porque elle por nós primeiro derramou o seu: vamos todos a vencer, ou a morrer: segui-me, filhos: mostremos a estes Barbaros, que com Deos não se zomba; que os Portuguezes não são capazes de consentir, que se zombe de Deos. Assim fallando, e movendo o Estandarte da Cruz, o piedoso Padre se lançou aos inimigos transportado daquelle zelo da Casa do Senhor, que come os espiritos, muitas vezes sem elles sentirem, que se deixaõ comer. Todos os soldados o seguem extacticos nos transportes marciaes, clamando a altas vozes *Misericordia*, *Valor*, dando com valor golpes sem misericordia.

Hum só impulso mais que humano em vingança do Deos dos Portuguezes, elles cortando cabeças para todos os lados, mettem os inimigos em desor-

dem:

dem; no seu campo soa a retirada. Já desamparados, e fugidos os Barbaros, buscaõ o azilo da Cidade, até onde D. Alvaro, e D. Manoel os perseguem; aonde D. Joaõ Mascarenhas, sempre victorioso, acaba de decidir da sua parte a sorte de taõ formoso dia. Estes tres Chéfes, fartos na Cidade de sangue, e de carnage, marchaõ em hum corpo em demanda de D. Joaõ de Castro, que se sustentava no campo ignorante de tantos vantajosos successos. Entaõ se pos na sua presença Sebastiaõ de Sá, que desembarcava em Baçaim curado das feridas, que recebêra em Dio; e quando se congratulava com elle da victoria, teve de se servir das mãos para nova batalha. Taõ grande era o poder de Cambaya, que com as reliquias dos seus estragos intentou Rumecaõ fazer-nos huma nova guerra.

Era vulg.

Quando os nossos Capitães no campo se felicitavaõ com o Governador do triunfo; elle rebentou como mina com hum corpo de oito mil homens, acompanhado dos bravos Juzaycaõ, Mojatecaõ, Aducaõ, e Accedecaõ, que neste

Era vulg. te dià nada ficáraõ devendo á honra. Para o novo Exercito ser tomado pela frente, e pelo flancos, D. João de Castro separou do seu corpo os de D. Joaõ Mascarenhas; de D. Alvaro de Castro, e de D. Manoel de Lima, que se arrojáraõ aos Barbaros com hum furor extremo picado da confiança. Gabriel Teixeira remetteo com o Alferes de Rumecaõ, e lhe arrancou das mãos a Bandeira, que logo arrastou pela terra. Este General sustentou o choque em homem desesperado. A Juzarcaõ ferido, e deitado a terra, por ser quem era se lhe concedeo a vida, e foi feito prisioneiro. Outros setecentos tiveraõ a mesma sórte, porque encontráraõ aos Portuguezes já cançados de matar. Mojatecaõ deveo a liberdade, e a vida á ligeireza de hum cavallo. Alucaõ, Accedecaõ, e outros Officiaes distinctos acabáraõ no leito da honra.

Rumecaõ vendo tudo perdido, com o intento de salvar a pessoa nos disfarces do cargo, vestindo a farda de hum simples soldado, se deitou entre os mórtos. Elle entrou logo no seu número, in-

Indo huma pedra despedida por maõ oc- *culta* esmagar-lhe a cabeça. Jorge Nunes, que pelo tratar vivo, o conheceo cadaver, lha cortou, e com este despojo ao hombro, para o matisar o seu sangue, o foi pôr aos pés de D. Joaõ de Castro: ultimo revez da fortuna, que tanto abateo o cerebro, aonde a soberba, concebeo altos os pensamentos da vaidade. Entregou-se a Cidade ao saque: a preza igualou a victoria. Ella nos custou trinta e cinco mórtos, e 300 feridos. As despezas da Armada ficáraõ bem resarcidas com a quantidade de artilharia das estancias, com os thesouros, cópa, e tapiçarias de Rumecaõ, que se acháraõ no Palacio do Rei. Com esta victoria taõ completa se acabou o segundo sitio de Dio, que fez em todo o Mundo muito maior estrondo, que o primeiro. A D. Joaõ Mascarenhas se deveo tudo. Grande glória adquirio; mas o seu premio foi a glória.

Em vulg.

CAPITULO VI.

Do que obrou o Governador D. João de Castro depois de vencida a famosa batalha de Dio, e outros successos deste anno.

Era vulg.

VENCIDA a batalha de Dio, que podemos chamar milagrosa, se houvermos de accreditar o depoimento dos mesmos inimigos, que affirmárão, como na duração della virão sobre as ruinas da Igreja huma Mulher brilhante, que com os seus raios luminosos os cegava: D. João de Castro, ainda que vencedor, olhando para o campo, aonde a gentileza da victoria estava misturada com a fealdade dos destroços na imagem horrorosa da morte, derramada nelle por muitos modos, não pode escusar-se ás sensações da humanidade sobre os mesmos contrastos vencidos. Não sendo já inimigos os homens, que ficárão na Ilha; a maior parte fugidos; ao furor dos Portuguezes immolados mais de cinco mil; depois delle cho-

Era vulg.

chorar aos mórtos a deſgraça, nos vivos a miſeria, mandou desfazer o muro da contenda, romper as pontes, que communicavaõ a Ilha com o continente, e voltou as attenções para a Fortaleza, que era hum monte confuſo de ruinas: ellas a ſua ſegunda láſtima, que lhe cobriaõ o objecto da primeira; cauſas da perda de hum filho, ſe por digno de grandes eſperanças, muito para chorado; pelo amor terno da paternidade, ſempre para ſentido.

Reparar eſta importante Praça, e caſtigar Cambaya com a continuaçaõ da guerra foraõ empenhos, que D. Joaõ de *Caſtro* entendeo indiſpenſaveis á ſua reputaçaõ. Para os executar ao meſmo tempo, ſobre hum obvio o voto dos Engenheiros; para o outro deſpedio a D. Manoel de Lima com trinta navios, e ordem de metter a fogo, e ſangue toda a coſta de Cambaya, ſem tocar na Cidade de Goga, por lhe conſtar, que nella ſe haviaõ refugiado as trópas, que eſcapáraõ da batalha de Dio. Em quanto eſte Fidalgo ſe levava, os Engenheiros entendendo que gaſtaria mais

Em vulg. tempo, e maior despeza reparar as ruinas da Praça, que fazer outra Cidadela de novo; elles apresentáraõ ao Governador outro plano mais regular, e mais amplo, em que se entrou a trabalhar sem perda de tempo. Mas porque a continuaçaõ destes dous projectos pertence ao anno seguinte de 1547, nós devemos concluir os acontecimentos respectivos ao presente de 1546.

Em Portugal corria a aura benigna da paz sem perturbaçaõ, para respirar bem ao largo o excesso do luxo, que alimpava todos os suores da Africa, Asia, e America. Na segunda destas tres partes do mundo vimos nós o quanto foraõ illustres os de Francisco Pereira Pestana; em tudo bem semelhantes aos que derramou antes na primeira das mesmas partes da terra. Pela sua grande qualidade unida a tantos serviços brilhantes mereceo elle em Lisboa, que o Infante D. Luiz o visitasse na sua perigosa enfermidade. Fez este Principe huma recordaçaõ do muito, que sempre fora acceito aos Reis seu Pai, e Irmaõ; e que como digno das mercês de ambos,

bos, lhe rogava, quizesse dizer-lhe a que elle agora pretendia para a pedir em seu nome. O generoso Fidalgo de coraçaõ grande, que só lho podia caber a gloria, que naõ era do mundo; respondeo ao Infante: Vossa Alteza peça a El-Rei, que me augmente esta febre para me acabar mais depressa. Quasi todos os Herdes Lusitanos daquellas épocas espirárão entoando como cisnes letras semelhantes. Fatalidade entaõ de Portugal, naõ conhecer o merecimento dos maiores homens, ou conhecendo-o naõ o recompensar.

Era vulgar

O Imperador Carlos V. instava com *El-Rei*, seu cunhado, aceitasse da sua maõ a insignia da Ordem Militar do Tosaõ, que elle repugnava com o pretexto das difficuldades de satisfazer as obrigações da mesma Ordem. A verdadeira era escusar-se, de que o Imperador se persuadisse, que ella accrescentava alguma cousa de mais luminoso ao caracter da Sua Magestade. Porém rendido ás persuasões, ordenou a Lopo Furtado de Mendoça, Embaixador em Castella, dissesse da sua parte ao Impera-

Em. vulg. rador, que estava prompto para receber a insignia. Elle lha mandou logo a Almeirim por hum dos Heraldos da Ordem, e o Rei a recebeo na sua Capella com pompa moderada. Annos depois deo elle os seus poderes ao Duque de Saboya, seu sobrinho, para assistir em seu nome na Assembléa do Concilio, que Filippe II. celebrou em Anvers.

Nos negocios de Africa, ainda que menos consideraveis, naõ deixavaõ de haver movimentos. Francisco Botelho, Governador de Tangere, soube que os Alcaides Mulei Mafamede, e Hazem com engodos de cubiça intentavaõ sobreprendello em huma emboscada, e cuidou de se prevenir. Pela industria de tres Cavalleiros escolhidos pode elle trazer os Mouros a campo, batêllos com partido desigual, e pôllos em fugida com perda de mórtos, e feridos. Neste choque se achárão trinta Fidalgos, que entaõ serviaõ em Tangere, e nas feridas, que recebêraõ nelle, mostrárão o valor com que se conduzíraõ. Os Portuguezes perdêraõ quatro homens,

meta, entre elles o Adail, em cujo lugar foi nomeado no mesmo campo Diogo Lopes da França, Fidalgo de excellentes qualidades, que depois governou a Cidade, como muitos dos seus descendentes, até que ella passou da nossa Coroa para a de Inglaterra, dada em dote á Rainha da Graõ-Bretanha D. Catharina, filha d'El-Rei D. Joaõ IV.; e aquella Familia para Tavira.

Era vigi

Em outras expedições de maior crédito se occupava Luís de Loureiro, largos annos Governador de Mazagaõ, até encontrar a morte no exercicio das armas, em que empregára a maior parte da vida. O Xerife de Marrocos, ainda que soberbo com as victorias, agora amigo da tranquillidade, determinou remover do seu Reino as occasiões da guerra, e despovoar a Cidade de Azamor, que pela visinhança de Mazagaõ dava causa a rompimentos continuos. Deste projecto o divertíraõ tres Caciques veneraveis entre os Mouros pelos seus prestigios, que elles adoptavaõ santidade respeitavel. Estes homens com mais confiança nas suas virtudes, que

Era vulg. no esforço das armas, se offerecêraõ ao Xerife para irem em pessoa conservar Azamor a coberto das tentativas Portuguezas. Luís de Loureiro informado da presumpçaõ dos Santões, huma madrugada ataca a Praça, põe a gente em fugida, e captiva os Cacizes, que se deixáraõ ficar confiados de conseguirem sós huma victoria com a invocaçaõ dos seus auxiliares nos exercicios da Theurgia, em que os acháraõ occupados.

Para desaggravar esta affronta, o Xerife mandou correr os campos de Mazagaõ por quatro mil cavallos. O Loureiro com cento e cincoenta faz muitos em póstas, e persegue os fugitivos oito legoas até aos poços de Aylhon, que largo tempo déraõ o seu nome, e conserváraõ entre os Barbaros a memoria deste choque. A injúria renovada pedia maior despique. Ordenou o Xerife ao Alcaide Amubendaud, que com seis mil cavallos voltasse a Mazagaõ; que com dexteridade armasse emboscadas, em que cahisse o Loureiro, e que ou vivo, ou morto lho trouxesse a Marrocos. Conduzio-se o Alcaide

com

com a dissimulaçaõ, que lhe fora encarregada: soube esconder bem duas partes da sua trópa, e com a terceira se deixou vêr da Praça para Luís de Loureiro sahir, e o atacar no campo. Elle o fez com 120 cavallos, e 300 infantes; mas andado pouco terreno se vio rodeado dos Barbaros. Os seus o aconselháraõ que se retirasse, para que hum Chéfe da sua reputaçaõ naõ cahisse na nota de temeratio. Como o farei, replicou o Loureiro, deixando a infantaria exposta? Percamo-nos todos, aonde ella se arrisca.

Era vulg.

Transportado deste impulso do animo, elle se bota aos Mouros como raio. Sustenta o campo largo tempo; mas atropelado da multidaõ, perde a fórma. Geral a desordem, póde ajuntar vinte cavallos para no centro delles salvar hum filho seu de quatorze annos, Moço de grandes esperanças. A cautéla naõ póde impedir que elle fosse degollado com outros companheiros, nem o Loureiro escusarse á acçaõ nova de fugir; mas abrindo caminho com a lança enristada pelo centro dos Esquadrões ini-

Era vulg. migos. Hum Mouro, que o seguia, lhe derrubou o cavallo, que cahio atravessado na vã-guarda dos Barbaros. O bravo Lazaro Martins se apeia, faz frente aos inimigos, dá lugar a que o Loureiro monte no seu cavallo; este se salva em Mazagaõ, o Lazaro fica captivo. Quatrocentos homens perdemos nesta desgraça. Cortadas as suas cabeças, e a do filho do General, o Alcaide as mandou a Marrocos por testemunho da sua incrivel victoria. Certa Moura recolheo huma dellas para fazer a Mafoma o obsequio de a injuriar. Convida as vizinhas para assistentes da ceremonia; e reparando com attençaõ, conhece que a cabeça era de seu marido. Diminuio este successo a reputaçaõ do triunfo, crendo Marrocos, que o Alcaide para o fazer mais solemne mandára tantas cabeças de Portuguezes, como de Mouros.

Como entre ellas naõ hia a de Luis de Loureiro, o Xerife naõ se mostrou satisfeito do presente, e quiz approveitar-se do interesse dos resgates, que entaõ negociavaõ em Marrocos o Andaluz

Fer-

Fernaõ Gomes de Almodovar, e Diogo de Torres, tambem Castelhano. O Loureiro, grato ao seu bemfeitor Lazaro Martins, se servio delles para lhe conseguir a liberdade: empenho difficultoso, por ser o Lazaro hum homem muito estimado em Marrocos, visto com admiraçaõ, como primeiro valente, que por salvar o Capitaõ expoz a vida, e se deixou fazer escravo. Elle poupou a Luís de Loureiro as diligencias; porque com o seu natural desembaraço, animou sete companheiros, rompeo as prizões, e como práctico na terra, entrou com elles saõ, e salvo em Mazagaõ.

Era vulg.

Quando os Christãos sentiaõ esta quebra, o Xerife foi testemunha de huma injúria do Alcoraõ. Em huma Mesquita, acompanhado dos seus Gacizes, esperava elle com as suas superstições barbaras a indignaçaõ de Mafoma, quando entra pela porta hum homem de figura horrivel, huma imagem da penitencia, hum retrato dos antigos Anacoretas, sóbe ao lugar mais alto da Mesquita, e em voz Araba clama atroando

Era vulg. as abobedas: Christo vive, Christo vence, Christo reina, e ha de vir julgar os vivos, e os mortos: tudo o mais he patranha. O Xerife irritado ordena que o matem. Os Cacizes com a piedade inspirada pelos actos de Religiaõ, que estavaõ exercitando, rogaõ compassivos se contente com o mandar sahir da Mesquita; porque o transporte daquelle homem era huma innocencia. Assim se executou; e Diogo de Torres perguntou a este homem quem era, e qual o seu designio nesta acçaõ. Elle lhe responde, que era hum Hespanhol de Truxillo duas vezes desgraçado; huma por se haver feito Mouro, outra porque arrependido do seu peccado, vindo dar a vida por Deos na confissaõ da Fé, o Xerife o deixára com ella.

Poucos tempos se passáraõ sem acçaõ em Africa, até o anno seguinte, em que Tristaõ de Ataide foi governar Mazagaõ, e Luís de Loureiro passou para Tangere, aonde tinha de pôr termo com a vida ás suas gentilezas. Elle se empenhou ardente em huma batalha com os Mouros, desiguaes os partidos

na

na fórma do ſeu coſtume, intrépido como ſempre; mas cançada a fortuna de lhe ſoffrer a confiança, morreo nella com alentos de luz, obrando quando eſpirava mais brilhantes as façanhas. Pelo meſmo tempo mandou o Xerife martyriſar em Marrocos hum Mouro Catecumeno, que nos ſervia em Mazagaõ. Elle ſoffreo os tormentos com conſtancia catholica; e tomando nas mãos o ſeu ſangue, que lançou ſobre a cabeça, acabou dizendo: Pois fiz quanto pude para obter o Baptiſmo, e naõ o alcancei, neſte do meu ſangue derramado por Jeſus Chriſto eſpero alcançar a ſua miſericordia. Quiz Deos provar com milagres a gloria, que foi goſar eſte ſeu confeſſor invicto.

Era vulg.

CA-

CAPITULO VII.

Do que obrou D. João de Caſtro em Dio até ſe recolher a Goa, e das expedições de D. Manoel de Lima, e de D. Jorge de Menezes Bareche na côſta de Cambaya.

Era vulg. 1547

O GOVERNADOR D. Joaõ de Caſtro, que nós deixamos occupado na renovaçaõ da Fortaleza de Dio, elle ſe affligia na conſideraçaõ da falta de meios para huma obra de tanta importancia. Neceſſitavaõ-ſe 20$000 pardaos: os cofres Reaes eſtavaõ vazios: para os pedir preſtados naõ tinha, que empenhar; e como lhe faltavaõ joias, fez penhor das barbas. Elle deſpedio para Goa a Diogo Rodrigues de Azevedo com a noticia da victoria, e por elle eſcreveo ao Senado da Camara, repreſentando-lhe: Que a Fortaleza d'El-Rei, que era a ſegurança do Eſtado, eſtava por terra; Que ſe preciſavaõ 20$000 pardaos para o ſeu reparo, e naõ os havia; Que ao Governador pobre da India lhe fal-

ta-

tava, com que abonar ainda a mais tenue quantia: Que para a pedir àquelle Senado, lhe quiz mandar os ossos de seu filho D. Fernando, o que naõ fazia por se acharem cobertos de carne: Que em extremidade taõ pressante arrancára os cabellos da barba, que lhe remettia, para sobre elles lhes prestarem a quantia declarada; bem certo o Senado, que quem empenhava as barbas honradas, as desempenharia com honra no primeiro dinheiro, que se cobrasse.

Era vulg.

Naõ he disivel a impressaõ, que esta carta acompanhada das faustas noticias da victoria fez em Goa. Os homens em competencia, e com exemplo inimitavel as Damas, desguarnecendo-se dos seus mais ricos adereços, ajuntáraõ, naõ só a quantia pedida, mas muito mais avultada, que juntamente com os penhores, e com huma carta concebida em termos graciosos, e atentos remettéraõ ao Governador. Elle recebeo sensivel esta marca da fidelidade Portugueza, e restituio em ser o mesmo dinheiro, e joias já desnecessarios, por haver fornecido as despezas da obra a im-

Era vulg. importante carga de huma náo, que Antonio Moniz Barreto tomára nos mares de Cambaya. Esta preza, a derrota do Exercito em Dio, os estragos, que D. Manoel de Lima fazia por toda a cósta mettêraõ em tanta desesperaçaõ a Sultaõ Mamud, que mandando vir á sua presença a Simaõ Feio, a Athanasio Freire, e a alguns trinta Portuguezes captivos, teve o recreio de os vêr fazer em miudas póstas, menos tomado do assombro da sua constancia passmosa; que frenetico nos transportes de huma ira brutal, em qualquer homem barbara, em hum Rei infame.

Em quanto o Governador se entretinha na obra de Dio, D. Manoel de Lima devastava sem piedade a cósta de Cambaya. Levado por hum tempo rijo á embocadura do porto da Cidade de Goga, vio que os moradores, e soldados com o temor da sua chegada fugiaõ em bandos para o campo. Em tal conjunctura interprete das ordens, que lhe vedavaõ assaltar esta Cidade; elle se postou em terra, e derramando o furor, deixou a infeliz Goga hum espe-

cta-

ctaculo de horrores: apenas ficou alli Era vulg.
signal, de que houve Goga no mundo.
Informado por tres homens, que dei-
xou com vida, em quanto serviaõ para
lhe dar noticias, de que em certa Vil-
la huma legoa distante estava quanti-
dade da gente, que escapára da batalha
de Dio, levando-os por guias, lhe foi
fazer huma visita. Antes que amanhe-
cesse, os miseraveis, que naõ a espe-
ravaõ, e no interior da terra se tinhaõ
por seguros, huns morrêraõ sem acor-
dar, outros acordáraõ para morrer. Es-
te massacro foi espantoso; o incendio
lamentavel; os Pagodes pollutos sem
expiaçaõ por salpicados com o sangue
das vaccas; os tres captivos já inuteis
enforcados em outro Pagode; segunda
mancha indelével entre aquelle Gentilis-
mo, que teve de buscar para as adora-
ções novos lugares.

Estragos semelhantes experimentou
o resto da cósta, e D. Manoel bem vin-
gado se recolheo a Dio, de que estava
nomeado Governador sem effeito, com
a Armada carregada de despojos pre-
ciosos. Mas D. Joaõ de Castro ao par-
tir

Era vulg. tir para Goa lhe deixou naquelles mares hum bello ſubſtituto em D. *Jorge* de Menezes, que nós vamos vêr conhecido pela alcunha de Baroche em memoria do deſtroço deſta Cidade magnifica. Elle chegou á ſua viſta com ſeis navios, e ſabendo que Madre Maluco ſeu Donatario tinha ido para a Corte de Amadaba, deixando-a pouco guarnecida, D. Jorge determinou atacalla. A grandeza de Baroche, e a ſua grande reputaçaõ tinha cheios de confiança os moradores para viverem em deſcuido. D. Jorge ſe aproveitou delle no quarto d'Alva, entrando-a a fogo, e ſangue, ſem diſtinçaõ de ſexo, ou idade. As vidas, e caſas foraõ objectos do furor, as riquezas da cubiça. Eſte feito naõ imaginado cauſou na India tal eſtrondo, que D. Jorge ſe honrou com elle tomando o apellido de Baroche. Em fim, elle, e D. Manoel de Lima corrêraõ no eſpaço de cinco mezes toda a cóſta, e fizéraõ por toda a parte hoſtilidades taõ cruéis, e taõ frequentes, que naõ ſe viaõ mais que deſtroços do ferro, do fogo, da cólera.

D.

D. Joaõ de Castro fazia trabalhar com pressa nas obras da Fortaleza para se recolher a Goa, aonde o chamavaõ negocios importantes; mas teve de entrar em novos cuidados sobre pessoa habil, que tinha de eleger para o governo de Dio. D. Joaõ Mascarenhas determinava ir plantar no Reino as palmas do seu triunfo: os Fidalgos, como elle as colhêra todas, naõ queriaõ ficar no campo inculto sujeitos á fadiga de o trabalharem de novo: o Governador se affligia da geral repugnancia, e teve de tentar o zelo de D. Manoel de Lima, que naõ obstante estar despachado com o governo de Ormuz, e vèr o de Dio por tantos rejeitado, elle o acceitou, e se dispunha a servillo. Mas chegando de Luiz Falcaõ o aviso, de que Ormuz ficava ameaçada de huma invasaõ dos Turcos; de Baçaim a noticia de ser morto o benemerito Fidalgo D. Manoel da Silveira, a quem o Governador queria encarregar aquella Praça: D. Manoel de Lima naõ quiz perder aquella occasiaõ de honra, partio para Ormuz, e o grande D. Joaõ

Em vulg.

Mas-

Era vulg. Maſcarenhas ſe offereceo generoſo para continuar com os trabalhos de Dio, até haver occaſiaõ opportuna de ſe lhe dar ſucceſſor.

Bem provida a Fortaleza de artilharia, viveres, munições, e gente; embarcado o grande canhaõ, chamado de Dio, que veio para o Forte de S. Giaõ de Lisboa; deitado hum pregaõ, para que os moradores da Cidade vieſſem com ſegurança para os ſeus antigos domicilios; o Governador D. Joaõ de Caſtro ſe embarcou para Goa, aonde chegou aos 11 de Abril. Neſta Capital era elle eſperado com huma impaciencia extrema; e porque o queria receber com applauſo ſoberbo, o fez demorar tres dias em Pagim para ſe acabar de preparar o triunfo, que teve muito de imitaçaõ com os antigos dos Romanos. No dia determinado entrou a Armada no porto empavezada, e brilhante. Saltou em terra o Governador magnificamente veſtido: e depois o Exercito, que ſe formou na meſma figura, em que deo a batalha. Elle hia debaixo de hum rico Pallio coroado de palma,

ma, com outra na maõ: junto a elle seu filho D. Alvaro: pouco adiante Fr. Antonio do Casal com o mesmo Santo Christo arvorado, como no dia da acçaõ.

Està vulg.

Seguia-se a Bandeira Real: logo o General prisioneiro Juzarcaõ: depois as nossas Bandeiras arvoradas, as de Cambaya arrastando, entre humas, e outras todos os captivos, que passavaõ de seiscentos, mettidos em ferros, na mesma figura do seu General com os olhos baixos, e as mãos cruzadas. Formava outro corpo parte da artilharia, que se tomára, com muitas carretas de outras armas, e despojos: caminhou o apparato brilhante pelas ruas principaes da Cidade, que estavaõ armadas das ricas tapiçarias da India. Quando Juzarcaõ, e os mais captivos melancolicos representavaõ o espectaculo triste da adversa fortuna; nos ares resoavaõ em louvor do triunfante feliz os elogios, as acclamaçoẽs do Povo, os éccos das poesias, das cantigas, dos jógos, de quanto podia concorrer para fazerem magnifico o triunfo. As Da-

mas

Era vulg. mas mageftofamente veftidas, ellas o melhor ornato das janellas, lançavaõ fobre o Vencedor cópia de flores, aguas odoriferas, ardiaõ perfumes cheirofos, que embalfamavaõ o ar. As figuras da Fortaleza pófta em fitio, da Efquadra navegando, do Exercito combatendo; da Batalha ganhada, elevavaõ a pompa a hum aparelho foberbo. Pompa, que ouvindo-fe a fua relaçaõ na Europa, peffoa alguma formou della juizo mais fólido, que a Rainha D. Catharina quando diffe: Que D. Joaõ de Caftro tinha vencido em Heróe Chriftaõ, e triunfado como Conful Gentio.

Coberto de glória na India o Governador D. Joaõ de Caftro, que pouco depois foi remunerado pelo Rei, e Infante D. Luiz com grandes honras por efcrito, e condecorado com o cargo de Vifo-Rei por outros tres annos; elle fe encheo de complacencia com as noticias dos progreffos da Religiaõ Chriftã na Ilha de Ceilaõ. Mandára El-Rei cultivar efta Miffaõ pelos Religiofos Francifcanos debaixo da obediencia do feu Cuftodio Fr. Antonio do Padraõ.

El-

Elles recolhêraõ copiosos fructos da Divina palavra, naõ só no Reino de Cota, e lugares maritimos, mas no coraçaõ da Ilha, aonde fizéraõ adorar o Nome do Deos vivo. No Reino de Candea o seu Soberano se deixou tocar dos mesmos sentimentos do Povo, e para naõ temer na mudança dos Dogmas a opposiçaõ gentilica, escreveo por hum dos Padres ao Governador da India, para que o soccorresse, até levar avante os seus designios santos. O Governador com o alvoroço, que nascia da sua piedade, o despachou logo a Antonio Moniz Barreto com huma Frota, em que levava 150 homens para promover os intentos daquelle Rei.

Era vulg.

Este Fidalgo, que achou mudado, e resoluto a matallo com toda a sua gente, o Rei de Candea suggerido pelo Madune; elle cometteo huma retirada atravessando toda a Ilha de Cellaõ sem largar as armas de dia, e de noite, que fez esquecer a de Decio, quando tereado no monte Gauro atravessou o Exercito dos Samnites; a dos famosos Catalães na expediçaõ da Grecia; a do

me-

Era vulg. memoravel Mestre de Campo Luiz Barbalho na guerra do Brazil, cortando com mil homens 400 legoas dos seus desertos enormes, já combatendo com as féras, já com os Hollandezes, até os pôr em salvo na Bahia; sendo ellas as mais decantadas, que celebra a fama. Nesta longa derrota, em que foraõ tantos os choques bem batidos, quantos os dias penosos da marcha, Antonio Moniz teve a felicidade de chegar com a pequena trópa inteira a Triquinimalle, de passar a Ceitavaca, de receber do Rei de Candea recados de arrependimento, déz mil pardáos para os soldados, rogativas para tornar á sua Corte com os Religiosos Franciscanos; mas Antonio Moniz duvidoso da sinceridade, se embarcou para Goa.

Perturbado achou elle na sua chegada o socego desta Cidade. O Hidalcaõ guardava no fundo do espirito a lembrança da pouca fé na observancia do Tratado, que os Portuguezes haviaõ celebrado com elle a respeito de Meale, seu rival ao Throno. Pretendia o Hidalcaõ que elles apartassem a Mea-

Meale de Goa, ou lhe restituissem ás terras firmes de Bardez, e Salcete. No fim do governo de Martim Affonso de Sousa negociou elle tambem pelos seus Embaixadores, que conseguio mediante huma grossa somma se entregasse Meale á sua discriçaõ. Chegou por estes tempos á India D. Joaõ de Castro, que naõ tinha espirito para se conformar com semelhante infidelidade contra hum Principe, que os Portuguezes trouxéraõ á sua casa para encontrar á sombra da Coroa de Portugal hum asylo sagrado. Meale ficou em Goa com liberdade, e respeito; D. Joaõ de Castro naõ se embaraçou com a entrega de Bardez, e Salsete.

Era vulg.

O Hidalcaõ, com o desengano da primeira pretençaõ, esforçava os Officios para alcançar a segunda. O Governador respondeo cathegorico, que as terras firmes muito antes da vinda de Meale tinhaõ sido doadas ao Estado; que os seus rendimentos ao presente serviaõ para a sustentaçaõ do mesmo Principe, a que estavaõ applicados. O Hidalcaõ picado desta resposta, ainda

Era vulg. antes do sitio de Dio, recorreo ao direito das armas: depois delle renovou a guerra, talvez soprado por Cambaya. D. Joaõ de Castro lha fez com tanto vigor, que elle a pezar da apparencia da sua justiça, teve de experimentar destroços semelhantes aos da costa de Guzarate, e ser causa da ruina de Dabul, e de Pondá. Elle os sentiria muito maiores por effeito da alliança dos Portuguezes com os Principes visinhos, se a esse tempo naõ recebesse o Governador Expressos de Dio, em que D. Joaõ Mascarenhas o avisava como Sultaõ Mamud com hum Exercito de 150000 homens se fazia prestes para tornar a sitiar a Fortaleza, aonde lhe parecia fosse em pessoa abortar-lhe os intentos.

Quando o Governador preparava huma grossa Armada para passar ao Norte, ajudado dos donativos voluntarios, e gostosos dos moradores de Goa, e da officiosidade das Damas, que segunda vez se desguarnecêraõ para lhe enviarem as joias, sentidas de que na primeira naõ se aproveitasse do seu valor: quando a Goa chegavaõ as náos do Reino,

de

de que eraõ Capitães D. Francisco de *Lima* despachado Governador daquella Capital; Balthasar Lobo de Sousa; D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, e provido no governo de Malaca, que dando-lhe a náo á cósta, trazia a gente repartida pelas outras; Francisco de Gouvea; Francisco da Cunha, e Bernardo Nacer: quando recebia ordens d'El-Rei, para á custa da sua fazenda construir em Moçambique huma Fortaleza inexpugnavel, capaz de resistir ás invasões dos Turcos, e de segurar o Commercio das minas de Çofala, e de Cuama: em Malaca succediaõ casos admiraveis pelos rogos de S. Francisco Xavier, a quem o Ceo revelou ás nossas armas vantagens superiores ás esperanças humanas. Ellas por singulares vaõ á ser a materia do Capitulo seguinte, em que nos entreteremos, até seguirmos a D. Joaõ de Castro na viagem de Dio, para que se prepara.

Era vulg.

CAPITULO VIII.

Da milagrosa victoria, que os Portuguezes de Malaca alcançáraõ dos Achens pela oraçaõ de S. Francisco Xavier.

Era vulg.

PELO mesmo tempo, em que as armas Portuguezas na India conseguiaõ as vantagens, que eu tenho acabado de referir; Malaca gosava de huma paz perniciosa nascida da divisaõ dos Reis seus visinhos, que mutuamente trabalhavaõ por se destruirem: paz nesta divisaõ indigna, por se naõ approveitar nella de avançar os seus interesses, antes abandonando os Alliados, naõ cuidava em sustentar na balança o equilibrio, quando aquelle Principe, que tomasse a superioridade sobre os outros, seria o instrumento da sua ruina: paz, que esquecia todos os interesses do commum, unicamente applicados os homens aos individuaes por huns meios, que os submergia no abysmo dos vicios mais enormes, sem se approveitarem da divisaõ dos Monar-

marcas: huma paz origem de taes diffo- luções entre os Portuguezes, que querendo remediallas o zelo fervoroso do grande Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, elle teve com menos fructo mais trabalho, do que lhe causava a conversaõ dos Idolatras, e Mahometanos.

Era vulg.

Entre outros daquelles descuidos reprehensiveis, dous delles saõ bem memoraveis, e do ultimo resultou o aperto, em que nós temos de vêr a Malaca, se nella naõ houvesse entaõ outro Profeta, que a libertou com orações, á maneira do que resgatou a dissoluta Samaria. A primeira das occasiões para as suas conveniencias, que deixou perder Malaca, foi a da liga de varios Reis contra o de Patane, bom amigo dos Portuguezes, que temia ser invadido por huma Armada de 300 vélas. Entaõ escreveo Simaõ de Mello, Governador de Malaca, a Diogo Soares de Mello, que estava por Capitaõ no porto de Patane, ordenando-lhe se recolhesse sem perda de tempo áquella Cidade para se naõ embaraçar com algum dos Reis belligerantes. Elle, que entaõ tinha forças para alen-

tar

Era vulg. tar o partido mais fraco, immediatamente despedio os navios grossos para a China, e com a Esquadra das galeotas se fez ao mar. Nelle teve o encontro com a Armada dos tres Reis alliados, que visitou civil nos seus bórdos, satisfeito com levar huma carta do de Paõ para no seu porto ser fornecido dos generos, que necessitasse.

A segunda occasiaõ, com maior inconsideraçaõ mallograda, foi a do soccorro, que Malaca recusou ao Rei de Aru na Ilha de Çumatra, alliado fiel dos Portuguezes, que pelo Achem, inimigo commum de ambas as nações, foi despojado da vida, e dos Estados. Depois da mórte, e destroço deste Principe, a Rainha viuva veio em pessoa a Malaca pedir a justa recompensa de tomar á sua conta a vingança das injúrias feitas ao Rei amigo. Entretida com boas palavras a Rainha, ella desenganada de que lhe correspondessem as obras, recorreo a Alodin, Rei de Viantana, o que fora destronado por Pedro Mascarenhas, que lhe assistio com todas as suas forças, e ella o metteo de posse de hu-

ma coroa pela solemnidade do matrimonio, que entre ambos contratáraõ. A guerra, que este Rei sustentou largo tempo com o de Achem foi outro tanto de aciosidade, de descuido, de inacçaõ para Malaca, que reduzio ao estado de perder-se.

Era vulg.

Com tudo, o Achem firme nas suas usurpações, invariavel no odio contra os Portuguezes, naõ menos que o seu competidor Alodin; elle appareceo este anno sobre Malaca com huma Frota formidavel, guarnecida de brava gente. Elegeo a sua corage dous objectos para dous assaltos ao mesmo tempo. No da terra, naõ obstante o nosso descuido, encontrou o valor taõ prompto, que teve de se embarcar cortado. No do mar foi taõ feliz, que reduzio a cinzas os sete navios, que estavaõ no porto, alguns delles chegados de Banda com cargas preciosas. O Barbaro, soberbo com a victoria, em quanto se refazia na Ilha de Upi, com o estylo pomposo, e arrogante dos Orientaes mandou desafiar a Simaõ de Mello por sete homens nossos, com os narizes, e as orelhas cor-

ta-

Era vulg. tadas, que pode haver á maõ. Toda Malaca sentio o desprezo; mas ella estava falta de meios para traçar o despique. Neste aperto chegou Diogo Soares do Mello com duas galeotas: apparecêraõ duas caravellas de Mercadores: soccorro debil, se Malaça naõ tivera em si o auxilio do Ceo em hum amigo de Deos o Padre Francisco Xavier.

Elle determina resoluto, que o ultraje feito pelo Achem antes a Jesus Christo, que aos seus Fiéis, devia ser vingado. Como todos respeitavaõ do Oraculo as suas vozes, todos com elle correm ao Arsenal a vêr a imagem triste do modo, porque os Reis saõ servidos nos paizes distantes, que mandaõ pelos longos caminhos até as Cortes ir tomando estaturas apparentes aos informes falsos. Acháraõ-se no Arsenal sete cascos de fustas podres, boas para servirem ao fogo, sem haver para as remendar calafates, estopa, breo, vélas, ancoras, amarras, em fim, nem hum prégo, e maõ de official, que o pregasse. Entaõ o Santo, quando irritado mais alegre, para que a futura victoria

na

na falta dos meios humanos toda se attribuisse aos esforços divinos; elle encarrega aquelles vasos aos Capitães da expedição D. Francisco Deça, cunhado do Governador, que havia ser o General, Diogo Pereira, Affonso Gentil, André Toscano, João Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, para que tomassem á sua conta reparallos, e sahissem sem demora aos inimigos, com mais firmeza na Fé, que no valor.

Era vulg.

A grande authoridade do Santo desterrou todas as dúvidas: fez-se o que elle mandava. Sahírão ao mar as sete fustas, as duas galeotas, as duas caravellas com 180 homens, mantimentos para déz dias, e ordem de Simão de Mello para não se exceder este termo na demanda do Achem: apparato com mais de ridiculo, que de guerreiro para affrontar, já victorioso, o respeitavel poder daquelle Principe. Até 28 de Outubro se passárão sete dias de navegação, e o lugar marcado pelo Governador, sem os Portuguezes terem novas dos inimigos, que buscavão. Passárão

mais

Em vulg. mais dias, o houve quem dissesse, que elles estavaõ em Quedá. D. Francisco Deça queria buscallos; mas a trópa obediente ás ordens do Governador, já falta de viveres, acabado o regimento, cuidava em retroceder. O tempo contrario de 23 dias a fez mudar o intento, e procurar pórtos, em que fornecer-se. Passavaõ as semanas, e tanta tardança causava em Malaca huma consternaçaõ extrema. Hia-se perdendo a fé ás palavras do Santo: elle cada vez as dizia mais fórtes, e a mostrava mais viva.

Cresceo a afflicçaõ com a indústria de Alodin, Rei de Viantana, que veio com as suas forças para o rio de Muar pôr-se em observaçaõ sobre o successo da Fróta para se lançar sobre Malaca, sua amada Patria, a que naõ podia perder a saudade. Elle enviou hum Emissario bem ensaiado representar a Simaõ de Mello: Que sabendo como o Achem, igualmente inimigo seu, e de Malaca, havia destruido a Armada Portugueza, elle viera para taõ perto com o seu Exercito, que lhe offerecia para o soccorrer contra o inimigo commum. Simaõ de

de Mello disfarçando no semblante os apertos da alma, disse ao Emissario, que agradecesse a seu Amo a honra, com que o tratava: que elle tinha a sua Praça taõ bastecida de gente, munições, e viveres, que sobrando-lhe para a defensa propria, desejaria empregar o resto no seu serviço contra o Achem, que tambem era seu adversario: que em quanto ao destroço da Fróta o haviaõ informado mal; porque elle acabava de receber noticias, de que os Portuguezes haviaõ feito aos Achens em póstas, sem que hum só escapasse com vida, e que lhe dava os parabens desta victoria, que lhe podia ser interessante.

Em vulg.

Em quanto o Rei de Viantana com tal reposta se sobprende, Malaca com o seu recado muito mais se consterna. Chegou a manhã do fausto Domingo seis de Dezembro, em que a Fróta Portugueza entrou no rio de Parles, Corte deste Rei, depois de padecidos muitos trabalhos, para atacar a Armada dos Achens, que nelle estava sobre ferro. Quando o combate, que logo escreveremos, se aquecia, S. Francisco Xavier

pré-

Era vulg. prégava ao Povo em Malaca. No meio do Sermaõ elle pára de repente; elle vai sahindo para fóra de si mesmo; elle entra em hum extasi; elle aperta os punhos com movimentos já de temor, já de alegria; elle suspira; elle chora; elle mudo falla energico; suspenso o auditorio, parecia taõ extactico como elle.. Restituidos no Varaõ Apostolico os officios da humanidade, rompe o silencio, e diz: Demos graças a Deos; que neste ponto acaba a nossa Armada de vencer a do Achem: sexta feira recebereis a primeira noticia da victoria, e poucos dias depois vereis chegar a Frota triunfante. Immediatamente entra com toda a candura a fazer hum miudo detalhe da batalha, como se a estivera vendo, na fórma seguinte:

Que o Rei de Pedir, General da Armada inimiga, para voltar á primeira expediçaõ mais arrogante com outra victoria, fora apoderar-se das terras do Rei de Parles, aonde comettêra crueldades inauditas, obrigando este Principe a refugiar-se nos Estados de Patane; Que elle se fizéra senhor de hum pos-

to,

to, aonde actualmente conſtruia hum Fórte para cortar os viveres a Malaca, e impedir que embarcaçaõ alguma chegaſſe áquelle porto: Que ſabendo os dous partidos da ſua viſinhança, em ambas as Armadas houvera hum prazer extremo, diſpoſtos os animos para hum combate de opiniaõ: Que o Rei General fora o primeiro em mover-ſe com quatro fuſtas na vã-guarda, que elle cobria; as mais em huma bella ordem de batalha: Que á ſua viſta D. Franciſco Deça fizera o meſmo; mas poſtando as fuſtas a coberto na Enſeada, que formava huma ponta de terra para naõ ſer rodeado pela multidaõ dos vaſos inimigos: Que eſtes deraõ a ſua primeira deſcarga de artilharia ſem effeito, e que immediatamente cobríraõ o ar de huma eſpeſſa nuvem de ſéttas com igual ſucceſſo.

Era vulg.

Pelo contrario, que os Portuguezes naõ perdêraõ tiro, taõ felices, que na primeira banda da galeota de Diogo Soares de Mello fora huma balla paſſar de hum a outro bórdo a Capitanea, e a mettêra ao fundo com perda de cem

bra-

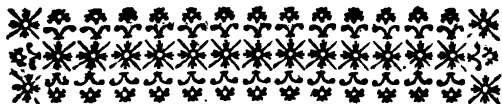
Era vulg.

bravos homens, e grande trabalho do Rei de Pedir para ſe ſalvar em outra fuſta: Que indo as Portuguezas mui deſpedidas, chocáraõ com as outras tres da vã-guarda; mettêraõ-as em deſordem a tempo, que o Rei General reſtabelecido obrava maravilhas para animar a ſua gente: Que em quanto as noſſas embarcaçoẽs dos lados ſuſtentavaõ o fogo, as do centro ſe avançáraõ á abordage com tanta rapidez, que em hum momento o mar ſe vio coberto de deſtroços, tinto de ſangue, hum leito de moribundos, huma tumba de mortos: Que o Rei General, recebendo huma grande ferida, de que morreria pouco depois, fugíra do combate; todos os ſoldados ſe lançáraõ á corrente, que os tragou; que morrêraõ quatro mil, ſem ſe ſalvarem mais que os poucos, que ſeguíraõ o General. Eſta foi a batalha acabada de vencer em Parles ás nove horas da manhã, e referida no meſmo ponto por Xavier da ſorte que fica dito, com jubilo, e admiraçaõ da gente de Malaca, que via a ſegurança, com que el-

se à contava, como quem acabára de a vér. *Era vulg.*

Com a noticia da derrota dos Achens; o Rei de Parles ajuntou as tropas, que póde; cahio fobre hum corpo de 500, que guardava o posto fortificado, e nelle os prisioneiros seus vassallos; que pôz em liberdade depois de naõ deixar hum só dos inimigos com vida. Restituido com esta gloria ao seu Estado, veio congratular-se da victoria com o General Portuguez; e sobmetter-se nosso tributario para daqui em diante ter hum apoio firme nas nossas armas. Na sexta feira marcada pelo Santo Xavier chegou a Malaca a noticia do bom successo: transportados de alegre alvoroço, e de assombro jucundo, os homens redobravaõ o respeito, a veneraçaõ, o rendimento ao orgaõ da Voz Divina, que ouviaõ fallar nelle. Poucos dias depois appareceo a Armada victoriosa carregada de despojos dos inimigos: trezentas peças de artilharia, mil arcabuzes, outras muitas armas, quantidade de munições, vinte e seis fus-

Era vulg. tas prisioneiras, além das queimadas por falta de marinheiros, que as conduzissem. Para complemento do júbilo de huma victoria estimavel entre as mais célebres, se soube pouco depois, que o Rei de Viantana, tomado da desesperaçaõ por vêr abortado o seu designio, depois de matar o correio, que lhe levou a nova da nossa vantagem pelas proprias mãos, se retirára de Muar para Jor, aonde D. Estevaõ da Gama o acantonára, e aonde até entaõ os Portuguezes o deixavaõ viver pacifico.

Liv

LIVRO L.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Governador da India D. Joaõ de Castro parte para Cambaya com huma grossa Armada; o que lhe succede; e aquelle Rei em pessoa com 150ф000 homens, apresenta batalha com 3ф000 Portuguezes.

Era vulg. 1547

HERÓICAS as acções de D. Joaõ de Castro, sublimáraõ de sórte o seu crédito entre os Principes do Indostaõ, que entre outros o Rei de Canará ajustou com elle huma Liga offensiva, e defensiva, com outras condições vantajosas ao Estado. Este mesmo crédito, a reputaçaõ deste Tratado com hum Rei taõ poderoso, foraõ os estimulos mais fórtes, que o forçavaõ para naõ dissimular callado os movimentos do Rei

Era vulg. de Cambaya, que chamava as attenções dos Reinos do Nórte, provocava o susto das nossas Praças; eraõ as suas desmarcadas forças a materia do pavor geral dos amigos, e contrarios. Para oppôr fastosa huma a outra ostentaçaõ bellica, D. Joaõ de Castro partio de Goa a vêr o grande Exercito de Sultaõ Mamud, e a mostrar-lhe huma respeitavel Armada de 160 vélas, que foi surgir a Baçaim. O Sultaõ com a noticia de que a vã-guarda da Fróta commandada por D. Alvaro de Castro apparecêra sobre a barra de Surrate, aonde era Commandante Caracen, genro de Coge Çofar, receoso de que o Governador com todas as forças invadisse taõ importante Cidade, moveo para os seus contornos o grande Exercito, que elle mandava em pessoa.

Chegou o Governador á barra de Surrate para se incorporar com seu filho, ainda ignorante da visinhança do Rei de Cambaya, que naõ só cobria aquella Praça, mas tambem a de Baroche pouco antes saqueada por D. Jorge de Menezes. Como se receou o suc-

cef-

ceſſó ſobre a fórte Surrate, o Governa- dor quiz fazer a Baroche outra viſita, e entrou no ſeu porto. Mandando explorar o rio, e a terra por Franciſco de Siqueira, Capitaõ dos Nayres de Cochim, elle voltou com a noticia de que deſcobríra o Exercito de Cambayá occupando huma vaſta extenſaõ de terreno: que ſoubera de huns peſcadores ſe contavaõ nelle 150000 homens de armas: que o Rei vinha cingindo todo o campo com elle formado em hemicyclo, de ſorte, que de huma ponta do creſcente da Lua até a outra ponta havia de diſtancia huma grande legoa: que ambas as pontas do creſcente vinhaõ pelos ſeus lados abraçar o rio para fecharem no centro o campo do deſembarque: que avançadas do meſmo centro marchavaõ oitenta peças de campanha cobertas para naõ ſerem viſtas por hum deſtacamento de ſeis mil homens, que traziaõ ordem de ſe pôr em retirada lenta ao primeiro repellaõ para levarem os Portuguezes ao fogo da artilharia, em que o Sultaõ trazia poſta a maior confiança.

Era vulg.

Era vulg. D. Joaõ de Caſtro, que para animar as trópas em Baçaim, ideou a puerilídade fofa de mandar fazer em público huns grandes eſpetos, que dizia lhe haviaõ ſervir para nelles vêr aſſar vivo o potentiſſimo Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya; agora, para moſtrar humas apparencias, de que a bizarria militar havia ſer executada, elle determina com tres mil homens ir em demanda de Sultaõ Mamud no centro de cento e cincoenta mil para o haver ás mãos, e o mandar aſſar. He embandeirada toda a Fróta; galharda, e guerreira enche o rio, e corta as aguas; ſoaõ com écco terrivel as caixas, clarins, e trompas; pelos bórdos a gente armada faz oſtentaçaõ, ou huma viſta bizarra; á véla, e remo põe as embarcaçṍes prôas em terra, e ſe fórma nella hum Eſquadraõ capaz de fazer vêr no deſembaraço, que ſe por algum incidente ſucceder faltar-lhe o conflicto, que para elle lhe ſóbra o valor.

Já á viſta de hum mundo de homens hum punhado de Portuguezes, impavido D. Joaõ de Caſtro, que para ga-

nhar

nhar gloria sublime lhe bastava o arrojo de fazer semelhante desembarque na face de tal Rei, elle falla aos seus soldados, e lhes diz em hum tom féro: Deixar de dar batalha a esse mundo de Guzarates, que tendes diante de vós, naõ convém á reputaçaõ dos Portuguezes da India: isso naõ saõ homens, he huma gente mercenaria, amiga da paga, inimiga da guerra: saõ as mesmas figuras, que vimos em Dio, e que ainda vem cortadas buscar mais feridas: vamos a elles renovar-lhes humas, abrir-lhes outras de novo: vós naõ lhes podeis temer, nem o número, nem o valor: o número naõ, porque os Portuguezes na India nunca o contáraõ; o valor menos, porque o vosso lhe leva huma vantagem infinita. Pois que receais? Que o pézo dessa mole monstruosa de carne vos opprima? A vossa he muito mais dura. Além disso a nossa Armada nos segura a retirada de baixo do seu fogo, que varrerá o campo, quando nos seja necessario tello largo para aliviar-nos do pezo.

Era vulg.

Assim fallando, o Herόe intrépido man-

Erá vulg. manda romper a marcha, que avança dous tiros de mosquete do lugar do desembarque. Entaõ o rodeaõ, o fazem párar os seus Officiaes, e lhe representaõ naõ queira ser responsavel aos homens, ao Rei, e a Deos no sacrificio de tantas victimas immoladas a huma temeridade: que se contentasse com a honra que tinha ganhado em tantos heróicos feitos, e ainda ganharia em outros nas suas devidas proporções, sem se expôr a arruinar de hum golpe o Estado da India. Naõ resistio o Varaõ prudente ás reflexões maduras: suspendeo a marcha, cedeo de ser o agressor; mas esperou com a firmeza de hum rochedo tres horas no campo a resoluçaõ do Rei de Cambaya. Como este se naõ movia, D. Jorge de Menezes Baroche pedio ao Governador 500 espingardas para dar huma descarga no corpo immovel. Respondendo que naõ se contentava com golpe taõ pequeno, acabadas as tres horas se embarcou com tanto socego, como se o fizera em Goa. Diga Roma se vio destas gentilezas nos seus Fabios, Scipiões, e Marcellos.

Sa-

Sahio o Governador do porto de Baroche, e foi desaffogando o seu resentimento pelos lugares da cósta até Dio. Proveo o governo da Fortaleza em Luís Falcaõ, que chegava do de Ormuz. O grande D. Joaõ Mascarenhas foi a Cochim embarcar-se para o Reino. Na volta para Baçaim as Cidades de Pate, e Patane foraõ assoladas pelo Governador. O mesmo fez á de Dabul na viagem para Goa; e ainda que as suas vantagens sobre o Hidalcaõ nas terras de Bardes, e Salcete foraõ assás ligeiras, elle lhes engrossou a estatura com as honras de hum novo triunfo semelhante ao da victoria de Dio. Elle seria bem justamente merecido, se D. Joaõ de Castro mettesse no número das nossas conquistas a Cidade de Adem, que foi o padrastó das façanhas de Affonso de Albuquerque, aonde chocou a sua gloria: conquista, para que agora se offerceo a occasiaõ mais opportuna.

Era vulg.

O Baxá Solimaõ derrotado por Antonio da Silveira em Dio, na volta para ra o Estreito se metteo de posse desta Cidade soberba. Atégora a tyrannisáraõ

1548

os

Era vulg. 1548

os Turcos com tantas crueldades, que os consternados moradores de Adem pedíraõ a protecçaõ do Rei de Camphar, que os lançou fóra, e a ficou dominando. Como se receou da volta daquella Naçaõ arrogante, o Principe despedio Embaixadores a D. Manoel de Lima, Governador de Ormuz; para lhe offerecerem a Cidade, se elle quizesse ajudar a defendella. D. Manoel conveio na proposta; despachou para esta expediçaõ a D. Payo de Noronha, que com ardor a desejava; mas elle foi tisnar em Adem a gloria illustre dos Noronhas. O Rei de Camphar lhe entregou a Cidade, e elle foi sitiar o Baxá Marzaõ, que com 500 Turcos se fazia fórte em hum Castello da campanha. Quando D. Payo acabava de dar parte ao Governador da India de negocio taõ grave para o soccorrer com forças, que sustentassem a sua importancia taõ vantajosa ao Estado; elle se occupa do terror panico de trahições imaginadas, que o privaõ de outra acçaõ, que naõ seja a de abandonar Adem, e recolher-se aos navios para estar prompto

a

a fugir, quando a necessidade o pedisse.

Era vulg.

Succedeo ao Rei de Camphar ser morto pelos Turcos na escalada do Fórte, e voltarem elles sobre Adem, que o Principe de Camphar, já novo Rei, defendeo com gentileza. Na idéa de que se sustentavaõ em huma Cidade de Portugal, para glória da Coroa obráraõ maravilhas, ao lado do Principe, Pedro Fernandes de Carvalho, Antonio de Figueiredo, Pantaleaõ da Maya, e poucos Portuguezes, que o ocioso Noronha consentia estarem em terra. Nem o valor destes bravos, nem a corage do Principe impedíraõ crescer o aperto em Adem, e o medo tanto em D. Payo, que avisou aos Portuguezes se embarcassem aquella noite com segredo, porque elle se levava. Todos obedecêraõ á ordem do seu Chéfe, excepto Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous homens dignos da memoria dos bronzes, impellidos por impulso superior para repararem com acções façanhosas a glória da Naçaõ offuscada pela covardia de D. Payo. Elles lhe respondêraõ: Que co-

Era vulg. como tinhaõ ouvido dizer que Adem era huma Cidade d'El-Rei de Portugal, de ſórte alguma a deſampararíaõ, em quanto naõ derrotaſſem os Turcos, ou perdeſſem as vidas.

Pouco depois apparecêraõ tres galeotas Turcas, que vinhaõ de Moca, e eraõ a vã-guarda de outras, que tambem traziaõ o deſtino em Adem. D. Payo com a gente a bórdo, fez alguns movimentos de que queria atacallas; mas o coraçaõ perdeo o calor, e depois de alguns dias de irreſoluçaõ, eſperou huma noite, em que ſe fez á véla ſem ſer ſentido em Adem, com dôr, e láſtima dos ſeus Officiaes, e ſoldados, que ſobre deixarem ao deſamparo hum Rei alliado, perdiaõ occaſiaõ de tanta honra. De muitos caſos triſtes foi origem eſta retirada vergonhoſa. Os Turcos ſabendo della déraõ hum aſſalto á Cidade, e a ganháraõ com mórte de toda a guarniçaõ; do novo Rei de Camphar, de hum irmaõ; e o mais moço deveo a liberdade, e a vida aos dous Portuguezes, que o leváraõ a tomar poſſe do Reino vago. De-

pois

pois succedeo a D. Joaõ de Ataide, que fora mandado de Baçaim por D. Joaõ de Castro soccorrer a D. Paulo, naõ o achando em Adem, ser perseguido das galéz Turcas; obrigarem estes a que dous dos seus navios varassem em terra; ir a gente para Camphar; e elle com o seu ter a felicidade de se salvar nos Ilheos de Canecanim, aonde encontrou o temeroso D. Paulo resoluto a esperar D. Alvaro de Castro, que vinha com huma Armada sobre Adem, lastimosamente perdida por culpa daquelle Official inconsiderado, teimoso, ou covarde.

Era vulg.

Ultimamente a retirada de D. Paulo foi causa, naõ só de se perder a despeza de hum armamento taõ bello, como D. Alvaro de Castro levava a Adem; mas do Governador seu Pai naõ exceder ao grande Albuquerque na glória de metter na Adem soberba hum posto de tanto ciume entre as mãos dos Reis de Portugal: huma gloria, que para elle, e para todos os Portuguezes da India naõ teria igual. Mas D. Alvaro chegando á cósta de Adem perdida, en-

con-

Era vulg. controu dous informantes da sua desgraça em D. Paulo de Noronha, e em D. Joaõ de Ataide. O primeiro, para desculpar a enormidade da sua falta, engrossou os objectos do medo: o segundo, para naõ faltar á essencia da verdade, referio ingenuo os successos, que se para a honra de D. Paulo eraõ assás grosseiros, para a reputaçaõ Portugueza tinhaõ muito de delicados. Dos Ilheos de Canecanim mandou elle a D. Joaõ de Ataide, que fosse conduzir os Portuguezes dos seus dous navios naufragados em Campbar. Entaõ soube do novo Rei, como depois da retirada de D. Paulo, animado por Manoel Pereira, e por Francisco Vieira; se sustentára em Adem vinte e hum dias; e que só aquelle Fidalgo era o culpado de cahir da Coroa de Portugal huma pedra taõ preciosa.

D. Alvaro de Castro poz o negocio em conselho, que resolveo; supposta a perda de Adem, se voltassem as armas a favor do Rei de Caxem, nosso amigo, que estava despojado de parte dos seus dominios. Parou esta expedi-

çaõ

çaõ na conquista do Fórte de Xael, em Era vulg. que se deixáraõ matar os poucos Fartaques, que a defendiaõ: ventura ligeira, a que em Goa se deo taõ alto tom de heróica, quanto de abatida á retirada de D. Paulo de Noronha, que o Governador naõ quiz vêr na India, nem El-Rei attender no Reino. Entaõ se perguntavaõ os Portuguezes quaes eraõ as tres cousas succedidas; huma, que de amargosa se fez doce; outra, que de grande se fazia pequena; a terceira, que de pequena a fizeraõ grande? Elles se respondiaõ, que as bombardas atacadas de maçapões no triunfo de *D. Joaõ* de Castro convertêraõ o amargo em doce; que a conquista de Baroche se mudára de grande em pequena pela haver feito D. Jorge de Menezes; que a tomada de Xael, sendo cousa taõ pequena, lhe deraõ estatura bem grande, por haver sido acçaõ do filho do Governador. D. Alvaro recebeo em Goa as honras do triunfo por ordem de seu Pai, que entendeo devia usar desta politica apparente, quando vivamente sentia a pouca vanta-

gem

Era vulg. gem do filho, e a grande quebra de D. Paulo.

CAPITULO II.

El-Rei noméa a D. Joaõ de Castro Viso-Rei da India: sua mórte, e qualidades com os successos de Garcia de Sá.

LOURENÇO Pires de Tavora, como testemunha de vista, trouxe a Portugal a relaçaõ miuda do sitio, defensa, e batalha de Dio; que déraõ assumpto á conversaçaõ das gentes, e ao assombro geral da Europa. El-Rei communicou a todos os Principes a victoria que as suas armas acabavaõ de ganhar sobre o Monarca mais poderoso do Indostaõ; e o nome do instrumento della, o grande D. Joaõ de Castro, entrou a ser ouvido com respeito, e reverencia, e elle estimado por hum homem igual em ambas as fortunas. No primeiro de Novembro partiraõ logo tres náos a levar-lhe soccorros para a guerra, e despachos para a pessoa. No seguinte Dezembro

bro se expedíraõ outras tres com o primeiro designio: aquellas commandadas por Martim Correa da Silva, que hia provido no governo de Dio, e levava a D. Joaõ de Castro, além das honradas Cartas d'El-Rei, e do Infante D. Luís, a prorogaçaõ de mais tres annos no governo da India com o titulo de Viso-Rei, dez mil cruzados de donativo, e a patente de General do mar para seu filho D. Alvaro; estas ás ordens de Francisco Barreto, que hia despachado no governo de Baçaim, e teve de invernar em Moçambique.

Era vulg.

Recebeo o Viso-Rei D. Joaõ de Castro, o despacho das honras caducas, quando a natureza prostrada deixava, que o espirito se fosse desatando para sahir do ergastulo do corpo, e ir gozar na Eternidade as permanentes. Sentindo que a debilidade das forças occasionada de febres agudas o embaraçava para cuidar dos negocios, todos poz de parte, unicamente entregue aos da consciencia, que he o negocio de todo o homem. Elle encarregou o governo ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque,

Era vulg. que, a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa, ao Chanceller Mór, ao Ouvidor Geral, e ao Vedor da Fazenda. Depois chamou os homens bons, os Deputados, os Prelados das Religiões, os Officiaes das rendas d'El-Rei, os dous Pilótos déstros, que elegêra para o levarem a salvamento na sua arriscada viagem, a saber, o Padre Francisco Xavier, e Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscanos. Tendo-os a todos presentes lhes fez o discurso seguinte: discurso capaz de arrancar lágrimas dos olhos dos mais insensiveis, digno da lembrança da posteridade, coroa da heroicidade de D. Joaõ de Castro, hum discurso só seu, verdadeiro, das pessoas do seu caracter pouco imitado, jurando sobre o Livro dos Evangelhos as verdades, que hia a proferir, elle diz:

Mandei-vos chamar, senhores, para vos representar o estado miseravel a que está reduzido hum Viso-Rei da India. Quanto tive, e recebi d'El-Rei, despendí no seu serviço. Nem a elle, nem a pessoa alguma particular sou deve-

vedor de nada. Nem hum só presente, Era vulg.
de que eu me utilisasse, entrou em minha casa. Estou taõ pobre, que hoje naõ houve nella com que se comprar huma gallinha para este enfermo, como o Medico mandava. Mais lastimosa he a minha condiçaõ, que a do simples soldado. Este acha em hum Hospital quanto lhe he preciso para se curar. O donativo, que eu recebi da Real Grandeza, servio-me para satisfazer as dividas contráhidas nas expediçóes, de que todos sois testemunhas. Fiquei sem hum real. Algum dia sobre o penhor das minhas barbas achei entre vós dinheiro de emprestimo para as necessidades do Estado. Hoje para as minhas naõ tenho valor de vo-lo pedir por meio do empenho das barbas de hum homem, que está para morrer. Naõ me fica mais refugio, em quanto naõ chegaõ as náos do Reino, que pedir aos Veadores, e Officiaes da Fazenda soccorraõ com o dinheiro d'El-Rei a minha necessidade extrema da casa, e da pessoa. Assisti-me, Senhores, com huma congrua decente na duraçaõ desta

Era vulg. doença. Se virdes, que eu gasto de mais, cortai, suspendei, tende maõ no que fôr superfluo. Quero o necessario para a vida. Em despender o dinheiro Real haja grande cautéla. Se houverem inconvenientes para me fazerdes esta graça, eu a peço por esmóla, e caridade á Casa da Misericordia, que me contará no número dos seus pobres.

De tudo quanto o Viso-Rei acabava de dizer, e de jurar, mandou fazer hum Auto público, que todos assignáraõ: Auto, que nós deviamos gravar nos porticos dos nossos Templos, nas pyramides, e columnas para confundirmos em todas as idades os Fastos Gregos, e Romanos, as memorias dos Themistocles, e Fabricios, dos Diogenes, e Crateros. Os Veadores da Fazenda arbitráraõ ao Viso-Rei o necessario para o gasto da sua casa, que naõ fez muita despeza; porque passados poucos dias, sempre recolhido com S. Francisco Xavier na sua ante-camara, entregou o espirito ao Creador aos seis de Junho deste anno, e aos 48 da sua idade. Buscou-se o testamento, que estava no seu

Co-

Cofre de refguardo, em que fe acháraõ humas difciplinas com fignaes de bom ufo, e os cabellos da barba, que mandára de Dio empenhar a Goa. Morreo D. Joaõ de Caftro como viveo, e mereceo ter por primeiro Panegyrifta o grande S. Francifco Xavier nefta carta efcrita ao Padre Ignacio Martins aos 28 de Outubro do mefmo anno: Era vulg.

A impenfada mórte do Vifo-Rei D. Joaõ de Caftro deixou fem efpiritos a todos eftes Póvos, e certamente perdeo S. A. nelle o melhor vaffallo, que fe podia defejar; e ainda fe naõ fente a fua mórte, que eu imaginei foi fonho. Se na fua vida foi efpelho da virtude, e do valor, na mórte foi pejo aos Ecclefiafticos, e affombro aos feculares: aos Ecclefiafticos, porque a fua mórte naõ parecia fenaõ de hum Anjo, fe dizer fe póde; e aos feculares, porque lançou a baliza da cubiça além da raya, deixando no defprezo dos bens profanos huma memoria, de que fe póde levantar eftatua, eftimando em tanto a pobreza, que ainda para a comida da fua doença pedio preftado, e com taõ lim-

Era vulg. nas mãos da Fazenda Real, que ao ponto de morrer deo testemunho jurado, que pela conta que tinha que dar ao seu Creador, nada, nem valor de hum xerafim devia. Deo o espirito ao Senhor com tantas mostras de Justo, que na minha estimaçaõ voou ao Ceo, e senaõ, naõ sei o que eu serei.

Este he o mais illustre de todos os testemunhos, que canonisa a probidade de D. Joaõ de Castro, filho segundo de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, e de sua mulher D. Leonor de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeida, segundo Conde de Abrantes. Taõ illustre como pobre, casou com D. Leonor Coutinho, filha de D. Leonel Coutinho, que morreo com o Marechal em Calecut, da qual teve a D. Miguel de Castro, que falleceo Governador de Malaca; a D. Fernando de Castro, que morreo na mina de Dio; a D. Alvaro de Castro, que pelos seus altos merecimentos foi Embaixador a Castella, França, Roma, e Saboya, Conselheiro de Estado, e Vedor da Fazenda d'El-Rei D. Sebastiaõ. Ja-

cin-

cintho Freire de Andrade com a sua inimitavel penna refere os successos illustres de toda a sua vida, e lhe descreve o caracter com esta elegancia: D. Joaõ de Castro foi visto com igual semblante entre as incommodidades da Patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de naõ pedir nada. Fazia razaõ, e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas taõ justificado, que mais se podiaõ queixar da Lei, que do Ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande respeito as acções dos seus Antecessores, honrando até aquellas, de que se apartava. Sem estragar a cortezia conservou o respeito, sempre zelou a causa de Deos primeiro, que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assim a muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos, que recebia dos Principes da Asia, manda-

Era vulg.

da-

Era vulg. dava carregar na Fazenda Real, virtude, que louvárao todos, imitárao poucos. Os soldados enfermos achavaõ nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Nenhuma facçaõ emprehendeo, que naõ conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo signal adorava com inclinaçaõ profunda sem differença de lugar, ou tempo, &c.

Abertas as vias se achárao nomeados D. Joaõ Mascarenhas, e D. Jorge Tello, que haviaõ partido para o Reino. Abrio-se a terceira, e cahio a sórte no veneravel velho Garcia de Sá, que estava presente; Fidalgo, que contava mais merecimentos, do que dias; que se conduzia segundo a simplicidade dos primeiros tempos, e que havendo passado na India a maior parte da vida, era hum seminario de experiencias acompa-

nha-

tinhadas de probidade. O prazer dos homens na sua eleiçaõ foi á proporçaõ da estimaçaõ geral, em que todos o tinhaõ, fossem Portuguezes, ou Indios, testemunhas contestes da candura dos seus costumes. Tudo brilhou nos primeiros dias do seu governo, fosse na renovaçaõ dos Tratados feitos entre o Çamorim, o Nizamaluco, o Cotamaluco, e outros Principes, ou fosse no ajuste na nova paz com o Hidalcaõ, que acabou por huma vez com o negocio mais critico, que durava do tempo do Governador Martim Affonso de Sousa atégora, á respeito do refugiado Meale.

Era vulg.

O Hidalcaõ logo que soube que Garcia de Sá succedêra a D. Joaõ de Castro, lhe mandou propôr a falta de observancia dos Tratados, de que os seus predecessores abusáraõ, retendo em Goa a Meale, quando elle lhes havia cedido as terras de Bardes, e Salcete com a condiçaõ de mandarem este Principe para as Molucas, ou para Portugal: que o Estado possuia as terras, e Meale estava em Goa: que a sua equidade naõ podia consentir esta contravençaõ, e

que

Era vulg. que elle lhe pedia fizesse justiça. Garcia de Sá conduzio este negocio com tanta dexteridade, servio-se de termos taõ insinuantes, usou com o Hidalcaõ de tal candura, que elle muito á sua satisfaçaõ conveio na residencia de Meale em Goa, protestou de naõ fallar mais palavra nas pretenções de Bardes, e Salcete, e lavrou hum Tratado de paz de mutuos interesses com satisfaçaõ completa de ambas as partes contratantes.

Sem embainhar as armas o Rei de Cambaya, punha attentos os cuidados da India, e de Portugal. A mórte de Luís Falcaõ, Governador de Dio, que estando de noite no seu quarto, huma balla lhe entrou pela janela, e sem saber-se donde veio, lhe tirou a vida, o deo grande a Garcia de Sá. Elle mandou logo a D. Jeronymo de Menezes encarregar-se da Fortaleza, em quanto Martim Correa da Silva naõ hia tomar posse; e elle preparou a Armada para fazer em pessoa a jornada do Nórte. Do

1549 Reino, depois das seis náos em que fallamos, sahíraõ mais onze em duas Esquadras para reforçarem a guerra de Cam-

baya,

baya, que animada por hum Rei poderoso, e estimulado, fazia que em Lisboa se lhe temessem as consequencias. A primeira daquellas Esquadras era composta de cinco náos ás ordens de Manoel de Mendoça, que levava o despacho das Fortalezas de Çofala, e de Moçambique; a segunda de seis commandadas por D. Joaõ Henriques, que hia provido no governo de Malaca. Nestas náos passáraõ á India os primeiros Religiosos de S. Domingos, que fundáraõ em Goa o Convento da sua Ordem em toda a parte luminosa.

Era vulg. 1549

Naõ foraõ necessarios estes soccorros para a guerra de Cambaya, que soube prevenir a prudencia de Garcia de Sá. O Rei Sultaõ Mamud sim estava com as armas na maõ, quando este Governador chegou ao Nórte acompanhado de huma Armada numerosa, muito mais da sua reputaçaõ, que fazia maior vulto. Soube o Sultaõ, que elle chegára a Baçaim, e despedio Embaixadores a cumprimentallo, a escusar-se dos successos passados, a queixar-se do Viso-Rei, que naõ quizera cumprir os Arti-

Era vulg. tigos da paz antes ajustada com D. Garcia de Noronha: huns Officios, que Garcia de Sá atalhou com as demonstrações sensiveis, de que o perfido Coge Çofar tinha sido a causa da rotura da concordia, que o Sultaõ podia consolidar, se quizesse obrar justo. Como as nossas escusas se conformavaõ com as instrucções daquelles Ministros; a paz foi ajustada quasi com as condições dos tratados precedentes, menos o muro de divisaõ, e nos rendimentos da Alfandega, que se haviaõ repartir entre os dous Monarcas. Por este Tratado se restabeleceo na India tranquillidade perfeita com grande vantagem do Estado, e consummada gloria de Garcia de Sá, que em poucos mezes de governo obrou mais, que os seus predecessores em annos.

Nelle se avançáraõ felizmente os progressos da Religiaõ, a conquista das almas, por effeito do zelo abrazado de S. Francisco Xavier, dos Veneraveis Padres Miguel Vaz, Diogo de Borba, e Joaõ Soares, que regenerou pelas aguas saudaveis do Baptismo o Rei de Tanor.

Es-

Este Principe convertido de coraçaõ, e confessor de bocca quiz ter a complacencia de vir vêr a Goa a magestade, com que a Igreja celebra os Officios Santos. Elle foi tratado como o mesmo Rei de Portugal, se elle viesse a esta Capital do seu Estado da India; e confirmado na Fé, voltou a ser o Apostolo dos seus Dominios: conversaõ, que communicada por El-Rei ao Papa Julio III. elle a festejou com acções de graças, procissões, Pontifical, e todas as outras evidencias de prazer, com que a Igreja Militante se conforma no jubilo com a Triunfante, quando hum peccador faz na terra penitencia: jubilo maior, que o que lhe causa a perseverança de noventa e nove Justos, que de penitencia naõ necessitaõ.

Em vulg.

Para pôr termo com gosto aos seus annos avançados, Garcia de Sá vio no fim da vida outros successos felices. Elle vio casadas duas filhas especiosas, que foraõ D. Leonor de Albuquerque com Manoel de Sousa de Sepulveda, huma Heroina, como mostrou na desgraça do seu naufragio; a outra D. Joanna

Era vulg. na de Albuquerque com D. Garcia de Noronha, filho do Viso-Rei do mesmo nome, ambas sem deixarem no mundo successaõ, que chegasse a netos. Elle vio socegar a guerra ameaçada de Ormuz movida pelo rebelde Bislalá, que passando á terra firme, inquietava ao seu Rei, e a D. Manoel de Lima na tranquillidade do governo. Naõ o podendo sujeitar por meio das armas, o Rei, e o Lima fiáraõ de hum galego alentado o negocio de lhe dar a mórte, que elle executou no meio das suas trópas, avançando a habilidade em as reduzir á obediencia do seu Rei natural, mudada de repente em obediencia a rebeliaõ.

CAPITULO III.

Dos acontecimentos da America, Africa, e Europa neste anno de 1549.

EM quanto na India acaba a vida com mórte plácida Garcia de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide Mór

Mór do Porto, vejamos os successos de Portugal pelas outras partes do Mundo. Até agora nada tenho eu tratado da America des do anno de 1500, em que esta grande Regiaõ foi descoberta por Pedro Alvares Cabral, como disse antecedentemente. Do meu silencio foi causa a menos importancia dos descobrimentos do Brasil, por levarem os da India todas as attenções dos Reis de Portugal, que deste anno de 1549 em diante se applicáraõ a povoar com mais desvélo aquelle grande Continente. He verdade, que antes do dito anno já se haviaõ feito viagens ao Brasil, nelle descobrimentos, e povoações, de que eu darei aqui huma breve noticia, até chegar ao ponto do tempo, em que fallamos.

Era vulg.

Depois que Pedro Alvares Cabral descobrio o Brasil, a primeira das suas terras, que os Portuguezes povoáraõ foi a Capitania de S. Vicente, que tomou o nóme da Villa, sua Capital. El-Rei D. Joaõ a deo a Martim Affonso de Sousa, Governador da India, sendo já senhor da de Tamaracá seu irmaõ, Pe-

dro

Era vulg. dro Lopes de Sousa. Do Pará foi conquistador, e povoador Francisco Caldeira de Castello-Branco, ao qual El-Rei D. Manoel fez mercê desta Capitania pelos annos de 1516. A do Maranhaõ, que se estende por 400 legoas de cósta, foi descoberta por Luiz de Mello da Silva, em 1535, e povoada por Jeronymo de Albuquerque de ordem do Governador Gaspar de Sousa. O Seará, huma vasta extensaõ de Paiz inculto situado em très gráos e meio Austraes entre o Maranhaõ, e o Rio Grande, que nunca teve donatario, tambem foi descoberto, e mal povoado pelos mesmos tempos. Nicoláo de Resende descobrio o Rio Grande, e a sua Capitania habitada dos Gentios mais ferozes, andou sempre na Coroa. Em 1535 deo El-Rei a Paraiba ao memoravel Joaõ de Barros, que a mandou povoar por seus filhos acompanhados de 900 homens; mas elles se perdêraõ junto ao Rio Maranhaõ, e depois de passarem muitos trabalhos em huma Ilha, voltáraõ ao Reino sem nada conseguirem. Muitos annos depois a man-

dou

dou povoar o Cardeal Rei á custa da Coroa por Fructuoso Barbosa. Era vulg.

Pedro Lopes de Sousa conquistou, e povoou a Capitania de Tamaracá, de que El-Rei lhe fez mercê, como fica dito, e depois foi de D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, donde passou, por casamento, á Casa dos Marquezes de Cascaes. Duarte Coelho, que chegára a Portugal rico da India, com soldados á sua custa povoou a Capitania de Pernambuco, que obteve em premio dos seus serviços, e houve de sustentar com constancia huma dura guerra com os Gentios Caites ajudados dos Francezes, que nos perturbavaõ naquellas Colonias. Sergipe, que tem por Capital a Cidade de S. Chrystovaõ, he Capitania pobre, e que nunca foi de Donatario. Depois se segue a dos Ilheos, que tem por sua Capital a Villa do seu nome, El-Rei fez graça della em 1546 a Jorge de Figueiredo Correa, que despendeo na sua povoaçaõ muitos cabedaes; mas seu filho Jeronymo de Alarcaõ a vendeo a Lucas Giraldes, e teve depois outros des-

Era vulg. destinos. A de Porto Seguro, que tem o mesmo nome posto por Pedro Alvares Cabral na occasiaõ do seu descobrimento, foi dada pelo mesmo Rei a Pedro de Campos Tourinho, que a cultivou, e povoou; mas sua filha Leonor de Campos a vendeo a D. Joaõ de Lancastro, Duque de Aveiro.

A Capitania do Espirito Santo, e a sua Capital da mesma invocaçaõ, foi fundada por Vasco Fernandes Coutinho, que a obteve d'El-Rei em 1525. Na do Rio de Janeiro pretendeo estabelecer-se o Francez Nicoláo Villagailhon antes dos Portuguezes a habitarem. Pellos annos de 1566 Mendo de Sá, que governava na Bahia, veio em pessoa espalhar os Francezes volantes confederados com os Tamoyos da terra. Elle deixou encarregada a continuaçaõ da conquista a seu sobrinho Estacio de Sá, que foi soccorrido pela Rainha D. Catharina, e perdeo a vida nesta guerra. Seu Tio lhe vingou a morte, abateo os Francezes, domou os Tamoyos, sem que a estes valesse o numero, aos outros a industria. Entaõ se

ſe começou a fazer célebre a Capitania Era vulg. do Rio de Janeiro pela fundaçaõ de novas povoações, eſpecialmente a Cidade Capital de S. Sebaſtiaõ: nome, a que os Portuguezes uníraõ o obſequio ao Rei com a devoçaõ do Santo, como diremos em ſeu lugar. Ultimamente da Bahia de todos os Santos dizemos, que foi deſcoberta por Chryſtovaõ Jacques, e que o primeiro Portuguez, que por caminho deſgraçado a povoou, veio a ſer Digo Alvares, que perdendo-ſe na cóſta, pelo ſeu modo agradavel eſcapou com os companheiros de encontrar ſepulchro horrendo no ventre dos Barbaros. Entre eſtes ſe ſoube *Diogo* Alvares fazer arbitro, e merecer grande eſtimaçaõ por matar á eſpingarda hum paſſaro, depois na guerra alguns Tapuyas. Eſte homem veio a París, donde voltou para a America; mas no tempo que eſteve em França inſtruio a Pedro Fernandes Sardinha, que eſtudava em huma das ſuas Univerſidades, nas ſingularidades da Bahia. Na volta para Portugal o Sardinha deo parte a El-Rei do que paſſára com Diogo

Era vulg. Alvares, a tempo que chegava da India cheio de serviços Francisco Pereira Coutinho. Em premio delles lhe fez El-Rei mercê da Provincia da Bahia com condiçaõ de a povoar á sua custa.

Francisco Pereira levou os primeiros annos em paz, que se mudou em oito da mais dura guerra. Naõ podendo já sustentar-se, se retirou para a Capitania dos Ilheos, donde ajustou a paz com os Gentios; mas voltando para a Bahia, perdido no mar, encontrou maior naufragio na terra, aonde elle, e os seus acháraõ nas mãos dos Tupinambás a mórte, nos seus estomagos sepultura. Assim tinhaõ corrido os negocios da Bahia até este anno de 1549. Como El-Rei por mórte do Coutinho havia tomado posse da Provincia; mandou nelle em cinco náos a Thomé de Sousa, Fidalgo muito honrado, com as qualidades necessarias para a importante expediçaõ, a que o seu Soberano o destinava. Elle levava as pessoas necessarias para o governo Ecclesiastico, Politico, e Militar, muitos casaes de moradores, 320 soldados, outros tantos

tos

tos degradados, e muitos artifices para fundar a Cidade de S. Salvador, que veio a ser a Capital do Brasil, Metropoli do Viso-Rei, Arcebispado, com Relaçaõ, e Arsenal, huma povoaçaõ das mais brilhantes da America.

Era vulg.

Com viagem feliz chegou Thomé de Sousa á Bahia, e achou a Gramataõ Teles em huma pequena Aldêa com 30 homens da companhia de Francisco Pereira Coutinho, que viviaõ em paz com os Gentios, sempre assustados da volubilidade da sua condiçaõ bruta. Elle se postou em terra com todo o apparato marcial, que os attemorisasse; com as exterioridades pias da Religiaõ, que os attrahisse. Precedia a todos hum Jesuita carregado com o pezo de huma grande Cruz ao hombro, como representando ao Original, que com outra Cruz ás côstas venceo o Sceptro do Exactor, como no dia de Madian, quando para a sua Sociedade elle tomava posse da grande Regiaõ de Santa Cruz, aonde tanto floreceo a piedade dos Jesuitas. Immediatamente se entrou á obra com tanta actividade, que em pouco tempo

Era vulg. ficou a Fortaleza acabada, e bem guarnecida de artilharia; a Cidade cercada em roda, e provida dos Officiaes necessarios para o seu governo. El-Rei se empenhou nos annos seguintes em engrandecella, e no de 1550 nomeou para seu primeiro Bispo ao mesmo Pedro Fernandes Sardinha, que em Pariz estivera com Diogo Alvares; mas perdendo-se a náo, que o levava com muita gente, elle, e os mais foraõ pasto da voracidade dos salvagens Americanos.

Por este tempo estava a Corte em Almeirim, aonde chegou Monsieur de Biron com o caracter de Embaixador Extraordinario de França para convidar da parte de Henrique II. seu Amo a El-Rei de Portugal para Padrinho de hum Principe seu filho, que lhe nascêra. El-Rei acceitou esta marca da amizade do Rei de França, e com o mesmo caracter enviou a Pariz a seu sobrinho D. Constantino de Bragança, irmaõ do Duque deste titulo, com os plenos poderes para ceremonia taõ augusta. D. Constantino assistio com a pompa, que ella requeria, e que á sua pessoa era devida,

mui-

muito mais á do Soberano, que elle representava. Mas quando successos taõ felices enchiaõ de satisfaçaõ a nossa Corte, as vantagens do Xerife em África perturbáraõ o prazer com o susto das consequencias.

Era vulg.

Este Barbaro, que como eu tenho mostrado, principiou de homem particular a levantar a máquina da sua grandeza sobre as idéas do fanatismo, fazendo-se na Africa Missionario do Alcoraõ; já Rei de Sus, depois de Marrocos pela derrota de seu irmaõ o Xerife Mayor, agora metteo o Reino de Féz no número das suas conquistas. Elle poderoso com o dominio de quatro Reinos taõ consideraveis como o de Sus, Féz, Morrocos, e Velles, huma tal uniaõ de Sceptros metteo em agitaçaõ a Corte de Portugal, e a fez lembrar da necessidade, que tinha de guarnecer ás Praças de Africa, como barreira para impedir em Hespanha as invasões do Monarca formidavel. Levou ás primeiras attenções Alcacer Ceguer, aonde se determinou fundar hum Castello na ponta do monte de Seynal,

que

Era vulg. que era hum padrasto com aptidaõ para poder a Praça ser batida. Foi encarregado desta obra D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, juntamente com Alvaro de Carvalho, que o era de Alcacere. O bravo Luiz de Loureiro foi enviado a Andaluzia reclutar 500 homens para Tangere, 400 para Arzila, e o número, que podesse, para o Seynal. D. Affonso de Portugal, filho do Conde do Vimioso, teve a incumbencia de expedir as trópas, e de fornecer os viveres, e munições.

Avisou tambem El-Rei ao Imperador Carlos V., que se achava em Bruxellas, das novidades de Africa. O mesmo aviso fez a seu sobrinho o Archi-Duque Maximiliano, que governava por elle em Castella; representando a ambos os interesses communs, e que as galéz Castelhanas cruzassem os mares dentro, e fóra do Estreito. Condescendendo ambos os Principes com esta demanda do Rei de Portugal, D. Affonso de Noronha passa de Ceuta a Alcacere, aonde vaõ com trópas Castelhanas o Duque de Arcos, e o Conde de

Cas-

Castellar. Todos reconhecem a importancia do Forte do Seynal, em que se trabalhava com ardor sem opposiçaõ dos Mouros. Quando todos se dispunheõ para levantarem na Mauritania novas peças de fortificaçaõ, máquinas para huma defensa vigorosa, Luiz de Loureiro chegava de Lisboa com ordem para Arzila, que era governada pelo Conde do Redondo, ser demolida, e abandonada aos Mouros: resoluçaõ, que huns sentíraõ, outros approváraõ; que se a alguns pareceo providencia, muitos na conjunctura a attribuíraõ a medo, taõ vários os sentimentos dos homens, como differentes as inclinações dos espiritos, ou os affectos dos corações.

Era vulg.

Temia-se sobre nós a marcha do Xerife, quando fizemos minar as fortificações de Arzila, que leváraõ pelos ares hum dos tres magnificos troféos, que déraõ ao Rei D. Affonso V. a Devisa gloriosa de Africano. Já se temia o mesmo destino a Alcacer Ceguer, que lhe naõ tardou, nem já havia quem reconhecesse a importancia do Seynal, pouco-

Ein vulg. co antes canonisada importantissima. Como a lisonja era o primeiro agente para se tomarem resoluções effectivas, entendeo-se justo que os dous grandes homens D. Pedro Mascarenhas, e seu Sobrinho D. João Mascarenhas, pouco antes chegado da India com o titulo de Heróe pela memoraval defensa de Dio, passassem ambos a Africa, e fossem elles os Juizes arbitros do que se devia fazer da Praça de Alcacer, e do Forte do Seynal. Assentárão estes Varões illuminados, que não obstante a despeza de tantas sommas até então applicadas, o Seynal, e Alcacere devião voar, como effectivamente foi executado.

Não impedio o mesmo destino sobre Arzila a negociação do Rei deposto de los Velles refugiado na Praça de Melilha. Luiz de Loureiro trabalhava na execução das ordens, de que fora encarregado, quando El-Rei pelo seu Embaixador Lourenço Pires de Tavora representava ao Imperador Carlos a necessidade da união dos dous Principes para desmembrarem os Estados do Xe-

rife

rife com a protecçaõ, que elles deviaõ dar a Muley Buhaſon, Rei dos Velles. A meſma negociaçaõ ſe tratava com Maximiliano em Caſtella; e além deſta Liga, pretendia aquelle Rei dethronado, que havendo os Portuguezes de abandonar Arzila, lha entregaſſem a elle para a oppôr como hum freio aos progreſſos rápidos do Xerife. Para lograr ambos os deſignios Muley foi em peſſoa a Caſtella, e a Anvers, aonde nada conſeguio de proveito. Voltou a Liſboa com a eſperança de ſe ir firmar em Arzila, que já eſtava em poder dos Barbaros, o Xerife mais arrogante com eſtes deſpojos, que deveo antes a huma frouxidaõ languida, que ao ſeu valor ardente.

Era vulg.

El-Rei, que quando queria diminuir-lhe os Eſtados, lhe engroſſava o poder, naõ duvidou dar a Muley os ſoccorros, que lhe pedia para o levarem á ſua Cidade de Velles com o deſtino de renovar a guerra, para que o convidavaõ arrependidos os ſeus vaſſallos, que lhe haviaõ negado a obediencia. Foi encarregada eſta empreza a

Ig-

Era vulg. Ignacio Nunes Gato, que tinha a recommendaçaõ de ser bom interprete da Lingua Araba, e partio para ella com cinco navios, em que levava o Rei Muley, e 500 homens de soccorro. Elle entrou na Cidade de los Velles fazendo ostentaçaõ do seu podér com huma salva estrondosa de artilharia; mas desparada a taõ máo tempo, que foi ouvida por Zala Raez, Governador de Argel, que da outra parte da terra acabava de espalmar huma Esquadra de vinte, e quatro galés, com que andava infestando os mares de Hespanha. Naõ mediou tempo em elle ouvir o estrondo dos canhões, mandar tomar os remos em punho, e entrar com semblante de guerreiro pelo porto de los Velles.

Defendeo-se Ignacio Nunes com corage em partido taõ desigual, que até lhe faltou o vento para fugir, sendo a calmaria taõ vantajosa ás galés para combater. Ficáraõ os cinco navios, e as suas tripulações prisioneiros do Raez, que entrou com elles triunfante em Argel. Perda, que se entaõ foi sensivel

ao Rei Muley, depois tirou della consequencias felices pela alliança, que fez com Zala Raez, como veremos a seu tempo, e que servio a El-Rei para exercitar os officios da caridade com os seus vassallos captivos, que promptamente resgatou do poder dos Barbaros por meio da despeza de grossas sommas.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Continúa a materia do Capitulo precedente, quanto aos negocios da Europa, até ao principio do governo de Jorge Cabral na India.

PREPARADO em Africa o theatro para as representações funestas, que depois se seguíraõ, El-Rei se applicava com actividade em fazer feliz o seu Povo, seja pelos novos regulamentos dados aos Desembargadores para cortarem as demoras das causas, que envelheciaõ os pretendentes na Corte; seja por abater os preços dos generos, que

Era vulg. que os monopolistas sobiaõ a huma altura intoleravel; ou seja pelo desvélo, com que cuidou nos avances da agricultura, e multiplicaçaõ das coudelarias, de que no Reino havia necessidade. Quando elle se entretinha nestas acções dignas da Magéstade, hum negocio em Roma, outro em França lhe desafiáraõ a attençaõ. Morreo na Curia o Papa Paulo III., e por arbitrio proprio Balthasar de Faria, que estava nella Enviado, lembrou aos Cardeaes, e aos Embaixadores do Imperio, e de França a pessoa do Cardeal D. Henrique para succeder no Pontificado. Como em todos achou acolhimento, fosse sincero, ou apparente, deo parte do que passava a Lourenço Pires de Tavora, Embaixador junto á pessoa de Carlos V., e a Braz de Alvide, Residente em Paris, que encontráraõ nestes Soberanos as mesmas civilidades, que Balthasar de Faria achára nos seus Embaixadores em Roma.

Os dous Ministros illuminados Tavora, e Alvide, naõ querendo avançar os officios em hum negocio desta natu-

tureza sem ordem expressa de seu Amo, Era vulg. deraõ parte á Corte de Lisboa, a tempo que o Faria tambem praticava este justo dever. El-Rei, que se desejava para seu irmaõ esta alta Dignidade, naõ queria sollicitalla como pretendente com detrimento da honra da Soberania, nem por meios humanos, mas recebella como hum dom, que pende do alto; elle escreveo ao Imperador, ao Rei de França, aos seus tres Ministros por hum tom, que fazia sobresahir a independencia da Magestade ao empenho, que se lhe podia considerar de vêr Pontifice a hum Cardeal Principe, que era irmaõ de hum Rei. Porém quando as instrucções chegáraõ a Roma, os Cardeaes haviaõ dado tanta pressa á eleiçaõ, que já Julio III. estava criado Papa. El-Rei mostrou tanta satisfaçaõ da sua eleiçaõ, que logo lhe mandou render obediencia, e dar os parabens da exaltaçaõ ao Solio por huma pessoa de taõ alto caracter, como era seu Sobrinho D. Affonso de Lancastro, Commendador Mór da Ordem de Christo.

No

Era vulg. No negocio de França podia El-Rei tomar as medidas estipuladas nos Tratados precedentes para cortar os excessos dos pyratas Francezes, que naõ cessavaõ de insultar os nossos navios, que voltavaõ das conquistas. Naõ quiz elle valer-se da força sem esgotar os meios da prudencia; ordenando a Braz de Alvide propozesse ao Rei Henrique, e ao Condestavel de França as contravençoẽs dos Francezes aos mesmos Tratados, que rompiaõ a cada passo: que elle esperava da sua equidade fizessem parar os insultos; e que quando assim naõ succedesse, elle se havia por justificado para repellir a força com a força. Resultou destes officios prorogar-se mais tempo para Juizes arbitros decidirem a questaõ, que era bem capaz de transtornar a harmonia dos dous Estados contratantes.

Quando em Portugal, e Africa aconteciaõ os sucessos referidos, na India acabava a vida com reputaçaõ entre os homens o Governador Garcia de Sá, e aberta a quarta successaõ, Jorge Cabral foi declarado seu successor. Elle se

acha-

achava governando Baçaim, aonde se lhe mandáraõ as novas da nomeaçaõ, que só deixou de ser agradavel ao espirito do nomeado. Longe de acceitar o cargo, a nenhuma ambiçaõ de Jorge Cabral quizera antes acabar o emprego, que occupava para se servir dos soldos na viagem do Reino, que voltar a elle como mendigo depois de governar a India. Foi capaz de derrotar esta consideraçaõ bem prevista a jactançia de sua mulher, que sendo bella, moça, e ambiciosa, preferio as fumaças da honra vã, ou os desejos de se vêr a primeira senhora da India aos interesses reaes, e verdadeiros, que melhor ponderava a circunspecçaõ do seu prudente marido.

Era vulg.

Ajuntou-se ao prazer, com que Goa o recebia nos corações, o da chegada de cinco náos, que este anno sahíraõ de Lisboa commandadas por D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia, provido no governo de Ormuz, e que trazia ás suas ordens os Capitães Diogo de Mendoça, Jocome Tristaõ, Joaõ Figueira, e Diogo Botelho Pereira, o que fora na pequena Fusta levar da India

dia

Era vulg. dia a Portugal a noticia da fundaçaõ da Fortaleza de Dio. Este homem memoravel, depois de andar annos na Corte desattendido em premio da sua façanha, como dissemos, perdida a saude no governo da Ilha de S. Thomé, agora despachado no de Cananor, embarcou taõ hydropico, que sobre parecer hum monstro, se assegura bebia dous almudes de agua em cada dia: molestia, com que chegou á India para ter a consolaçaõ de morrer lembrado.

Naõ se enganou o público na idéa, que formava do merecimento pessoal de Jorge Cabral, e o seu governo, ainda que breve, passou por hum dos mais estimaveis entre os melhores. Elle foi hum Fidalgo, que naõ conhecia o interesse; que amava a justiça; que zelava o bem commum; que abominava o fausto; que a toda a hora ouvia as partes; que ainda ás mais impertinentes se mostrava benigno; que sempre teve as trópas satisfeitas. A estas bellas qualidades ajustava elle a de huma condescencia facil aos dictames dos prudentes, de que resultava, que os homens nos

con-

conselhos votassem livres, ou lhe fizessem avisós por cartas anonymas, quando as urgencias do Estado o requeriaõ. Depois, no meio dos negocios mais serios, entretinha o povo com hum espirito de jucundidade, multiplicando festejos públicos para o ter sempre contente, quando os trabalhos eraõ mais fortes: Idéa imitavel, de que só se aparta a austeridade dura, que se firma no temor dos outros, como se ella podesse ter aquella virtude superior, que faz bemaventurado o homem, que sempre anda medroso.

Era vulg.

Grandes negocios occupáraõ em pouco tempo toda a dexteridade de Jorge Cabral. Elle teve de prover os das Molucas, que corriaõ de mal em peior, especialmente depois de saber, que passavaõ a ellas os Castelhanos em cinco náos commandadas pelo mesmo Fernaõ de la-Torre, que annos antes trouxera Fernaõ de Sousa de Tavora daquellas Ilhas para a India, donde se recolheo a Hespanha. Elle naõ pode escusar-se de tomar partido na guerra contra o Rei de Bardelá, que os Portuguezes chama-

Era vulg. vaõ o Rei da Pimenta. Elle teve de soccorrer em Ceilaõ ao Rei de Cota contra seu irmaõ rebelde. Elle deo o mesmo auxilio ao de Candea, que representando-lhe o desejo de ser Christaõ, pedia tropas para se oppôr aos vassallos, que o quereriaõ divertir dos seus santos intentos. Em fim, elle se vio na necessidade de fazer hum armamento respeitavel por conta da voz, que corria, de que os Turcos com huma grossa Armada, que tinhaõ de verga d'alto no porto de Suez, marchavaõ a atacar alguma das Praças mais importantes da India.

Em quanto á guerra do Rei da Pimenta, este Principe, que segundo o costume Oriental, era hum dos perfilhados do Rei de Cochim, abandonou esta relaçaõ para a contrahir com o Çamorim de Calecut, sempre inimigo daquelle Rei, e por consequencia dos Portuguezes. O de Cochim sentio a sua injúria, e o perigo do seu Reino com esta alliança; nós a falta da pimenta, que Bardelá nos fornecia, e agora passaria a Calecut. Antes que este negocio hou-

vesse chegado a termos de rotura, Jorge Cabral, que viera de Tanor a Cochim, se desgostou com o seu Rei por condescender nas idéas de Francisco da Silva, Governador da Fortalaza, Fidalgo impetuoso, imprudente, avarento, que conseguio delle a permissaõ de roubar o Pagode de Palurte, aonde imaginava hum grande thesouro. Desta empreza taõ temeraria, como injusta, naõ resultou mais proveito, que mórtes, e feridas de Portuguezes, sentimentos do Rei de Cochim pelo insulto sacrilego, e o Governador nada conseguir nos negocios, que o trouxeraõ á Corte do Rei amigo, agora aggravado.

Era vulg.

Com a ausencia do Governador tomou corage o Principe da Pimenta para obrar com força descoberta contra Cochim: resoluçaõ, que poz o seu Rei na necessidade de se reconciliar com Francisco da Silva, que inutilmente tentou todos os meios para divertir o Principe da alliança com Calecut. Concluida ella, o Principe fortificado com os soccorros, que recebêra do Çamorim, veio ajudado de mil Nayres lançar-se na

1550

Era vulg. Ilha de Bardelá, que era o objecto da divisaõ, e se fez senhor della. Esta expediçaõ fez pronunciar no juizo do Rei de Cochim, e de Francisco da Silva a sentença decisiva da prizaõ, e ruina do Principe. Ambos os Colligados o buscaõ em Bardelá, o primeiro com as suas forças de terra no Reino da Pimenta, o segundo por mar na Ilha com 600 Portuguezes. Antes da rotura o Principe, que já desejava compôr-se, acceitou a proposta de huma conferencia com Francisco da Silva. Elle consentio em tudo, até se sobmetter a residir na nossa Fortaleza de Cochim, com tanto que o Silva fosse garante da sua segurança, em quanto se tratasse da paz.

Transportou-se o nosso Chéfe da sua arrogancia costumada, e se sustentou obstinado na proposiçaõ destemperada, de que elle se havia entregar á discriçaõ do Rei de Cochim. Como o de Bardelá recusou esta extravagancia, Francisco da Silva depois de o tratar *como* quiz, lhe voltou as cóstas, e se lançou ás armas. Duro foi o combate, e nelle victimas da sem-razaõ as vidas do

Prin-

Principe, e do Silva. Este Cabo valeroso, ainda que imprudente, teve a vantagem taõ completa, que morto o Principe, derrotadas as suas forças, chegou ao Palacio Real, e lhe deo fogo; injúria, que para os vassallos da cósta do Malabar era intoleravel. Os Indios do seu partido o avisáraõ, de que ella havia ser causa dos Nayres se fazerem Amoucos; virem lançar-se sobre os Portuguezes a morrer, e matar; que elle fosse embarcar-se, antes que os prazeres da victoria se convertessem em lutos. Elle desprezou o conselho, e ao tempo, que os prudentes á vista de huma trópa de Nayres furiosos buscavaõ a praia; elle com 150 temerarios, que o seguíraõ, se avançou para a Cidade.

Era vulg.

Cresceo tanto o número dos conjurados, que o Silva teve de buscar o campo para correr ao embarque. Como elles se lançavaõ a corpo perdido sobre os nossos com fúria brutal, muitos entráraõ a cahir, entre elles alguns Fidalgos distinctos; os mais cuidáraõ em se retirar para buscarem nadando as

em-

Era vulg. embarcações com desordem lamentavel, Francisco da Silva desamparado dos seus, mais furioso que os Amoucos, se lançou a elles, e depois de peleijar em desesperado, cahio morto aberto em feridas. O mesmo destino tiveraõ mais de cincoenta Portuguezes, que foraõ sacrificados pela precipitaçaõ do seu Chéfe, que teve por Successor no emprego a Henrique de Sousa Chichorro para restaurar a glória da reputaçaõ perdida sobre os Nayres arrogantes com a victoria. Ella os encheo de tanta soberba, que naõ contentes com devastarem a Ilha de Aru pertencente ao Rei de Cochim, viéraõ atacar os arrabaldes desta Cidade pelo quartel dos Judeos. Henrique de Sousa lhes sahio ao encontro com successo taõ differente ao do seu predecessor, que nem hum só dos Amoucos ficou com vida.

Pela certeza constante de que o Çamorim preparava hum Exercito de 140000 homens para vir tomar posse da Ilha de Bardelá, e mais Estados do Rei defunto, em que havia perfilhar hum sobrinho, que lhe ficára, e que pa-

para engrossar mais o poder convocava todos os Principes seus vassallos; os Governadores de Cochim, e Cananor determináraõ oppôr-se a estes designios, e cortarem ao Çamorim a passagem para os Paizes ameaçados. Toda a diligencia destes Chéfes naõ impedio, que elle lançasse na Ilha 40000 Nayres commandados por desoito Principes seus alliados, e tributarios, entre elles alguns rebeldes de Cochim. Henrique de Sousa despachou por mar com este aviso ao Governador o valeroso Fernaõ Rodrigues de Mariz, que com viagem horrenda no rigor do Inverno chegou a Goa atropelando perigos. Ao mesmo tempo mandou a seu cunhado Antonio Correa, que com trinta navios de remo impedisse aos Principes acantonados em Bardelá a communicaçaõ com o Çamorim, que estava em Chor no Continente de Chembe.

Era vulg.

Nós naõ individuaremos os successos ligeiros desta guerra em todo o Inverno para referirmos os cuidados do Governador Jorge Cabral, que desejando empenhar nella as forças do Esta-

Era vulg. tado pelos noſſos intereſſes enlaçados com os de Cochim; elle ſe via embaraçado com as noticias concordes da grande Armada de Turcos, que vinha ſahindo do Eſtreito a demandar a India: noticias, que chamavaõ todas as ſuas attenções, ſem poder reſervar alguma para o grande negocio de Bardelá. Ellas lhe impediaõ ſahir de Goa, e o forçavaõ a preparar a Armada com toda a diligencia; mas ellas lhe ſerviraõ para dar novo relevo a ſua conſummada prudencia nos conſelhos, que pedio a todos os homens de experiencias eſpalhados pela India; para conhecer a delicadeza de eſtimaçaõ, que todos faziaõ da ſua peſſoa nos importantes, e voluntarios donativos, que lhe apreſentáraõ, tudo officioſo, náda extorquido. Como diſpoz a Providencia ao meſmo tempo pelo avançado da Eſtaçaõ, que as náos do Reino já naõ poderiaõ paſſar de Cochim, e que a Fróta Otomana por ordem do Sultaõ foſſe deſarmada em Suez; Jorge Cabral ficou deſembaraçado para empregar as forças da India na guerra de Calecut.

CAPITULO V.

Da expediçaõ do Governador Jorge Cabral ſobre Bardelá, e outros ſucceſſos do ſeu tempo nas Molucas.

DESTERRADO na India o temor da vinda dos Turcos, o Governador deſpedio de Goa a Manoel de Souſa de Sepulveda, para que ajuntando os ſeus navios aos de Cochim, bloqueaſſe aos Principes Malabares na Ilha de Bardelá. Elle os rodeou de fórma, impedidos os ſoccorros, e a communicaçaõ da terra firme, que aviſou ao Governador lhe tinha ſegura a victima para elle a vir immolar: taõ officioſo com o ſeu Chéfe para elle ter a gloria do triunfo, que naõ quiz acceitar a offerta da liberdade, que lhe vinha offerecer grande número de ſoldados communs reduzidos á ultima extremidade da fome. O Governador com eſte aviſo ſahio ao mar na viſtoſa Armada de mais de cem navios, em que embarcou

Era vulg.

Era vulg. cou toda a Nobreza; veio pela cósta do Malabar, já fazendo ostentaçaõ brilhante do poder, já descarregando golpes pezados com a espada. Elle reduzio a cinzas sobre a marcha as Cidades de Tiraçol, Coulete, e Panane. Chegou á de Calecut, e quiz fazer-lhe o mesmo serviço; mas os Fidalgos, e Officiaes velhos lhe propozeraõ o risco deste empenho, que podia mallograr o principal projecto, o qual era a prizaõ dos Principes Malabares, que elle tinha em Bardelá como atados em hum laço. O homem flexivel tomou o conselho, e se fez na volta de Cochim, aonde achou o seu Rei, que com 40000 soldados o esperava para obrarem unidos. No dia seguinte foi a Ilha rodeada pelos navios da Fróta, a cuja vista os sitiados arvoráraõ huma bandeira branca em signal, de que queriaõ parlamentar. Elles foraõ ouvidos: as nossas condições lhes parecêraõ duras; especialmente quando ouvíraõ, que os dezoito Principes se haviaõ entregar nas nossas mãos salvas as vidas para depois se regularem as condições da paz.

O

O Rei de Tanor, que havia estado em Goa depois de convertido, como dissemos, era o Medianeiro nestes ajustes, que leváraõ tres dias. Como as propostas naõ foraõ, nem eraõ acceitaveis, ficou determinado o assalto da Ilha para a madrugada seguinte. Porém no meio da noite chegou á Armada com cartas hum Fidàlgo mandado pelo Viso-Rei D. Affonso de Noronha, que fazia saber ao Governador Jorge Cabral a sua chegada a Coulaõ, e lhe ordenava naõ fizesse algum movimento, em quanto elle naõ chegava a Cochim, que seria brevemente. Subprendeo-se Jorge Cabral com a ordem, que lhe arrancava das mãos a gloria da acçaõ mais bella. Naõ obstante a persuasaõ dos Officiaes para elle a interpretar segundo a configuraçaõ do tempo, no Varaõ sabio a prudencia toma preferencias sobre as instancias, cede a mesma gloria em obsequio á obediencia. Eu sou sensivel ao empenho que mostrais da minha reputaçaõ, diz Cabral aos seus subalternos: mas que gosto me póde dar a victoria, que ha de ter por consequencia deixar-

Em vulg.

vos

Era vulg. vos a todos no desagrado do Viso-Rei? Acabe Jorge Cabral o seu governo sem complacencia, com tanto que vós fiqueis em paz com o novo Chéfe.

Deixando o mais que pertence á expediçaõ de Bardelá para o seu tempo proprio, concluiremos em huma recapitulaçaõ breve outras acçõess no do governo de Jorge Cabral. Os progressos da Religiaõ foraõ os mais consideraveis pela actividade dos muitos Operarios das Ordens Franciscana, Dominica, e Jesuitica em differentes Regiões da India. O Padre Gaspar Barzeo mudou a face do Reino de Ormuz. Antonio Criminal derramou o sangue pela Fé no Cabo Comorim ás mãos dos Bagadás. Os Franciscanos em Ceilaõ recolhiaõ fructos abundantes na dilatada vinha do Senhor. Nesta Ilha o Principe de Candea, inclinado ao Christianismo, era perseguido pelo Rei, seu Pai: pela mesma inclinaçaõ o Madune perseguía a seu irmaõ o Rei de Cota. Em favor de ambos mandou o Governador Jorge Cabral seiscentos homens a Ceilaõ commandados por seu Tio D. Jorge de Castro, que desem-

embarcou em Columbo. O Rei de Candea foi o primeiro em usar dos seus costumados artificios por meio de Embaixadores bem instruidos no fundo das suas intenções, que representáraõ a D. Jorge, como seu Amo nada desejava tanto como servir a Portugal, reconciliar-se com seu filho, fazer-se Christaõ, para o que pedia lhe mandasse por catequistas a dous Padres Franciscanos.

Era vulg.

D. Jorge concedendo facil quanto lhe foi pedido, marchou a soccorrer a Praça de Cota, que o Madune tinha em apertado sitio, para se applicar depois aos negocios de Candea, como levava em regimento. O Madune levantou o campo com precipitaçaõ, sempre seguido por D. Jorge na tésta das trópas Portuguezas, que hiaõ reforçadas pelas do Rei de Cota. Arrojando-o de tres desfiladeiros até o levar a huma campina raza no caminho de Ceitavaca, para onde o Madune se retirava; D. Jorge o ataca, vence huma batalha completa, obriga-o a buscar destroçado o refugio dos bosques, apresenta-se sobre Ceitavaca, que abre as

por-

Era vulg. portas ao vencedor, offerecendo-se á pilhagem. Madune naõ teve outro recurso, que o da ordinaria piedade do Irmaõ sempre clemente com este rebelde.

Mais animado com victoria taõ assignalada, D. Jorge determina passar ao Reino de Candea, para onde mandára os dous Padres Franciscanos com hum Official Francez, que nos servia, commandando a escolta de doze soldados. O Rei de Cota o diverte do intento com a lembrança da perfidia do Rei de Candea; com a memoria ainda fresca do successo de Antonio Moniz Barreto; mas nada suspende a resoluçaõ tomada por D. Jorge. O Rei perjuro, em quanto elle se demorou na expediçaõ de Cota, havia ajuntado hum Exercito de 40⦶000 homens, e fortificado Candea para esperar a visita. Marchou D. Jorge com tanta segurança, que se postou meia legoa da Cidade, aonde esperava entrar nos corações, e foi recebido nas pontas das lanças. Todas as trópas seriaõ victimas da perfidia do Barbaro, se o Official Francez naõ fugisse em

noi-

noite da prisaõ, e viesse avisar D. Jorge do laço, em que estava cahido, se a toda a marcha elle se naõ pozesse em retirada. Em volg.

Assim o fez o credulo Official, duro em acceitar as advertencias saudaveis do Rei de Cota para experimentar os effeitos tristes da inconsideraçaõ. O Rei de Candea avisado do seu retrocesso, sahio a cortar-lhe os caminhos, a esperallo nos desfiladeiros, aonde encontrou hum homem totalmente desigual a Antonio Moniz Barreto na cabeça, nas mãos, na agilidade, no conselho, até na fortuna; aquelle com tanto de glória, quanto este de abatimento. As trópas quasi sempre sem ordem, a cada passo batidas, foraõ semiando o campo com 800 cadaveres, de que a ametade eraõ Portuguezes, a outra Christãos do Reino de Cota, o resto perseguido até entrar nos Estados de Ceitavaca. O Madune, taõ pérfido como o de Candea, sabendo do destroço do seu vencedor o mandou hospedar por hum Modeliar com 500 homens, que levavaõ ordem para o acabar de destruir.

D.

Era vulg. D. Jorge, que penetrou a traiçaõ, de noite levantou o campo, e por veredas incognitas se salvou em Cota; mas as suas bagagens foraõ despojos de Madune, as cabeças dos enfermos, e feridos as victimas do seu odio. O Rei de Cota cumprio os deveres de bom amigo, e despedido delle D. Jorge, foi para Columbo, aonde embarcou, e se fez na volta de Cochim.

Os negocios das Molucas, do ponto da Época, em que estamos, corrêraõ tanto á decadencia até encontrarem vinte annos depois a sua ultima ruina, que nós faremos delles huma recapitulaçaõ neste lugar para naõ fallarmos muito tempo nas Molucas. A origem das desordens continuadas nestas Ilhas infelices da época da entrada dos Portuguezes até ao da sua expulsaõ; o modo com que elles se conduzíraõ, taõ differente da sua conducta ordinaria nas outras partes do mundo, aonde se estabelecêraõ, e que fomentou as mesmas desordens; tem pouca dúvida, que ella proveio de huma falta de temor dos castigos, fundada na distancia dos Tribu-

bunaes Supremos, aonde as dissoluções chegariaõ com imagens taõ contrafeitas, que ainda os espiritos mais illuminados se embaraçariaõ com a incerteza dos informes para pronunciarem sólidos os juizos, ou definitivas as sentenças. Annos eraõ necessarios para chegarem as queixas a Portugal; annos para se tomarem informações; annos para se decidirem as causas, tudo annos para as liberdades de soltura, para os escandalos de liberdade.

Era vulg.

A tantos perigos, que se davaõ nas demoras, se notava a differença das parcialidades, que escreviaõ as noticias; as contradições, que se encontravaõ inexplicaveis; a quasi impossibilidade de formar juizo, ao menos semipleno, sobre relações oppostas. Por outra parte havia quem affogasse as queixas, quando ellas queriaõ nascer. Olhavaõ as partes offendidas para os Governadores das Moluccas, e viaõ huns homens aprovados pelos Governadores da India, suas creaturas, seus parentes, o mais he que seus pensionarios: circunstancias todas, que faziaõ córar os crimes, diminuir

Era vulg. as extorsões, parecer a fraude bem público, virtude o vicio, e abafada a mentira, apparecer no rebuço com semblante de verdade. Nós vamos a correr brevemente este estadio de desconcertos deste anno de 1550 em diante até o de 1581, em que a gente de Ternate expulsou os Portuguezes da Fortaleza para terem até agora por substitutos os Hollandezes.

No anno de que fallamos em todas as Ilhas do Archipelago das Molucas tinha soado a Voz de Deos na bocca de S. Francisco Xavier, e de outros Orgãos do Evangelho, que fizeraõ progressos rápidos, illustres, miraculosos nos negocios da Religiaõ. Milagres eraõ necessarios para fazer crivel aos Barbaros huma Religiaõ professada pela escoria dos Portuguezes, que derramados pelas Ilhas, a deshonravaõ com a dissoluçaõ dos costumes, com injustiças enormes, com horrores intoleraveis á natureza, que os faziaõ parecer apostatas da mesma Religiaõ, ou os Dogmas della absolutamente estranhos ao seu conhecimento. Reis, Grandes, e Póvos

de

de muitos Estados das Ilhas foraõ regenerados pelas aguas saudaveis do Baptismo. Muitos fizéraõ tanta honra do Christianismo, que se expozéraõ voluntarios antes a perder os Dominios, e a mesma vida, que renunciallo depois de recebido. Outros foraõ faceis nesta renuncia, que deo occasiaõ a muitas guerras, em que sempre tomáraõ parte os Portuguezes. Entaõ lhes servio a Religiaõ de pretexto para promoverem os interesses, a cubiça, a ambiçaõ, a vingança. Entaõ o Santo se lançava aos cães, as margaritas aos animaes immundos.

Era vulg

Quanto entaõ se via eraõ expedições continuas de humas para outras Ilhas, intentadas por hum punhado de homens; mas com tal superioridade sobre Castelhanos, e Ilheos, que elles pareciaõ huns flagellos fataes da indignaçaõ divina; elles os authores das desolações; elles os instrumentos das catastrofes dos Reis de Tidore, de Geilolo, mesmo do nosso bom amigo o de Ternate. Era este o infeliz Cachil Aeyro, em que já temos fallado, e que em

Era vulg. 35 annos de se chamar Rei, com breves intervallos de venturoso, a série do seu governo foi calamitosa, e o seu fim lamentavel. He verdade que Aeyro sem declarar Religiaõ, já parecia inclinado ao Christianismo, já ao Mahometismo; sempre aos Portuguezes officioso, sempre bom, e fiel amigo. No meio das suas vantagens, quando além do dominio de Ternate, de Machiaõ, de Timor, e de outras Ilhas dependentes das Moluccas, elle se fez Senhor das de Moro, de grande parte da de Amboino, parecendo hum Monarca universal do Archipelago; elle se conservou sempre constante, fidelissimo até a morte aos interesses de Portugal contra os particulares dos Governadores, e Officiaes de Ternate, que combatia, quando se oppunhaõ aos do público.

Tanta fidelidade, tanta constancia de zelo em Aeyro, ellas foraõ bem mal remuneradas pelos Portuguezes, que entendiaõ as suas vantagens inseparaveis dos desprezos dos miseraveis Soberanos de Ternate. Os seus Governadores o mandáraõ duas vezes carregado de ferros para

ra Goa, como o criminoso mais indi- Era vulg.
gno, sendo hum Rei, só pela represen-
tação da Dignidade merecedor de res-
peito immenso. Outras tantas o recam-
biou o Viso-Rei D. Joaõ de Castro com
as honras devidas para reentrar na pos-
se dos seus Estados, naõ lhe valendo es-
tas provas cathegoricas da sua justiça
para o Governador Jordaõ de Freitas
deixar de o perseguir até o ponto da
Época, em que fallamos. Passáraõ sete
annos de oppressões pelo pobre Princi-
pe, e chegou o de 1557, em que foi
nomeado Governador das Molucas D.
Duarte Deça, hum Fidalgo colerico, e
mesmo transportado, todo entregue a
huma avareza extrema. Entaõ rompeo
a audacia todas as balizas da grosseria;
tocou as raias mais apartadas a desgra-
ça do lamentavel Principe, que foi vis-
to de todos com tres cadêas nos pés,
mãos, e pescoço estar prezo a hum dos
canhões da Fortaleza, hum alvo para
as impressões das inclemencias do tem-
po, hum espectaculo da illusaõ da for-
tuna, seu irmaõ Cachil Guzarate, e
os seus parentes tratados com pouca dif-
fe-

Em vulg. ferença de estimaçaõ. Em fim, a Casa da Misericordia sustentava por caridade estes Principes pobres, abatidos, desprezados, sem haver para elles compaixaõ.

CAPITULO VI.

Continuaõ os successos das Molucas.

A MAGESTADE sacrilegamente ultrajada sempre encontrou propugnadores respeitosos, que trabalhassem effectivos por lhe sustentar no azilo o que nella ha de sagrado. As injúrias feitas á de Aeyro por D. Duarte Deça, a voz vaga de que elle intentára matallo com veneno, de que o livráraõ os defensivos, que o Principe tinha comsigo, foraõ huns assumptos criticos, que obrigáraõ todas as Ilhas a tomar as armas contra os Portuguezes. Na testa dos escandalisados se postou Cachil Babu, filho de Aeyro, e em successos varios esta guerra durou tempo longo, sempre desvelado o Rei preso em solicitar por meio dos seus

ami-

amigos os esforços de Babu para obter a liberdade, que custou sem fructo a vida do Jesuita Affonso de Castro prisioneiro daquelle Principe. O fim, que este naõ pode conseguir, veio Aeyro a lograllo por meio dos mesmos Portuguezes, que por huma parte compadecidos de verem apodrecer este Principe nas prizões, por outra sendo-lhes intoleraveis as iniquidades de D. Duarte Deça, carregáraõ as suas culpas dos mesmos ferros, com que elle opprimia a innocencia.

Era vulg.

Restituio-se a paz com a liberdade do Aeyro; mas depois, sem lhe valer a céga paixaõ, com que elle promovia os nossos interesses, Manoel de Vasconcellos o tornou a inquietar, naõ lhe dando socego, em quanto naõ renunciou o direito de Soberania a favor do Rei de Portugal em virtude da cessaõ, que Tabarija lhe fizera de Ternate, quando morreo em Malaca. Contentou-se o Principe deposto com o simples titulo de nosso Tenente General, que lhe durou taõ pouco, como a vida no governo de Diogo Lopes de Mesquita: sugeitlo

Era vulg. lo formidavel, que fez esquecer as atrocidades dos seus mais escandalosos predecessores. Depois de huma ligeira rotura, que teve por consequencia o assassinio de hum sobrinho de Aeyro, sem que o Mesquita fizesse deste insulto o menor caso: depois da sua bondade livrar da mórte a todos os Portuguezes em huma conjuraçaõ bem armada por despique daquelle assassinio: depois da paz solemnemente jurada entre Aeyro, e o Mesquita, naõ passáraõ muitos dias que elle, revestido da sua sinceridade ordinaria para com os Portuguezes, naõ viesse á Fortaleza sem armas acompanhado de seu filho Muse, e de alguns cavalheiros para tratar com o Governador Mesquita negocios, que nos eraõ respectivos.

Este Chéfe depois de o ouvir grosseiro, lhe voltou as cóstas descortez. Seu sobrinho Martim Affonso Pimentel, que tinha o caracter do tio, naõ gastou qualidade alguma de cumprimentos para lhe dar tres punhaladas mortaes. Á vista desta resoluçaõ temeraria clama o Principe: Assim me tratais, Por-

tuguezes, em remuneraçaõ da fidelidade, com que ha tantos annos vos sirvo? Elle corre a morrer abraçado com o Escudo das Armas de Portugal, que estava gravado em hum dos canhões das batarias, tomando-o por testemunha da sua ingenuidade, e da nossa perfidia. Seu filho, e os Fidalgos escapáraõ fugindo: todos pedem depois o seu corpo para lhe darem sepultura decente; mas o Mesquita avançando a barbaridade, o mandou fazer em póstas, mettellas em huma caixa, e arrojalla ao mar, que foi o monumento do desgraçado Aeyro.

Era vulg.

Catastrophe taõ lastimoso parece que *foi o ultimo* delicto, que encheo a medida dos crimes dos Portuguezes das Molucas, que em nada pareciaõ Portuguezes. Entaõ principiou a desemparallos a assistencia divina, que nas outras partes da Terra quasi visivelmente promovia a sua felicidade, como hum effeito inseparavel do exercicio da virtude. Tal foi o horror causado por esta morte no Archipelago, que todo elle olhava para cada Portuguez, como para hum monstro. Especialmente em Ternate os mora-

Esc vulg. radores abandonáraõ a Cidade visinha á Fortaleza, e se escondêraõ no centro da Ilha, aonde naõ podessem chegar as nossas armas: o mesmo fizeraõ os de outras muitas partes neste anno fatal de 1570, tratados os Portuguezes nas Molucas como homens proscriptos, todos armando-se para lhes fazerem cara nos lugares, em que elles apparecessem. Hum dos castigos da série das atrocidades foi o descuido, que os Governadores da India tiveraõ daqui em diante em soccorrer as Molucas: soccorros fracos, huns que chegavaõ tarde, outros mal, alguns nunca.

Augmentou-se o mal com as divisões intestinas, e domesticas, quasi contínuo o scisma politico, sem soldar a rotura entre os membros civís, e militares, que vieraõ a sentir o ultimo golpe da vingança. O Principe Babu mais com a força da nossa desuniaõ, que com a das suas armas, poz hum apertado bloqueio á Fortaleza, que com effeito se lhe entregou no anno de 1581. Elle mostrou entaõ, que ainda no fundo da sua alma se conservava hum bom resto de incli-

na-

naçaõ aos Portuguezes; porque ao entrar na Praça ganhada, disse: Que tomava posse della em nome do Rei de Portugal para a tornar a entregar, quando elle lhe fizesse justiça, e desse satisfaçaõ da morte de seu Pai. Finalmente, Diogo Lopes de Mesquita, Martim Affonso Pimentel, e Gonçalo Pereira Marramaque, authores do assassinio de Aeyro, passado breve tempo sobmergidos em calamidades, todos acabáraõ com fim tragico; e os Portuguezes, aborrecidos pelos escandalos de huns poucos de individuos abominaveis da sua Naçaõ illustre, foraõ expulsos das Molucas com affronta.

Em volg.

Concluida esta narraçaõ breve, tornaremos a atar o fio da nossa Historia sobre os successos de Bardelá, aonde deixamos o Governador Jorge Cabral com ordem do Visó-Rei D. Affonso de Noronha para naõ continuar as operações da guerra, em quanto elle naõ chegava de Coulaõ á Cochim. Nas cinco náos, em que elle embarcou no Reino, viéraõ muitos Fidalgos da qualidade mais distincta em obsequio a hum Chéfe,

Era vulg. fe, filho do fegundo Marquez de Villa-Real, e por Capitães dellas D. Diogo de Noronha o Corcoz., Lopo de Soufa, Diogo de Caftro do Rio, e D. Alvaro de Ataide da Gama, filho do Conde Almirante D. Vafco, que vinha provido no governo de Malaca. Chegou elle a Cochim, aonde o foi vifitar o Governador Jorge Cabral, que naõ encontrou no recebimento as honras, de que era digno. Cabral fe moftrou infenfivel, e fe applicou á expediçaõ da fua partida para o Reino, aonde foi recebido com eftimaçaõ, fem lha defmerecer a pobreza.

Em quanto aos Principes do Malabar, que eftavaõ bloqueados em Bardelá por Manoel de Soufa de Sepulveda; elles foraõ poftos em liberdade por virtude da paz, que o Rei de Calecut ajuftou logo com o Vifo-Rei. Efte Principe defiftio nella da perfilhaçaõ do Rei de Bardelá, e conveio em que a Ilha ficaffe no dominio do de Cochim. Affim confummado efte grande negocio, o Vifo-Rei mandou a Luís Figueira para o Eftreito com cinco navios, e elle nave-

végou para Goa. Na sua ausencia oito mil Nayres dos conjurados pela mórte do Rei de Pimenta, entrárao a fogo, e sangue pelas terras de Cochim. Jorge Cabral, que estava nesta Cidade para se embarcar, e Manoel de Sousa de Sepulveda, que ficára nella para guardar os rios, lhes sahírao ao encontro com dous Esquadrões de Portuguezes, e em disputada batalha os fizérao em póstas com morte de mais de 2000. Acçao das gloriosas de Jorge Cabral, que sahio da India vencendo, para levar della, em lugar dos thesouros, a reputaçao dos triunfos.

Era vulg.

Nao succedeo assim a Luiz Figueira no Estreito, aonde fora observar o armamento dos Turcos. Elle o entrou, e correo até as Ilhas Aparcelladas: mas encontrando com cinco galeotas o Turco Cafar, que cursava aquelles mares, Luiz Figueira o abordou, e sustentou hum combate, que pôz em admiraçao os mesmos Barbaros. No ardor delle, desamparado dos Capitães dos quatro navios, o Figueira foi morto, o seu navio tomado, todos os bravos com

igual

Era vulg. igual destino, os menos valerosos póstos em fugida: homens dos criados entre as delicias da India, já sem lembrança da corage dos Portuguezes primitivos, que apertavaõ os peitos para alargarem os corações. Depois da mórte do Chéfe, o Capitaõ Gaspar Nunes teve tal pejo de apparecer na India, que foi com a gente da súa tripulaçaõ para o Mosteiro de Baroa na Ethiopia, donde nunca mais voltou á Patria. Os outros viéraõ a Goa pagar nos carceres a sua fraqueza, e ainda que depois andáraõ soltos, sempre vivêraõ desprezados dos Patricios com honra, que naõ podiaõ dar o lado a gente covarde.

Os Turcos debaixo do feliz governo do Imperador Solimaõ, arrogantes com as suas prosperidades, pelas partes do Estreito, depois que se fizeraõ senhores de Adem, e de Baçorá sobre a embocadura do Tigris, e do Eufrates, como nós deixamos dito; elles se propozéraõ a idéa de dominar todo o golfo Persico até as visinhanças de Ormuz, que se lhes fazia recommendavel pela grossura do seu Commercio. O Baxá

xá de Baçorá se dispoz para a sua execu- Era vulg.
çaõ, já com a conquista da Cidade de Catifa, já com o projecto da de Baharem, que eraõ para o Rei de Ormuz perdas irreparaveis; para os Portuguezes huma visinhança, que elles deviaõ allongar, naõ só para se escusarem aos gastos, mas para evitarem a ruina. D. Alvaro de Noronha, Governador de Ormuz, juntamente com o seu Rei, representou ao Viso-Rei D. Affonso as consequencias da perda de Catifa; quanto ellas seriaõ mais temiveis, se Baharem tivesse igual destino; que se devia suspender a fortuna dos Turcos por meio de huma guerra prompta sem demora.

Representações semelhantes faziaõ em Goa pelos seus Embaixadores o Rei de Baçorá, e outros Principes inimigos dos Turcos, promettendo ao Viso-Rei a Fortaleza do porto daquella Cidade, e a metade do rendimento da sua Alfandega, se elle lhe mandasse hum soccorro de Portuguezes, que unidos ás suas trópas o fizessem reentrar na posse da Capital perdida do seu Reino.

Era

Era vulg.

Era muito ponderoso este negocio nos interesses de Portugal para o Viso-Rei deixar de lhe differir, como o Rei de Baçorá, e os seus Alliados pretendiaõ. Sem perda de tempo mandou elle aprompt ar huma Armada de sete naos de alto bordo, e de doze navios do mesmo, de que nomeou Commandante a seu Sobrinho D. Antaõ de Noronha, que levava ás suas ordens 1@200 homens, entre elles huma boa parte da Nobreza da India. Hora deixemos a D. Antaõ navegando para Ormuz, e demos huma volta a Africa, e logo a Malaca, donde marcharemos a encontrar-nos diligentes com este Fidalgo.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo em Africa, e em Malaca neste anno de [illegible].

COMO D. Antaõ de Noronha, quando houve de partir para a India com o Viso-Rei, seu Tio, governava a Praça de Ceuta; El-Rei proveo o governo vago em D. Pedro de Menezes,

filho

lho quinto do Conde de Linhares. Outro Fidalgo do mesmo nome substituia em Tangere a seu irmaõ D. Joaõ, ambos filhos de D. Duarte de Menezes, e teve de sahir a campo com pouca gente contra hum corpo de tres mil cavallos do Xerife, que mandava o seu Alcaide Cadi Hamet, querendo subprender huma partida dos nossos forrageadores. D. Pedro os atacou com corage naõ vulgar em tanta desproporçaõ; obrigou-os a retirar-se com a perda de 24 mortos sem alguma da nossa parte; mas nós tivemos oito dias depois a mais sensivel na da sua pessoa, que acabou entre a resignaçaõ edificante de Catholico, e a glória de vencedor de duas grandes feridas, que recebêra no combate.

Era vulg.

Por este tempo o Xerife conquistador de tantos Reinos, já acabado de annos, á ambiçaõ nunca rendido, tinha a sua Corte na Cidade de Féz. Confinante com este Reino o de Tremecem, elle determina conquistallo, quando o possuiaõ Turcos de Argel, que o haviaõ roubado ao seu Principe legitimo.

Era vulg. mo. Ao intento se seguio a execuçaõ, taõ prompta, que bastou o estrondo da sua marcha para os Turcos se pôrem em fugida, deixando-lhe por despojo da victoria hum Reino. Narrani, filho primogenito do Xerife, foi o author desta conquista, taõ façanhoso nella, que seguio os Turcos até Mostagaõ, donde tornou a expulsallos; forçando-os a retirar para Argel. Pouco tempo lhe durou o gosto do triunfo pela morte, que sobreveio ao bravo Principe, chorada de todos, a seu Pai pouco sensivel pela paixaõ extremosa de affecto, que tinha a Muley Abel, filho segundo, que elle desejava seu Successor. Mas dous annos depois recobrando os mesmos Turcos a Mostagaõ, e Tremecem, naõ havendo já Arrani, que lhes fizesse cára, elles tiráraõ a vida ao amado Muley com dôr mortal de seu Pai.

Na Corte de Féz merecia as attenções deste Principe, e de sua irmã a especiosa Infante, Diogo de Torres, que ensinando-a elle a lêr, e escrever em Hespanhol, tanto se insinuou na sua boa vontade, que quasi o teve arran-

ca-

cedo do abyſmo dos erros de Mafoma; que ſervindo-a a ella, reſpeitoſo, e reverente, era participante dos divertimentos do Paço, e do entretenimento dos jardins. Em huma occaſiaõ eſtando nelles lhe mandou tecer de flores huma coroa na figura da que uſavaõ os Principes Catholicos. Ella a recebeo goſtoſa, e pondo-a ſobre a cabeça, diſſe: Deos queira, que eu cinja aſſim a de Portugal ſendo Rei, e meu eſpoſo, o Infante D. Luiz. Deſejos nobres os deſta Senhora; mas mais ſublimes as virtudes do Infante, que ſó ouvidas movêraõ no eſpirito da Princeza de Marrocos taes deſejos. Com eſtas duas protecções tinha o Torres tanta confiança na Corte, que pela Semana Santa fazia expôr nella o Santiſſimo em Monumento público. O Xerife lhe perguntou com que licença praticava na ſua Capital eſta ceremonia dos Chriſtãos. Reſpondeo-lhe o Torres, que com a meſma com que elle nas dos Reis Catholicos fazia o ſeu Zalá, que em qualquer parte lhe era permittido: reſpoſta para o Xerife taõ agradavel, que

Era vulg.

Era vulg. lhe concèdeo ter huma Igreja pública com Imagens para a celebração dos Ritos Romanos.

Quando estas cousas succedião em Africa, as profécias formidàveis feitas pelo Santo Xavier sobre as dissoluções de Malaca se viaõ executadas. Alodin, Rei de Viantana, que pelo nosso descuido tinha engrossado o seu poder depois de vencido por Pedro Mascarenhas, e por D. Estevaõ da Gama, como eu disse nos seus lugares; agora vendo Malaca adormecida naquelle descuido, soporada no vicio, a mollura, a apathia dominantes, elle fórma o projecto de reentrar na posse do seu amado Patrimonio. Para lograr o designio, elle ajusta huma Liga com vàrios Principes, em que entrava a poderosa Rainha de Japará na costa de Java, que engrossou a Armada colligada no seu porto com 25 juncos alterosos, bem artilhados, e fornecidos. Para que Malaca continuasse no lethargo, Alodin mandou hum filho do seu Almirante Laque Xemena por Embaixador a D. Pedro da Silva da Gama, que governava a Cidade, pro-

por-

pondo-lhe se naõ assustasse com a fama do seu armamento, que se encaminhava ao pérfido Achem inimigo commum. Nós dariamos hum inteiro crédito ás intrigas de Alodin, se o velho e experimentado Laque, desgostado da injustiça, e do pouco fructo, que esperava desta guerra, naõ escrevesse por seu filho, a D. Pedro, advertindo-o se preparasse, porque contra Malaca se forjava o raio, que naõ tardaria em romper a nuvem do engano. Era vulg.

Despedido o Embaixador com agrados excessivos, e ricos presentes para seu Pai, naõ tardou em apparecer a Armada, que logo postou gente em terra. Alodin, depois de queimar duas náos, que estavaõ na Ilha, ganhou a povoaçaõ de Ilher; os Jáos, a dos Quelins, naõ lho podendo impedir Luiz Mendes de Vasconcellos, que com cem Portuguezes foi soccorrer o Tumugaõ, e o Bendara, que com a sua gente defendiaõ o Povo. Em tanta desproporçaõ servio a corage do Vasconcellos para facilitar aos perseguidos a retirada para a Fortaleza, aonde elle se recolheo

Em vulg.

lheo o ultimo. O Governador já com a certeza do sitio, mandou hum navio correr os pórtos, aonde os nossos commerciavaõ, e avisallos viessem todos acudir ao aperto de Malaca. O primeiro, que chegou foi D. Garcia de Menezes, que o Viso-Rei mandava em huma grande, e bem armada caravella ás Molucas para succeder a Jordaõ de Freitas. Apenas o Rei de Viantana a avistou navegando a todo o panno, destacou sobre ella cincoenta lanchas commandadas pelo mesmo Laque Xemena em pessoa, que nesta occasiaõ, em que governava Malaca hum filho do Conde Almirante, pagou com a vida a morte, que annos antes havia dado no mesmo sitio a D. Paulo da Gama, outro dos filhos do mesmo Conde.

Mostrou D. Garcia neste combate como o exercicio das letras, que professára, naõ impedia o uso das armas, em que se deixava vêr intrépido. Elle sustentou hum combate denodado, naõ consentindo que os inimigos o abordassem, servindo-os tanto a tempo com a artilharia, que a Fróta do Laque naõ

po-

podia conservar a ordem. Foi tanta a sua fortuna, que de huma balla de canhaõ metteo a pique a lancha Capitania: golpe feliz, que privou da vida o velho Laque, a seu filho, a seu genro; que declarou a favor de D. Garcia a victoria; que poz aos Barbaros em fugida; que abrio o passo para elle vir dar ferro em Malaca, e soccorrer com a sua gente aos sitiados. He verdade que lhe naõ durou o gosto do triunfo; porque poucos dias depois sahindo com Pedro Vaz Guedes mandando cem homens para tomar hum canhaõ com que os Jáos batiaõ a Cidade; mórtos 30 homens, os mais mettidos em derrota, os dous Fidalgos destemidos, por naõ largarem o canhaõ, que tinhaõ ganhado, com valor temerario se deixáraõ matar sobre elle. D. Pedro da Silva sentio esta perda como era justo, e com a sua corage herdada sahio da Fortaleza a soccorrer os fugitivos, que recolheo sem damno, salvando-os das mãos da multidaõ barbara, que os perseguia.

Era vulg.

Applicou D. Pedro todos os seus cuidados á defensa da Praça dos muros

Era vulg. a dentro, e destinou-lhe a Providencia hum simples soldado da guarniçaõ para instrumento das victorias pelos seus conselhos prudentes. Temia-se hum assalto geral, que os Barbaros determinavaõ dar em torno da Fortaleza com grande número de escadas, e se receava que ella podesse defender-se atacada por tantas partes. Entaõ aquelle soldado buscou o Governador, e lhe aconselhou mandasse bordar a circumferencia do muro de mastos, e vergas de navios atadas com córdas: que quando os inimigos arrimassem as escadas, e subissem, as fizessem rodar sobre elles; e mostraria o successo o acerto do seu conselho. Assim se fez; e cahindo de golpe as traves sobre as escadas, rompêraõ todas, e matáraõ 500 homens. Os vivos se retiraõ attonitos; mas o aperto do cerco, e a inimiga fome tanto opprimem os sitiados, que as sevandijas mais ascarosas servem de mantimento, e pelas ameias naõ parece soldado, que deixe de pagar a confiança com a vida.

O mesmo arbitrista torna a fallar ao

Go-

Governador, e lhe lembra que mande sahir do porto todos os navios com o designio verdadeiro de irem buscar viveres aonde os achassem; mas fingindo, e publicando que marchavaõ a atacar os Estados dos Principes alliados do de Viantana, que com elle estavaõ no campo. Elles, que se assustaõ com a nova, o levantaõ, embarcaõ-se, e vaõ acudir á invasaõ imaginada. Unicamente os Jáos ficaraõ com Alodin sustentando o sitio, a tempo que vinhaõ chegando soccorros avisados pelos Emissarios, que o Governador mandára pelos portos de Pegú, Quedá, Tanaçarim até Bengala, entre elles Gil Fernandes de Carvalho, que trouxe huma galeota bem guarnecida, e foi nesta occasiaõ o redemptor de Malaca. Este bravo homem pedio logo licença ao Governador para no dia seguinte fazer levantar o sitio de Malaca por meio de hum combate decisivo. Obtida ella, escolheo 200 homens; todos os Fidalgos se lhe offereceraõ voluntarios; e formados tres Esquadrões, hum que elle mandava na vãguarda, e os dous cobertos por Christovaõ

Era vulg.

Em vulg. vaõ de Sá, e por Gomes Barreto, marchou a esperar a manhã sobre os inimigos.

Estava o Santo Xavier no Japaõ, aonde indicou aos Portuguezes, que o acompanhavaõ, as calamidades deste sitio em castigo dos peccados de Malaca, a piedade de Deos na victoria, que havia ganhar o Carvalho; mas que continuaria a pena das maldades na morte de muita gente ocasionada do veneno, com que os inimigos inficionariaõ as aguas. Tudo succedeo pontualmente como Xavier o víra em espirito, e o predissera. O Carvalho atacou com valor desmedido a acçaõ, huma das mais brilhantes, que vio Malaca. No principio della obráraõ os Portuguezes prodigios de valor, que pareciaõ mais que humanos. O Carvalho de hum golpe formidavel foi á terra; mas levantando-se com a corage estimulada, se botou com tanta fortuna sobre hum dos Reis da Java, que o atravessou de huma estocada pelos peitos. Esta morte declarou a nosso favor a victoria, fugindo atropelados os Barbaros a buscar os seus navios depois de deixarem

xem juncado o campo com dous mil ca- daveres. O Governador, que dos muros da Fortaleza via o combate, ſahio com o reſto da gente a conſummar o triunfo. Elle nos veio a cuſtar a vida de 200 homens, que depois bebêraõ as aguas envenenadas, conhecendo o mal, quando já era irremediavel o damno.

Era vulg.

Como nós acabamos de dizer que no tempo deſtes ſucceſſos em Malaca o Santo Xavier eſtava no Japaõ, aonde os hiſtoriára antes de ſuccedidos; nós devemos fazer huma relaçaõ breve da Miſſaõ do Santo tomada na ſua origem. Quando elle voltou das Molucas a Malaca, o eſperava neſta Cidade hum Japonez, que attrahido da fama dos ſeus milagres, ſó por vêr a Xavier fez viagem taõ longa. A communicaçaõ com elle acabou de illuſtrar o homem meio illuminado, que com dous criados recebeo o Baptiſmo, e tomou nelle o nome de Paulo de Santa Fé. Elle moſtrou na conſtancia da crença em toda a vida, que lhe eſta bem proprio o nome, e a elle podemos dizer que deveo a ſua Patria os grandes progreſſos, que depois fez nel-

la

Era vulg. la a Religiaõ Santa. Na companhia dos tres Japonezes convertidos foi Xavier para a India; mas depois de assistir ás honras do Viso-Rei D. Joaõ de Castro, com a mesma sociedade, e a de alguns dos seus Religiosos, tomou para Malaca com o designio de marchar á conquista espiritual do grande Imperio do Japaõ.

Os trabalhos, que nelle passou Xavier; as viagens, que emprehendeo; as conversões, que fez; os milagres, que obrou, tudo foi monstruoso; os Authores da sua vida tudo referem. Elle plantou naquellas Regiões brutas as primeiras sementes da nossa Santa Fé, que em pouco tempo brotáraõ a frondosa arvore de huma Christandade composta de mais de 400ɸ000 Fiéis: Christãos taõ robustos, que debaixo do ferro da perseguiçaõ dos Tyrannos, disputáraõ primazias de glória aos Martyres da primitiva Igreja: Christãos impávidos, que naõ duvidáraõ regar as plantas tenras com a innundaçaõ do seu sangue para produzirem fructos de duraçaõ eterna: Christãos ao Inferno taõ temiveis, que elle applicou esforços

fúr-

fórtes, longos, diabolicos para no decurso das idades arbitrarem os Japonezes o meio execravel de fecharem a entrada dos seus pórtos a todos os Estrangeiros, exceptuando os de huma só Naçaõ, que leva em si patente o ciume do Commercio, as devisas da avaréza, as marças da heresia. Era vulg.

Como hum dos argumentos mais fórtes, com que os Japonezes atacavaõ a Xavier era o do exemplo dos Chinas, que, diziaõ elles, sendo homens taõ illuminados, noticia alguma tinhaõ da doutrina, que o Santo lhes prégavá; este formóu a idéa, de que reduzindo os Chinas, todo o Imperio do Japaõ lhe seguiria os vestigios. Firme neste conceito, o seu espirito magnanimo concebe a resoluçaõ sublime de voltar á India, conseguir do Viso-Rei para o seu fiel amigo Diogo Pereira o caracter de Embaixador á Corte de Pekim, embarcar com elle para a China, derramar no seu vasto campo coberto de abrolhos, e espinhos a semente da Divina Palavra, vêlla produzir plantas saudaveis, transplantallas nos terrenos

do

Está vulg. Japaõ para nelles lhe colher copiosos os fructos. Mas como os succeſſos deſta viagem ſaõ pertencentes ao anno ſeguinte de 1551, nelle lhe daremos o ſeu lugar proprio para agora nos irmos encontrar com D. Antaõ de Noronha, que deixamos navegando da India para Ormuz em ſoccorro deſte Rei, e do de Baçorá contra os Turcos.

CAPITULO VIII.

Da expediçaõ de D. Antaõ de Noronha ſobre Catifa, e Baçorá, com outros ſucceſſos da côſta de Africa, e de Ceilaõ.

COM viagem feliz chegou D. Antaõ de Noronha a Ormuz para marchar á reſtauraçaõ de Catifa. Neſta empreza o acompanhou o célebre Rax Xarafo commandando 3000 homens das trópas do ſeu Rei, e a gente que ſe pode eſcuſar na noſſa Fortaleza. Manoel de Vaſconcellos com os navios de remo fazia a vã-guarda da viſtoſa Armada, e na meſma figura pojou em terra as tró-

tropas, que haviaõ fazer o ataque da Cidadela. Os Turcos se defendêraõ em Catifa oito dias; mas vendo a extensaõ das brexas, temendo o perigo do assalto, huma noite sem serem sentidos se refugiáraõ no hermo. D. Antaõ entregava Catifa ao Xarafo, como pertença do Rei de Ormuz seu Amo. Elle se escusou ao cuidado de a defender, e a fizéraõ voar com tanta precipitaçaõ, que quarenta Portuguezes, entre elles alguns distinctos, ficáraõ sepultados no estrago das minas.

Era vulg.

Sem perder tempo navegou D. Antaõ para a infeliz, e mallograda empreza de Baçorá, bem prevenida pela indústria do Baxá, que a commandava. Navegou a nossa Armada pelo fundo daquelle estreito até a embocadura do rio Eufrates, aonde deo fundo para D. Antaõ avisar ao Rei de Baçorá, e mais Principes seus alliados da chegada do soccorro da India contra os Turcos seus inimigos. O Baxá astuto, que tinha concebido indispensavel esta correspondencia, mandou tomar todos os caminhos com tanta cautéla, que as

car-

Era vulg. cartas, e os portadores lhes cahírão nas mãos. Entaõ fingio elle huma firmada pelos Principes alliados de Baçorá, que lhe remettiaõ inclusas as de D. Antaõ, e fazendo-a lêr em público; dizia o intrigante Baxá em nome dos Principes: Que sendo elles vassallos do Graõ Senhor, Sectarios da sua mesma Religiaõ, haviaõ conseguido vir da India a Baçorá huma Armada de Portuguezes para a submetterem ao seu poder, como marca da sua fidelidade: que para próva da candura, com que obravaõ, lhe remettiaõ as proprias cartas do Commandante Portuguez; e que elle Baxá fosse preparando os ferros para hum número taõ grande de captivos.

Presenciáraõ todo este successo, ouvíraõ as cartas, víraõ as firmas dous escravos Christãos, que o Baxá pouco depois deixou escapar de indústria, sem parecer que elle favorecia a sua evasaõ. Elles vieraõ á Armada; déraõ parte a D. Antaõ do que se passava; como o Rei de Baçorá, e os seus alliados o tinhaõ vendido; que cuidasse em

ti-

tirmisse. Todos os nossos Officiaes julgáraõ esta relaçaõ por hum estratagema do Baxá. Os dous Italianos davaõ della as próvas mais significantes; e como elles asseguravaõ terem visto as firmas de D. Antaõ, lembrou a especie delle as estampar no meio de huma folha de papel rodeada de hum grande número das dos Officiaes, que todas foraõ apresentadas aos ingenuos relatores. Elles as corrêraõ com a vista, e chegando á de D. Antaõ a apontáraõ com o dedo: demonstraçaõ, que tirou todas as dúvidas; que os fez crêr verdadeiros; que determinou a retirada para Ormuz, sem fructo huma expediçaõ, que daria gloria immortal ás armas Portuguezas, arbitras das desavenças dos maiores Principes nas extremidades da terra, aonde naõ pozéraõ os pés os famosos conquistadores do Universo.

Era vulg.

Em quanto D. Antaõ se recolhe a Ormuz, depois á India, e chega o tempo de referirmos as resultas deste successo de Baçorá; nós fazemos huma passagem pela cósta de Africa para irmos acabar em Ceilaõ a Historia deste

Era vulg. anno. Quando os negocios da Religiaõ pelo zelo dos nossos Missionarios tomavaõ hum incremento admiravel no Brasil, elles decahiaõ no Reino de Congo. Nos Successores do piedoso Rei D. Affonso naõ encontráraõ os Operarios Evangelicos acolhimento taõ officioso; antes elles acháraõ huns Principes seus oppostos nos sentimentos, estranhos nos costumes, exemplares da prevaricaçaõ, que engolfáraõ os negros do Paiz na antiga libertinage, e superstiçaõ. Sem embargo das nossas diligencias, na longa carreira dos annos, a dissoluçaõ tomou tanta posse dos espiritos, que nos ultimos tempos se sentíraõ apagados em Congo os vestigios do Christianismo. Como nós neste Reino naõ tinhamos o dominio absoluto, assim como nas Praças da India, e no Continente do Brasil, naõ podiamos fazer aos seus Póvos a violencia saudavel de os conduzir á observancia fiel dos nossos Dogmas.

O Viso-Rei D. Affonso de Noronha, que na vinda do Reino para a India estivera em Ceilaõ, e deixára em paz

paz os Principes da Ilha; depois que elle se ausentou, o Madune renovou a guerra. Elle sahio do seu Reino de Ceitavaca com forças respeitaveis para de hum golpe destruir a seu irmaõ, o Rei de Cota, que aborrecia com odio entranhavel. Neste Reino, e em Columbo naõ havia entaõ mais de cem Portuguezes, que lhe podessem fazer frente, commandados por Gaspar de Azevedo, que se incorporou com as trópas de Tribuly Pandar, genro, e General do Rei de Cota. Veio este Principe ao campo, e hum dia querendo vêr o modo, com que os Portuguezes comiaõ, e observando-os pela janella de huma varanda, dispôz o destino, que huma balla de maõ incerta lhe passasse a cabeça. Entendeo-se que golpe taõ detestavel fora descarregado pelos Portuguezes, ou que o Madune ganharia algum infame, que houvesse entre elles, para author de semelhante mórte. Este conceito geral se conservou firme até o tempo, que hum dos nossos soldados, estando para morrer, declarou com ingenuidade que elle sirando a

Em vulg.

Era vulg. hum pombo bravo, por acaso matára o Rei de Cota.

Dramabella, filho de Tribuly Pandar, e neto do Rei defunto, já em Cota, e em Lisboa estava reconhecido successor de seu Avô. O Madune sem perda de tempo marchou sobre Cota para lhe disputar a herança; mas naõ só encontrou inexoravel a Nobreza, senaõ que o mesmo Tribuly ajudado dos Portuguezes o atacou em huma batalha, e o obrigou a retirar destroçado para o lugar de Canabol. A noticia de successos taõ importantes, da dura guerra, que haviaõ sustentar os dous Rivaes, foi logo mandada ao Viso-Rei da India, que conheceo o valor dos nossos interesses em Ceilaõ, e a sua marcha em pessoa absolutamente indispensavel em conjunctura taõ crítica. Elle

1551 se fazia prestes para se embarcar, quando chegáraõ a Goa cinco náos das oito, que sahíraõ do Reino, de que era Capitaõ Mór Diogo Lopes de Sousa. Das outras tres náos foraõ os destinos differentes: a de D. Jorge de Menezes Baroche invernou em Moçambique; a

pe

de Ayres Moniz Barreto ferrou Ormuz: a de Diogo de Almeida veio depois, a Cochim.

Era vulg. 1551

Com soccorro tanto a tempo o Viso-Rei se fez ao mar em huma poderosa Armada, que mostrou nos effeitos ser destinada antes á conquista dos Estados, que ao amparo do Rei amigo. Apenas elle desembarcou em Columbo, e depois em Cota, mostrou huma avareza insaciavel sem exemplo, indigna da occasiaõ, e da pessoa. Naõ houve pesquisa violenta, que elle naõ mettesse em uso a fim de descobrir os thesouros do Rei defunto, como se a razaõ de alliado lhe désse direito para os fazer proprios. Os Modeliares, os Grandes da Corte, huns foraõ prezos, outros mettidos a tormento para declararem os segredos, que ignoravaõ, escandalisando assim as gentes, e enchendo de furor os espiritos. Naõ se descobrindo por estes meios as preciosidades, que se buscavaõ, o Viso-Rei fez devaçar o Palacio Real, cavar os seus pavimentos, registar os seus escondrijos, até que achou materia copiosa

pa-

Rei vuly. para se atear voraz o incendio da cubiça.

Depois da primeira se passou a segunda iniquidade, que foi extorquir do Principe espoliado 200000 pardáos para os gastos da guerra, que se havia fazer a seu favor. Já 600 pessoas das principaes, atonitas das extorsões, haviaõ tomado o partido dos inimigos: agora se subprendêraõ todas, vendo que as trópas naõ rompiaõ a marcha sem se apromptar a metade da sinta; que o Rei ajuntou por meio da venda do seu movel. Entaõ se fez publica a fórma da alliança, em que o Viso-Rei promettia fazer as suas trópas inseparaveis das de Cota até prenderem, ou destruirem o Madune, com condiçaõ de que os despojos ganhados se partiriaõ ao meio. Começou a guerra com tanta fortuna, que o Madune derrotado em todos os desfiladeiros, aonde se fazia fórte, apenas pode salvar das reliquias do destroço com homens, com que se retirou ás montanhas inaccessiveis de Darnagale.

A Corte de Ceitavaça abrio as portas

tas ao vencedor, que para achar ouro lhe deo o mesmo tratamento, que antes a Cota, e a Columbo. Copia grande deste metal forneceo o Palacio, e hum Pagode magnifico, que foraõ pilhados. Na fórma dos ajustes pertencia a metade ao Rei de Cota; mas elle ficou sem nada. Para acabar de destruir o Madune, segundo o mesmo ajuste, rogou elle ao Viso-Rei lhe désse 500 homens, com que o fosse prender aos montes. Pareceo justo o requerimento: pedio-se ao Rei mais dinheiro, e porque naõ o tinha para o dar, lhe foi respondido pelo Viso-Rei, que era tarde; que elle tinha de ir despachar as náos do Reino, e dando-lhe as cóstas marchou para Columbo a dar ordem ao seu embarque, deixando em Ceilaõ as sementes da guerra em estado de brotarem com brevidade troncos duros.

Era vulg.

Nesta occasiaõ vem a proposito a pergunta, que fez a hum Embaixador de Portugal o Sophi da Persia lembrado de outras semelhantes. O vosso Rei, perguntou este Soberano ao Ministro, tem mandado cortar muitas cabeças de

Go-

Em vulg. Governadores da India, e das suas Praças? Respondendo o Embaixador, que ainda naõ houvera conjunctura para seu Amo usar com algum delles tanta severidade, lhe tornou o Sophi: Pois estai certo, que elle naõ conservará muito tempo o Dominio adquirido com tanto trabalho. Em fim o Viso-Rei fazendo encher muitas laudas dos livros das contas do Estado de grossas sommas extorquidas, por hum modo taõ confuso, e taõ grosseiro, que naõ ficasse queixoso o interesse pessoal; elle deixou com pouca segurança no Throno ao Principe, que podia nelle ficar firmissimo.

Para acabar de esgotar os espiritos de Ceilaõ, aonde ficava commandando D. Joaõ Henriques, hum Fidalgo de muita probidade; o Viso-Rei lhe ordenou que depois da sua partida prendesse a Tribuly Pandar, Pai do Rei de Cota, e lho remettesse a Goa. O designio era haver por elle hum grande resgate; mas D. Joaõ Henriques usando da sua natural equidade; sabendo que o Tribuly se achava nos Estados

de

de seu primo, o Principe das Corlas ajustando o casamento de huma sua filha com seu filho o de Cota, e huma poderosa Liga contra o Madune de Ceitavaca; elle naõ executa a ordem, e preferio o bem commum de Ceilaõ ao interesse particular do Viso-Rei. Diogo de Mello, que succedeo ao Henriques no governo, mas naõ nos sentimentos, faz a escandalosa prisaõ. D. Duarte Deça, que tres dias depois lhe succedeo, a aggrava, a aperta, e com esta iniquidade se ensaia, para ir nas Molucas fazer representações semelhantes na pessoa do infeliz Rei Aeyro, como nós acabamos de dizer.

Erá vulg.

A Rainha Mãi, indignada até os ultimos pontos do furor pelo tratamento vil, que hum Chéfe alliado dava ao seu Esposo, Pai do Rei; ella sahe de Cota, ajunta trópas, e entra com D. Duarte em negociações. Entendendo que fazendo-se seu marido Christaõ obteria a liberdade, propõe-lhe este arbitrio, elle o abraça; D. Duarte desespera, e o carrega de ferros. A Rainha appellou para outra indústria, que foi com-

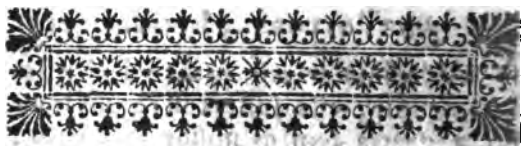
Era vulg. comprar alguns Portuguezes desembaraçados, que por meio de huma mina, que fizéraõ voar, junto ao Convento dos Franciscanos, conseguíraõ tirar da prizaõ a seu marido, e entregar-lho. Elle em liberdade se posta na frente do Exercito, que a Rainha tinha prevenido, e lançando-se como torrente impetuosa sobre toda a cósta de Galle, abate as Igrejas, degolla os Christãos, queima hum navio nosso, e se põe em estado de fazer guerra aos Portuguezes a fogo, e sangue. D. Duarte se sobprende, e cahe em maiores absurdos, admittindo as propostas do Madune, que á força de presentes o havia corrompido.

O afflicto Rei de Cota estranhou a este Official a sua conducta, que naõ só o chegava aos termos de perder a Coroa, que elle possuio feudataria da de Portugal; mas aos de se vêr abandonado por seu Pai, se elle, e seu irmaõ naõ casassem com duas filhas de seu inimigo o Madune: unico refugio, que elle procurava para se salvar da angústia, em que os Portuguezes o met-

mettiaõ. Intoleraveis para o Rei estes casamentos, elle sustentou algum tempo a guerra sem os nossos soccorros; mas vendo que Fernaõ de Carvalho, successor de D. Duarte, se conduzia peor que elle; que promettendo-lhe hum corpo de trópas a troco de huma grossa porçaõ de dinheiro, elle recebêra o dinheiro, e naõ lhe fornecia as trópas; o Rei, que tinha abatido a soberba do Madune, e este implorado a sua clemencia, antes quiz soffrello a elle, que sopportar os Portuguezes, e ajustou os casamentos com suas filhas. Todas estas desordens fizeraõ huma alta impressaõ na Corte de Lisboa, aonde o Rei de Cota se queixára, e foi ordenado ao Viso-Rei, que tudo lhe restituisse: castigo debil, que apenas satisfez huma pequena parte da justiça offendida.

Era vulg.

LI-

LIVRO II.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da Missaõ de S. Francisco Xavier á China, aonde morreo, e o que obrou o Baxá de Baçorá depois da retirada de D. Antaõ de Noronha.

Era vulg. 1551

O VISO-REI na volta da sua viagem de Ceilaõ para Cochim soube que o Rei de Chambe, hum dos dezoito Principes Malabares, confederados do Camorim, impedia a extracçaõ da pimenta para a carga das náos do Reino. Nada valeo áquelle Principe o Exercito de 30000 homens para deixar de ser desbaratado pelo Viso-Rei, e por seu filho D. Fernando de Menezes, assolado o seu Paiz, abrazadas as Cidades, e pilhados os Pagodes. Depois delle

dei-

deixar a seu filho com 500 homens em Cochim, e de substituir a D. Antonio de Noronha, em razaõ de huma ferida recebida na batalha, por outro Fidalgo do mesmo nome, filho do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, para General do mar: elle se recolheo a Goa, aonde o esperava o Santo Xavier para negociar a Embaixada de seu amigo Diogo Pereira á China, aonde elle o havia acompanhar para converter aquelle Imperio, e levar depois o seu exemplo ao do Japaõ, como meio o mais efficaz da sua conversaõ, na fórma que fica dito.

Era vulg.

Para se condescender com a rogativa do Santo naõ havia mais difficuldade, que a dos gastos da Embaixada, que tomou á sua conta o mesmo preconisado Embaixador Diogo Pereira. Na sua companhia chegou Xavier a Malaca, aonde encontrou, entre outras calamidades, com que a maõ de Deos tocava esta Cidade criminosa, a do incendio de huma divisaõ entre o Governador D. Pedro da Silva da Gama, e seu irmaõ D. Alvaro de Ataide

Era vulg. da Gama, que queria entrar no governo faltando a D. Pedro hum anno para completar o seu trienio. Era este hum Fidalgo probo muito inclinado ao Santo; pelo contrario D. Alvaro improbo, e seu desinclinado, inimigo infesto do Embaixador Diogo Pereira. Daqui nasceo a opposiçaõ barbara, com que D. Alvaro lhes quiz impedir a passagem á China. Todas as forças de Acheronte elle moveo para logtar o designio. Por tudo rompeo com brandura o espirito animoso de Xavier. Constante em naõ vêr D. Alvaro, elle se embarca; e entaõ o fogo do zelo, que lhe abraza o espirito, o faz observar as doutrinas do Evangelho.

Xavier para fugir de huma a outra Cidade perseguido, sacode dos çapatos o pó de Malaca. Usando a primeira vez da authoridade de Nuncio Apostolico, fulmina sobre D. Alvaro hum anathema tremendo. Depois nos afflatos do espirito, fallando em tom de Profeta, predisse com tanta claridade os juizos futuros de Deos sobre D. Alvaro, que quantos os ouviraõ entenderaõ, que elles com-

comprehendiaõ os seus destinos funestos em ambos os Mundos. Tinha disposto a Providencia, que Xavier naõ lograsse os seus na conversaõ da China; morrendo ás suas portas na Cidade de Sanchaõ. As muitas criaturas de D. Alvaro, gente dos seus humores, de que se mettêra hum bom número a bórdo da náo para ir mortificando a Xavier na viagem: entaõ conheceo ella quem era Xavier: Amigo de Deos já excessivamente honrado pelos seus mesmos perseguidores: do Deos, que sempre estivera com elle na tribulaçaõ para o arrancar das mãos dos impios, para o glorificar, para o encher de dias em veneraçaõ longa, para lhe mostrar o seu Salvador em annos eternos.

Era vulg.

Com pouca differença de tempo foi a retirada de D. Antaõ de Noronha de Baçorá, enganado pelo testemunho das cartas fingidas. O astuto Baxá fez logo aviso a Constantinopla da nossa resoluçaõ, do modo com que derrotára o nosso projecto, pedindo soccorros effectivos. Sem perda de tempo vieraõ ordens apertadas a Suez para se lançarem vinte

e

Era vulg. e cinco galés ao mar, entregue o seu commandamento ao célebre cossario Pirbec com a instrucçaõ, de que viesse ao porto de Baçorá, aonde acharia o plano das suas operações, sem que em toda a viagem fizesse hostilidade alguma aos Portuguezes. Chegou Pirbec ao lugar destinado, e na primeira conferencia com o Baxá lhe mostrou este os despachos da Corte, que lhe mandava ter promptos 15000 homens para reforçar a tripulaçaõ da Armada, em que elle havia embarcar com Pirbec, e unidos ambos navegarem a Ormuz, pôr sitio á nossa Fortaleza, e naõ levantarem o campo sem vencer, ou morrer.

D. Alvaro de Noronha, que governava a Praça, foi a tempo avisado dos preparos, que se faziaõ em Suez, e despedio logo varias fustas para irem humas a Mascate observar os movimentos dos Turcos, outras á India dar parte ao Viso-Rei do sitio, que temia Ormuz.

1552 Pirbec veio a Baçorá na fórma, que lhe fora prescripto, ignorando o a que vinha; mas communicadas as instrucções em todo o resto da empreza executou

mui-

muito mal as ordens, ou por ciofo de o fobmetterem ás determinações do Baxá de Baçorá, ou porque antes queria fazer prezas, que empenhar-fe na guerra, ou porque elle fó fe tinha por digno da expediçaõ, a que o mandavaõ. Como quer que feja, elle chegou a Mafcate, e a Ormuz a noticia da fua chegada, aonde caufou tal efpanto, que a Cidade fe defpovoou, a gente principal fe retirou para a Ilha de Queixome, a plebe para as terras do Magoftaõ, e o Rei com os feus Officiaes fe recolheo na noffa Fortaleza, que D. Alvaro tinha bem provida, refoluto com a guarniçaõ de 900 homens a defender-fe até á ultima extremidade.

Era vulg. 1552

Efte Chéfe prudente depois de affegurar quarenta navios, que eftavaõ no porto, debaixo da artilharia, e com gróffos cabreftantes prezos á Fortaleza, proveo os Baluartes della em Fidalgos, e Officiaes de conhecido valor, e experiencia. No centro da Torre da menagem aquartelou o Rei, a Familia Real, e a fua Corte, tudo com tal ordem, que o acerto das difpofições eftava in-

 di-

Era vulg. dicando a gentileza da resistencia. Appareceo a Armada de Pirbec sobre Mascate, aonde estava Joaõ de Lisboa com 60 Portuguezes, que recolheo na Fortaleza para logo os entregar debaixo das condições da liberdade, que o Turco naõ cumprio. Já se sabia em Ormuz da visinhança dos inimigos pela fusta de Simaõ da Costa, que os fora espiar ao Cabo de Rosalgate; que estivera debaixo da prôa da galé do filho de Pirbec, aonde lhe ficáraõ dous homens pendentes de hum remo; que desviando-se debaixo do fogo com valor incrivel, ficando-lhe a galé a gilavento, tanto metteo de ló, que a deixou a balravento, e chegou felizmente a Ormuz com as noticias, que se necessitavaõ.

Chegáraõ os Turcos a esta Praça, que por estar sem moradores foi saqueada sem resistencia. Pirbec, naõ perdendo tempo, começou o sitio da Fortaleza, tirou as linhas, levantou redutos, plantou as batarias, e fez sobre ella hum fogo vivo. As balas do nosso, mais bem servido por artilheiros déstros, embocavaõ os seus canhões, que ficavaõ par-

ti-

Era vulg.

tidos, e muita gente deſpedaçada. Portuguezes, e Turcos ignoravaõ a qualidade das forças, que atacavaõ, e defendiaõ. Pirbec quando ſe inſtruio das noſſas, perdeo a corage, e deſeſperou da victoria. Os ſoldados Portuguezes quando ſouberaõ, que as dos Turcos naõ ſe compunhaõ de muitas vezes dez mil, gritávaõ ao Governador lhes abriſſe as portas; porque queriaõ ir ao campo fazer em poſtas a gente attrevida, que tivera a confiança de vir com hum punhado de homens inſultar os Portuguezes a ſua caſa. Toda a corage de D. Alvaro, attento á conſervaçaõ de huma Praça, que era a chave do Golfo Perſico, lhe foi neceſſaria para conter o ardor das tropas originado da pouca ſobordinaçaõ, que ellas coſtumavaõ ter na India, quando a prudencia queria refrear a temeridade nas occaſiões, em que ellas entendiaõ ganhar honra. Eſpecie de deſobediencia façanhoſa ſem tumulto, de que muitas Nações aguerridas deſejariaõ ſer imitadoras.

Pirbec atacado por tres partes; do campo pela companhia do Baxá; do

Era vulg. medo pelo desprezo, que delle faziaõ os Portuguezes; da desesperaçaõ á vista do nenhum effeito, que o seu fogo causava na Praça; elle embarca a artilharia, e resolve levantar o sitio. Na noite, em que havia partir, enviou á Fortaleza hum lingoa a propôr o resgate de Joaõ de Lisboa, e dos seus soldados a D. Alvaro, que entaõ soube o successo de Mascate. O Turco civil lhe mandava de presente a mulher de Joaõ de Lisboa, dous dos prisioneiros distinctos, e os dous soldados da fusta de Simaõ da Costa, que ficáraõ pendentes no remo da galé de seu filho. D. Alvaro occupado dos sentimentos da magnanimidade Portugueza, lhe fez responder: Que aos dous soldados como homens sem culpa os acceitava, e em cambio delles lhe offerecia as peças preciosas, com que o regalava: Que os outros naõ queria vêllos, e os recambiava como Portuguezes covardes, que entregáraõ a Fortaleza de Mascate antes de serem feitos em póstas: Que pela mesma razaõ desprezava as lágrimas da mulher de Joaõ de Lisboa, e a tor-

tornava a enviar á sua presença para castigar com este genero de inhumanidade o crime affrontoso de seu marido. Era vulg.

Recebido este recado, Pirbec na mesma noite agradeceo o obsequio com mandar deitar na Ilha a mulher de Joaõ de Lisboa, e os prisioneiros, que eraõ dous soldados velhos. Immediatamente fez tomar os remos em punho; chegou a Queixome, aonde o naõ esperavaõ, roubou riquezas immensas, fez os escravos que quiz, e tomou o rumo de Baçorá. O Viso-Rei da India informado do sitio, pelos differentes expressos, que de Ormuz lhe despachára D. Alvaro de Noronha, se fez logo ao mar com huma Armada de oitenta vélas, em que entravaõ trinta náos de alto bordo, para soccorrer a Praça, bater, e abysmar os Turcos. Navegando pelo golfo de Dio recebeo outras cartas de D. Alvaro, nellas a noticia do levantamento do sitio, e retirada de Pirbec. Esta agradavel nova o fez mudar de rumo, e de resoluçaõ; assentar, que para guardar o golfo da Persia basta-

Era vulg. tava huma Esquadra de menos lote; vem a Goa, e despacha para lhe defender as gargantas a seu sobrinho D. Antonio de Noronha com doze galeões, e vinte fustas; levando ordem para succeder a D. Alvaro de Noronha no governo de Ormuz, e entregar o da Esquadra a D. Diogo de Noronha, o Corcóz.

Neste anno chegáraõ seis náos do Reino, entrando no seu número as que no passado haviaõ invernado em differentes pórtos. Ellas eraõ commandadas por Fernaõ Soares de Albergaria; e Antonio Moníz Barreto voltava á Indiá no célebre zambuco, que fez esta *ultima* de tantas viagens a Portugal, varando no rio de Seitapor, aonde se fez em pedaços cóm temporal depois de pojada a gente em terra. Hum reforço taõ consideravel poz habil ao Viso-Rei para sustentar muitas emprezas com vigor; mas antes que nós passemos á narraçaõ de outras acções, he justo concluirmos com a do destino da Armada Turca depois do levantamento do sitio de Ormuz, até á sua destruiçaõ ás mãos dos Portuguezes.

CA-

CAPITULO II.

Do que succedeo a Pirbec depois do sitio de Ormuz; como a Armada Turca foi destruida pelos Portuguezes, e outros successos deste anno de 1552 em differentes partes do Mundo.

NO valor de hum milhaõ de despojos de Ormuz bem repartido em Constantinopla fiava Pirbec a boa acceitaçaõ do nada, que acabava de fazer em serviço de Solimaõ. A sua idéa o enganou, porque o Baxá de Baçorá deo contra elle informaçoes taõ desavantajosas, que sem lhe valer o milhaõ, perdeo a cabeça. Elle se havia escapado com esta quantia em tres galéz da caça, que lhe déraõ D. Antonio de Noronha, e D. Pedro de Ataide o Inferno, que com as suas Esquadras cruzavaõ o Estreito de Meca; mas se no mar se livrou de meia infelicidade, em Constantinopla a encontrou inteira. Solimaõ temia, que a nossa audacia chegasse naquella Cidade a ser sacrilega com

Era vulg.

a

Era vulg. á profanaçaõ do ſepulchro de Mafoma, e deſejava hum Official de corage, a quem encarregar o commandamento das galéz para ſegurança do Eſtreito. Com eſta qualidade ſe lhe repreſentou Moradbeg, que moſtrou bem pouca, quando o valeroſo D. Antaõ de Noronha o obrigou a abandonar o poſto de Catifa.

Eſtimou Moradbeg a occaſiaõ de recuperar a ſua honra, e a toda a diligencia veio a Baçorá, donde ſe fez ao mar com quinze galéz. D. Antonio de Noronha já a eſte tempo tinha entregue o governo da Eſquadra a D. Diogo o Corcoz, que cruzava do lado da Arabia; mas ſabendo pelas ſuas eſpias, que as galés tinhaõ ſahido de Baçorá, ſe encoſtou para o da Perſia em ſua demanda. Tanto que aviſtou os Turcos coſidos com a terra, que lhe impedia a abordage, os ſervio com o fogo dos canhões. Elles lhe reſpondêraõ com outro taõ vivo ao lume da agua, que aberto o galeaõ teve de o abandonar para o virarem de bórdo, e lhe taparem os rombos. Os Portuguezes affoutos,

tos, e intrépidos no combate se chamáraõ infelices, quando de repente lhes accalmou o vento, anhotos os galeões pelo mar, sem governo, e taõ apartados, que naõ podiaõ soccorrer-se: vantagem para os Turcos taõ grande, logo no principio da acçaõ, e do dia, que tomando os remos, as quinze galéz rodeáraõ o formoso galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque, que estava mais desviado, constantes na certeza de o renderem.

Era vulg.

Bem quizera eu tratar ao longo as circunstancias deste combate, que durou a maior parte do dia. Mas eu naõ explicarei bem a corage de 120 Lusitanos façanhosos, que o sustentáraõ; com dizer que no Oriente, entre tantas acções illustres, esta naõ teve semelhante? Gonçalo Pereira, D. Affonso Henriques, Luiz Freire de Andrade, Jorge de Sousa, D. Leoniz Pereira, André Pereira de Berredo, D. Luiz Pereira, outros Fidalgos, e os seus soldados soffrêraõ por muitas horas tal fogo, sem os Turcos se attrevêrem a abordallos, que o galeaõ naõ era mais

que

Era vulg. que hum casco nadante, sem mastos, castellos de poppa, e prôa, sem obras mórtas, só os peitos dos homens huns muros de bronze. D. Diogo de Noronha no convéz da sua náo, como mettido em desesperaçaõ, batia o pé, arrapelava as barbas, rugia leaõ, bramia tigre, piedosamente irado, nem no Ceo lhe escapava S. Lourenço, que elle quasi representava outro Ulysses fechando os ventos no seu odre. Em fim elles refrescaõ sobre a tarde, toda a Esquadra arrazada em poppa busca o flanco das galez, para das mãos dos inimigos arrancar a preza.

Moradbeg vendo-as destroçadas por hum só navio, temeo-se agora de tantos, e fez soar a retirada, que emprehendeo a toda a voga pela cósta da Persia, deixando pela reta-guarda huma náo de mantimentos, que nos tomára Pirbec, e agora restituimos. D. Diogo de Noronha subio logo ao galeaõ destroçado, aonde o esperavaõ brilhantes os soldados, cobertos de sangue, queimados do fogo, negros do fumo, alimpando os suores, bordados de flexas,

es-

espectaculos do horror, imagens da cólera, na sua frente todos estes retratos copiados na pessoa unica de Gonçalo Pereira, que correo com os braços abertos para D. Diogo. Affastai-vos, Senhor, lhe diz este Fidalgo com hum impeto de generosidade, affastai-vos, naõ quero abraçar-vos, que nada se vos deve, por teres obrado o que cumpria á vossa obrigaçaõ pelo vosso nascimento, por seres quem sois. Deixai-me abraçar cada hum dos vossos soldados, hoje producções illustres de si mesmos, hoje filhos do seu valor, hoje creaturas da sua disciplina, hoje que nasceo hum Heróe em cada hum.

Honrando o Chéfe a todos com palavras sublimes, elle deixa algumas fustas para rebocarem o galeaõ até Ormuz, e com o resto da Armada vai no alcance dos Turcos. Elle os seguio sete dias até os metter pela embocadura do Eufrates, aonde naõ pode entrar. Daqui desandou para Moçandaõ a acabar o tempo do seu regimento, e se recolheo a Ormuz. A noticia da fugida de Moradbeg chegou a Constantinopla, e deo

oc-

Era vulg. occasiaõ ao Cossario Alecheluby para animar contra elle a crítica severa, de que naõ se podia esperar mais de hum homem nomeado para se bater com os Portuguezes, quando a experiencia já tinha mostrado a fraqueza, com que lhes havia entregado huma Praça da importancia de Catifa sem desembainhar as armas; que se o Graõ-Senhor desejava recolher as galéz ao Estreito, lhe fiasse o seu governo, que elle as levaria a Suez a salvamento. Os Baxás apresentáraõ este offerecimento no Divan, donde o Cossario sahio despachado como desejava.

Elle chegou a Baçorá, quando já corria o anno de 1554; tempo, em que D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rei, com huma grossa Armada cruzava no Estreito sempre attento nas galéz, que depois da sua retirada até agora nunca os Portuguezes as perdêraõ de vista. Esperavaõ as nossas espias, que ellas sahissem ao mar para avisarem a D. Fernando, que estava prestes para lhes cortar o caminho. Bernardim de Sousa, que havia succedido a D. Anto-

tonio de Noronha no governo de Ormuz, armou hum galeaõ, guarneceo quatro náos mercantes, e se postou na boca do Estreito de Baçorá para fechar a entrada ás galéz, se ellas fugissem de D. Fernando, avisando-o as seguisse até onde elle pairava, para que alguma dellas lhe escapasse. Dispostas deste modo as cousas, com a noticia de que Alecheluby já andava no mar, D. Fernando sahio de Mascate em sua demanda. A doze legoas desta Praça nos Ilheos de Soar se encontráraõ os dous Chéfes, e o nosso apresentou a batalha, que o Turco queria evitar.

Era vulg.

Para o conseguir se coseo com a terra quanto pode; mas a nossa Armada, seguindo em torno as quinze galéz, as teve como cercadas, naõ lhes sendo possivel retroceder, nem tendo outro refugio, que o de montar hum cabo, que alli fazia a terra. As nossas caravellas se esforçáraõ para o impedir; mas naõ o podéraõ lograr sobre nove das galéz muito ligeiras, em que entrava a Capitania, que passáraõ á outra parte. Ficáraõ as seis cortadas, logo in-

Era vulg. investidas pelas caravellas, que depois de hum sanguinolento combate, todas abordáraõ, todas rendêraõ. D. Jeronymo de Castello-Branco varou sobre duas, e soccorrido por D. Manoel Mascarenhas tomou ambas com morte de todos os Turcos. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, cada qual em sua galé, leváraõ o negocio á espada, fazendo lançar os Turcos ao mar, aonde foraõ degollados pela tripulaçaõ das fustas. O mesmo destino tiveraõ as outras duas: todas seis ficáraõ em nosso poder sem mais captivos, que as chusmas, que reservámos para nos servirem. D. Fernando lhes nomeou logo Capitães para as mandarem concertar em Mascate, e os despojos, que nellas se acháraõ foraõ armas.

Alecheluby, que da outra parte do Cabo observára a batalha, e vira a perda, privou a Bernardim de Sousa de consummar o triunfo na boca do Estreito; porque temeroso de voltar a Suez para pagar a desgraça com a cabeça, se fez na volta de Cambaya. D. Fernando ordenou ás caravellas, que fos-

tas-

taſſem todo o panno, e as foſſem ſeguindo até o porto, aonde entraſſem para as bloquearem. Ellas lhe foraõ dando caça pela cóſta da India. Sete deſtas galéz entráraõ no porto de Surrate, aonde D. Jeronymo de Caſtello-Branco, D. Nuno de Caſtro, e D. Manoel Maſcarenhas as enſacáraõ, e ſe poſtáraõ ſobre a barra. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valladares perſeguíraõ as duas, até as obrigarem a varar, e fazer em pedaços, huma em Damaõ, a outra em Daru. Finalmente deſtas quinze galéz nenhuma eſcapou; porque reforçado o bloqueio de Surrate por Franciſco de Sá de Menezes, Governador de Damaõ, por Jorge de Mendoça, que o era de Chaul, tempos depois o Commandante de Surrate para deſimpedir a barra do ſeu porto, naõ teve mais refugio, que convencionar com os Portuguezes virem elles ſer teſtemunhas das miudas peças, em que as galéz foraõ desfeitas, como em ſeu lugar ſe dirá.

Era vulg.

Dada eſta noticia do ſucceſſo da Armada Turca, que na India, e na Eu-

Era vulg. ropa fizéra tanto eſtrondo, eu paſſo á narraçaõ de outras acções reſpectivas ao anno de 1552, em que fallamos. Nelle ſuccedeo na cóſta da Cafraria o naufragio laſtimoſo de Manoel de Souſa de Sepulveda; de ſua mulher a formoſa D. Leonor, filha de Garcia de Sá, de ſeus tenros filhos, de muitos Fidalgos, e de 500 peſſoas, que com elle embarcáraõ na náo S. Joaõ. Deſfeita ella nos cachopos, toda a gente ſe ſalvou em terra para padecer mórtes continuadas, lamentaveis, triſtes, á viſta de eſpectaculos da mais extrema agonia pela longa duraçaõ de mezes; muitos tragados das féras, outros devorados pelos Cafres, a maior parte conſumidos da fome; D. Leonor para occultar a ſua nudez obrigada a enterrar-ſe viva na areia da Praia, Heroina honeſta ſepultada antes de morta; ſeu marido como louco, vendo-a acabar com os filhos nos braços, errante por boſques, donde nunca mais ſahio; em fim depois de ſoffrer trabalhos, que ſe naõ concebem, ſahíraõ com vida deſta tragedia, e viéraõ dar á India unicamen-

mente oito Portuguezes, e quatorze escravos, entre aquelles Pantaleaõ de Sá, Triſtaõ de Souſa, Balthaſar de Siqueira, Manoel de Caſtro, e o Piloto André Vaz, teſtemunhas da ſenſivel láſtima.

Era vulg.

Pelos meſmos tempos as riquezas immenſas, que os Portuguezes traziaõ das ſuas conquiſtas, de tal fórte excitavaõ a cubiça dos Coſſarios Francezes, que deſprezados os ajuſtes entre os Soberanos, elles augmentavaõ o número dos armadores, ſem que os Miniſtros da Corte de França ſe embaraçaſſem muito em fazer parar o curſo dos piratas pela ambiçaõ, com que deſejavaõ hum eſtabelecimento no novo Mundo. A ſua diſſoluçaõ obrigou o Imperador, e o Rei de Portugal a lavrarem hum Tratado de alliança para mutuamente defenderem as ſuas cóſtas, e as ſuas conquiſtas. Os dous Monarcas contratantes ajuſtáraõ entre ſi trazerem ſempre no mar as ſuas frótas nas paragens, que lhes aſſignáraõ, para aſſegurarem a ida, e a volta das ſuas náos de carga. Naõ obſtante eſta prevençaõ,

Era vulg. e correndo o tempo, os Francezes, especialmente os Calvinistas, se foraõ estabelecer no Brasil, commandados pelo Marquez de Villegagnon: homens, que transportados do espirito, que inspira a heresia, intentavaõ formar huma especie de Dominaçaõ, que os fizesse temidos para viverem mais dissolutos. O Almirante Coligni, depois huma das victimas do massacro de dia de S. Bartholomeu, patrocinava este projecto chimerico. Para o fazer abortar nos servio a divisaõ entre Coligni, e Villegagnon, que abjurando a heresia, naõ se querendo servir dos Religionarios, faltando-lhe a protecçaõ do Almirante, a *máquina* do edificio cahio por si mesma.

Naõ será improprio para se conhecerem as forças maritimas de Portugal nesta época, que eu refira as que El-Rei aprestou em cumprimento do Tratado feito com o Imperador. Mandou elle armar vinte caravellas para cruzarem tres na altura de Cascaes; quatro na da Atouguia; quatro na de Caminha; as mais pelo mar de Cezimbra até Lagos. Para guardar o résto da cósta

do

do Algarve se destináraõ quatro fustas, [illegible] tres caravellas, e hum galeaõ, que haviaõ chegar á de Andaluzia para cá do Estreito. Mais ao mar andavaõ quatro náos de alto bordo para segurarem a navegaçaõ das embarcações de viagem. Com o mesmo destino para as de Guiné, Brasil, e India andavaõ á vista das Ilhas tres náos de guerra, dez navios ligeiros, e sete caravellas. Estes grossos reforços, e cuidadosa vigilancia Portugueza foi applaudida por toda a Europa, especialmente pelo Imperador, que da sua parte acudio a defender os mares, que lhe eraõ respectivos, de sórte que a navegaçaõ das duas Potencias ficou segura dos insultos dos piratas.

Como o Principe D. Joaõ chegára a idade competente de se lhe dar estado, que reparasse a perda de tantos Principes sahidos do ventre para entrarem no tumulo, se ajustou o seu casamento com a Princeza D. Joanna, filha do mesmo Imperador, e de sua tia a Imperatriz D. Isabel, com o dote de 360⟡000 ducados. O Duque de

Era vulg. Aveiro D. Joaõ de Lancaſtro, e o Biſpo de Coimbra D. Joaõ Soares foraõ encarregados da conducçaõ da Princeza. Elles marcháraõ para a fronteira com hum ſequito brilhante, com huma libré magnifica, aonde encontráraõ naõ menos luminoſos ao Duque de Eſcalona D. Diogo Lopes Pacheco, e ao Biſpo de Oſma D. Pedro da Coſta, que haviaõ fazer a entrega da Princeza. Elles queriaõ eſta ceremonia ao uſo de Heſpanha. Depois de muitos debates, a eloquencia do Duque de Aveiro conſeguio que ſe praticaſſe ſegundo o coſtume de Portugal. El-Rei foi eſperar a Princeza ao Barreiro, donde a trouxe a Lisboa entre os apparatos da pompa, e tranſportes do goſto, tudo momentaneo, caduco, tranſeunte; depois as deſgraças longo tempo firmes, permanentes, intoleraveis.

CA-

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos successos da India no anno de 1553.

SEMPRE inquietos os Principes do Malabar, naõ cessavaõ na renovaçaõ da guerra contra Cochim em prejuiso dos interesses de Portugal no embaraço da extracçaõ dos generos para a carga das nossas náos. Quiz o Viso-Rei cortar estes inconvenientes, e ordenou a Francisco Barreto, que acabava de governar Baçaim, passasse ao Malabar com vinte navios a soccorrer o Rei alliado contra os de Diamper, e da Pimenta, que nos impediaõ a carregaçaõ fautorisados pelos de Chembe, e Bardelá. Bastou a intelligencia, a agilidade de hum só homem, Malabar de naçaõ, nos dogmas Catholico, chamado Vasco, que estes Principes tinhaõ no seu serviço, para illudir as forças, o valor, a prudencia de hum Chéfe taõ completo, qual era Francisco Barreto. Como os contornos de Cochim saõ terras

Era vulg. 1553

Era vulg. ras alagadas cortadas em canaes estreitos, que formaõ pequenas Ilhetas; o célebre Vasco, muito prático nesta espécie de labyrintho, em pequenos, e ligeiros catures, de que se naõ fazia caso, e que por toda a parte entravaõ, e sahiaõ voando, de tal sorte incommodava os nossos navios, que o menor dos seus males era estarem em inacçaõ.

Em quanto o Viso-Rei se punha prómpto para acudir em pessoa a reparar a indifferença dos successos de Francisco Barreto, outro Cossario Turco, que andava ao soldo do Camorim, determinou passar á cósta da pescaria com quatorze navios para saquear as Cidades de Negapataõ, de S. Thomé, e assolar a Christandade de Ponicale: povoaçaõ situada em huma ponta de terra, que foi cortada para ficar Ilha na contra-cósta do Cabo de Comorim. Por 300 homens mandou o Turco investir Ponicale, aonde naõ havia mais de setenta Portuguezes mandados por hum Fidalgo distincto, chamado Manoel Rodrigues Coutinho. Este bravo homem

mem na testa da sua pequena tropa se conduzio com tanto valor, que destroçados os inimigos os obrigou a embarcar. O Turco mettido em desesperaçaõ por causa desta affronta, elle se pojou em terra com 1☉500 homens, que os nossos naõ quizeraõ esperar para se naõ exporem a perder-se. Passáraõ todos ao Continente, e ficou Ponicale em preza aos Barbaros Malabares, que encontráraõ bem de objectos, em que empregar o furor, e a cubiça. O Naique da terra firme acudio com oito mil homens ao estrondo do combate; mas vendo nella os Portuguezes, metteo a todos em ferros para tirar do soccorro o proveito dos resgates.

Era vulg.

Chegou a voz deste catastrofe a ferir os ouvidos da gente de Cochim, aonde se achava o bravo Gil Fernandes de Carvalho, que nós vimos ha pouco libertador glorioso de Malaca; obrigando o Rei de Viantana a levantar o sitio, que defendeo D. Pedro da Silva da Gama. Elle desejou castigar os Malabares; mas havendo navios, faltava dinheiro para o seu fornecimen-

to.

Era vulg. to. Sacrifica o Carvalho todo o seu cabedal aos interesses do commum; toma gente a soldo, compra mantimentos, prepara huma Fróta, e sahe ao mar com 170 homens em demanda do Birata soberbo. Na volta do Cabo o avista, e naõ podendo dobrar huma restinga, o navio de Lourenço Coelho varou nella, e ficou em secco. Seis dos contrarios o atacaõ á vista do Carvalho impedido pelo vento contrario a soccorrello. Largas horas durou o combate, em que naõ houve Portuguez, que quizesse render-se: todos morrêraõ em brava gente, menos amantes da vida, que da honra.

Sentio Gil Fernandes esta perda, e se deixou levar do tempo á Ilha das Lebres, aonde estava hum navio Portuguez, que incorporou na Fróta. Ao outro dia se encontrou com os Barbaros mais arrogantes pela victoria. *Elle* serve a Capitania inimiga com a primeira banda de artilharia, ferra-se com ella, baldea-se com a sua gente a bórdo, e contra 200 Mouros disputa hum choque horrendo. Todos morrem huns

a

a ferro, outros no mar, a Capitania fica rendida, e os seus quatro navios fazem o mesmo serviço a outros tantos dos contrarios. Desembaraçados desta primeira refega, todos cinco se incorporaõ, e cahem sobre o resto da Fróta, aonde o estrago foi igual ao furor. Entre a chusma naufragante, o Chéfe Turco teve a felicidade de chegar a terra nadando com alguns poucos; os mais ficáraõ sepultados nas ondas; restituído o navio de Lourenço Coelho, e todos os dos inimigos, sem escapar hum só, em nosso poder. Gil Fernandes de Carvalho com a gloria renovada, o mesmo homem no Malabar, que em Malaca. O écco desta victoria bastou para o Naique do Continente pôr em liberdade a pouco preço os Portuguezés captivos com o seu Cabo Manoel Rodrigues Coutinho para vir restabelecer em Ponicale a Christandade, que ao Apostolo do Oriente custára tantos suores.

Era vulg.

Com o reforço das náos do Reino, que chegáraõ este anno ás ordens de Fernando Alvares Cabral, o Viso-Rei apres-

Era vulg. aprestou a Armada, com que partio para Cochim em soccorro de Francisco Barreto contra os Principes Malabares. Na barra de Cochim se lhe incorporáraõ D. Diogo de Noronha, o Corcoz, Gonçalo Pereira Marramaque, e outros Capitães, que vinhaõ de Ormuz victoriosos das galéz dos Turcos. Entrado no porto foi determinado nos conselhos, que se destruissem as terras do Chembe, e as Ilhas Alagadas do Rèi da Pimenta, como meios de chamar todos os Principes Malabares à defensa. Revogou-se a primeira resoluçaõ respectiva ao Chembe, e se destináraõ todas as forças para a assollaçaõ das Ilhas, donde o Rei da Pimenta tirava a mais consideravel porçaõ das suas rendas. O parecer do Siqueira, Capitaõ dos nossos Malabares, livrou a Francisco Barreto, e a Bernardim de Sousa de hum perigo evidente; elle o principal instrumento da victoria por persuadir ao Viso-Rei, como prático no Paiz, o modo de fazer o desembarque, e acometter a acçaõ.

Para ella se destináraõ dous córpos, hum

hum que mandava o mesmo Viso-Rei, Em vale outro o Governador de Cochim João da Fonseca. Cada hum por sua parte saltou em terra, levando na frente derramado o terror, que naõ perdoava a sexo, e idade, a culpado, e innocente. Fartos de sangue os Portuguezes, fizéraõ captivos os paizanos, a quem perdoou a cólera, abrazáraõ os edificios, convertêraõ os frondosos campos em hermos tristes. A necessidade de despachar as náos para o Reino obrigou o Viso-Rei a voltar para Cochim sem consummar a obra; mas deixou por seu substituto a Gomes da Silva, que com poucos navios fez tantos destroços no resto das Ilhas, que os Reis confederados pedíraõ a paz com as condições de deixarem correr pelos seus rios o trato da pimenta, de reconhecerem a perfilhaçaõ do Rei de Cochim, sendo-lhes restituidas as Ilhas, e os captivos.

Depois do restabelecimento desta tranquillidade se temeo huma nova guerra em Cambaya originada da morte do Rei Sultaõ Mamud, que o seu

uni-

Era vulg. unico confidente Boradim, pretextando tyrannias, quando o seu verdadeiro designio era levantar-se com o Reino, assassinou ás punhaladas, ao tempo que dormia descançado na boa fé deste trahidor, estimado guarda fiel da sua pessoa. No meio da perturbaçaõ dos Grandes, Boradim pagou com a vida a pena do parricidio; foi elevado ao Throno hum Principe occulto, que se dizia ser filho do Rei morto, e a Madre Maluco se encarregou a Regencia do Estado. Entre os muitos descontentes em revolta taõ geral, era hum o Abexim Abixcaõ, que commandava em Novanager, e mais terras da jurisdicçaõ de Dio: Politico de taõ curtas vistas, que devendo servir-se da visinhança dos Portuguezes para apoios da sua authoridade, elle os escandalisou de novo com pretençõés taõ estranhas á conjunctura dos tempos, como ao caracter da Naçaõ. Naõ attendendo elle ás representaçõés de D. Diogo de Almeida, Governador da Fortaleza, nem corrigindo as demasias de Elal, que em seu nome governava a Cidade de Dio; D. Dio-

Diogo entrou por ella na frente de 500 homens, que com o sangue, e fazendas dos moradores vingáraõ a renovaçaõ do antigo Forte de Meliqueaz, as novidades introduzidas na Alfandega, a prohibiçaõ de se venderem generos aos Portuguezes, os desprezos com que elles os tratavaõ, e todas as outras demasias do façanhoso Elal. Era vulg.

Esta acçaõ executada por D. Diogo de Almeida no principio do seu governo, foi a primeira, e a ultima delle, sendo logo deposto, e substituido o seu lugar por D. Jorge de Menezes Baroche, em quanto naõ chegava de Ormuz D. Diogo de Noronha o Corcoz, que estava provido em Dio. A decadencia daquelle Fidalgo proveio, de que estando elle para se embarcar em Lisboa, El-Rei lhe fez huma mercê, que D. Diogo acceitou altivo com aggravo da Magestade. El-Rei naõ quiz entaõ castigallo: deixou-o partir; mas no anno seguinte ordenou ao Viso-Rei, que privasse a D. Diogo de Almeida de qualquer emprego; porque elle tivera justas causas, naõ só para lhe dar baixa do

Era vulg. do serviço, mas para mandar riscar o seu nome do Livro dos Fidalgos da Casa Real: exemplo de severidade bem merecido para ensinar a vassallos soberbos o decóro, que se deve aos Soberanos. O Viso-Rei executou outra semelhante a respeito de D. Alvaro de Ataide da Gama, que por huma sentença da Relaçaõ foi privado do governo de Malaca, remettido prezo para o Reino, e conferido o mesmo governo a D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia.

1554 D. Fernando de Menezes, que seu Pai enviava com huma Armada ao Estreito, pouco bem succedida na expediçaõ do Fórte de Dofar defendidos pelos Fartaques; elle levava as ordens para entregar o governo de Ormuz a Bernardim de Sousa, e despedir a D. Diogo de Noronha para Dio. Este Fidalgo pouco soffredor das injúrias, que offendiaõ a honra da Naçaõ, apenas se encarregou do governo, determinou castigar as demasias de Cide Elal com golpe mais sensivel, que o que sobre elle descarregára D. Diogo de Almeida.

Pos-

Postado na têsta de 600 homens sahio elle da Praça a atacar o Forte renovado de Meliqueaz, que era o lugar do seu refugio, e que os Barbaros entregáraõ salvas as vidas. Nós nos occupavamos em o demolir, quando chegava o aviso, de que Abixcaõ com quatro mil homens, se marchava tarde para impedir o principal designio, ainda vinha a tempo de embaraçar a vantagem, que D. Diogo acabava de conseguir. Fernaõ de Castanhoso foi mandado com 120 homens impedir a marcha dos inimigos, na sua taõ arrebatado, que sem esperar o grosso da gente, que o seguia, com dezasete companheiros ficou cortado por 300 cavallos, que faziaõ a vá-guarda dos inimigos. Defendêraõ-se estes poucos homens com valor incrivel, sem se quererem render; mas todos pagáraõ com as vidas a inconsideraçaõ do Castanhoso.

Era vulg. 1554

No campo, em que D. Diogo de Noronha ficára postado, vio a precipitada fugida do resto da gente deste Chéfe, e advertindo que Abixcaõ havia passado do Continente para a Ilha, deixan-

Era vulg. xando-se transportar de huma temeridade céga, se moveo com rapidez a atacar sem ordem o corpo dos inimigos tantas vezes superior. Luiz Cabral, Feitor de Dio, Cavalleiro de valor, e experiencia, o deteve, representando-lhe o perigo a que expunha a gente, e a Fortaleza, que ficára sem guarniçeõ: dous objectos do serviço do Rei taõ importantes, que os devia preferir aos transportes do valor, que ainda no caso de adquirir a gloria, ella seria manchada com a nodoa da imprudencia. D. Diogo ainda tomado da cólera, respondeo a conselho taõ saudavel: *Depois de eu morrer, que me importa, que tudo se perca?* Proposiçaõ, que voando nas lavaredas do mesmo fogo, que a proferio, da India até *Lisboa*, foi bastante para custar a D. Diogo de Noronha o Viso-Reinado da mesma India, para que estava escolhido.

Sem desistir do avance, a ousadia de D. Diogo foi taõ affortunada, que derrotou os 300 cavallos, e os pôz em fugida. Carregando a trópa de Alixcaõ a levou ás cutiladas até ao passo do váo, aon-

donde se lançou precipitada a buscar o asylo do Continente; mas deixando parte affogada, parte mórta ao nosso ferro. Como Abixcaõ na margem deixára plantadas algumas batarias para segurar a passagem, a mandou descarregar sobre os Portuguezes, que estavaõ em campo aberto. Para evitar este damno, D. Diogo fez soar a retirada, voltou para a Cidade, mandou concluir a demoliçaõ do Forte da contenda, queixou-se a Madre Maluco dos attentados comettidos por Abixcaõ, e conseguio a vantagem de ajustar a paz com as condições, que quiz. Estes foraõ os successos dos quatro annos do governo do Viso-Rei D. Affonso de Noronha, na verdade pouco correspondentes á alta idéa, que se havia formado do seu Author. Já declinava o anno de que fallamos, quando surgio na barra de Goa para lhe succeder com o mesmo caracter na idade de setenta annos o illustre D. Pedro Mascarenhas, gento do outro do mesmo nome, que na India competíra com Lopo Vaz de Sampayo: hum Fidalgo de altas virtudes, e me-

Era vulg.

Era vulg. recimentos, que a politica arrancou dos braços da Corte, servindo o governo da India de pretexto especioso para se dar côr de honrada a huma violencia sensivel.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os successos de Portugal, e de Africa neste anno de 1554.

VINHA chegando o tempo, em que as glorias, as prosperidades, as vantagens de Portugal, pelo que tinhaõ de mundanas, pouco estaveis como producções da fortuna, haviaõ correr á decadencia, mudar-se a scena, e converterem-se em epicedios os epinicios, as pompas em lutos. No fim do anno passado se principiou a descobrir no Principe D. Joaõ, que entaõ passava pouco de dezaseis annos, huma paixaõ hebetica taõ desordenada, que quantidade alguma de agua extinguia a voracidade da sua sede. Entendeo-se origem da molestia a assistencia continuada do Prin-

Principe na antecamera da Princeza, e por conselho dos Medicos, que como directores da saude, até sobre a independencia soberana tem authoridade, os Augustos consórtes foraõ apartados das mutuas, e agradaveis vistas. No ultimo de Dezembro a chuva copiosa deixou no vaõ da sacada de huma das janellas do quarto do Principe tanta agua, que elle na manhã ainda em jejum, esquecido dos preceitos da Medicina, preferindo a satisfaçaõ do apetite desordenado á abstinencia necessaria para a saude, bebeo della quatro, ou cinco cópos, que como se fossem do mais refinado veneno, dous dias depois lhe tiráraõ a vida com dôr inconsolavel da Monarquia, que chorava cortadas em flôr as suas esperanças, já antes sentidas nas mórtes immaturas de tantos Principes mallogrados.

Era vulg.

Enganosas como sempre as imaginaçõës dos homens, hum casamento, que tanto se anticipou para a consolaçaõ de dar netos, elle foi a causa de se perder a vida do filho. Mórte taõ lastimosa se quiz occultar á Princeza,

Era vulg. que eſtava retirada no quarto da Rainha, aonde a Corte, veſtida no interior de luto, a cumprimentava de galla: exterioridades, a que o coraçaõ preſago da Princeza deſcobria a violencia, como ſe eſtiveſſe vendo as imagens da mórte debaixo das apparencias, que lhe pintavaõ a vida. Ella ficou taõ proxima ao tempo de ſer Mãi, que na noite de 19 do meſmo mez de Janeiro acompanhou com as dôres de lhe naſcer hum filho as que ſentiaõ os vaſſallos pela mórte do Pai. Os fideliſſimos Portuguezes corrêraõ aos Templos para derramarem os corações em votos, que pios, e ardentes pediaõ a felicidade de hora taõ deſejada. No meſmo dia, antes de naſcer o *Infante*, qne veio ao mundo com a luz do ſeguinte, em que a Igreja celebrava a memoria do Martyr invicto S. Sebaſtiaõ, huma velha foi ao Convento de S. Domingos, e diſſe, que aſſentaſſem por Irmaõ da Confraria do Nome de Jeſus o Principe D. Sebaſtiaõ, que eſtava naſcendo: predicçaõ, que ſe eſtimou como hum dos impetos do eſpi-

pirito, que arrebata o do homem para o levar, aonde elle quer, quando podia ser transporte da velha. Era vulg.

Nasceo com effeito o Principe Varaõ, como se desejava, e as vozes da alegria desterráraõ dos corações os sustos do parto, e alimpáraõ nos olhos as lágrimas, que ainda corriaõ pela mórte do Pai. No Bautismo, que administrou seu Tio, o Infante Cardeal D. Henrique, lhe foi imposto o preconissado nome de Sebastiaõ, que se entendeo, que além da Velha, com o dedo o apontava o dia. Foraõ seus Padrinhos El-Rei, a Rainha, o Infante D. Luiz, e o levou nos braços a Camareira Mór D. Joanna Deça. Convalecida a Princeza, se lhe deo parte da mórte do Principe, que desatou os impulsos do amor desconfiado para fazer a natureza os seus officios. Equivocavaõ-se na Princeza os affectos, naõ sendo facil distinguir qual delles era o dominante, se o sentimento na mórte do Pai, se o prazer no nascimento do filho. Este se fazia extremoso só com a lembrança do bem commum da Monar-

Espanh. narquia; aquelle tocava os extremos com as memorias já da perda, já das imagens nocturnas, que figuravaõ á Princeza as calamidades preſentes, e as deſgraças futuras, entaõ naõ entendidas, depois ſenſivelmente experimentadas.

Quatro mezes depois, quando já declinava o mez de Maio, os eſpiritos Portuguezes tiveraõ de ſentir outra nova dôr na auſencia da amavel Princeza. Seu irmaõ o Rei de Heſpanha Filippe II. eſtava de partida para Inglaterra a deſpoſar-ſe com a Rainha Maria, herdeira da Coroa; e reſoluto a encarregar o governo dos Eſtados á Princeza durante a ſua auſencia, mandou pedir a El-Rei pelo ſeu Embaixador Luiz Vanegas lhe permitiſſe a paſſagem para Heſpanha. Condeſcendeo El-Rei a hum rogo taõ juſto, e encarregou do tranſporte o Infante D. Luiz, que a conduzio até Arronches, aonde rodeado de magnificencia, o eſperava o Duque de Bragança, que na fronteira a entregou aos Biſpos de Oſma, e de Badajoz, e a D. Garcia de Toledo,

Mor-

Mórdomo Mór. Encheo a Princeza as medidas da esperança do Rei seu irmaõ, no governo de Hespanha, aonde fundou para novo ornato da Corte de Madrid o brilhante Mosteiro das Descalças, e a famosa Casa, que fez chamar da Misericordia, á imitaçaõ da que víra em Lisboa, para soccorro dos pobres, e necessitados distinctos. Mas já o estrondo das armas dos Mouros nos nossos mares, e no Continente de Africa chama as attenções da Historia.

Era vulg. 1

Nós deixamos ao Xerife no anno de 1550, se pouco sensivel pela mórte do seu estimavel primogenito o Principe Arrani, muito lastimado da que os Turcos deraõ ao seu amado Muley, filho segundo, e da derrota, que delles recebêraõ as suas armas: injúria para a sua arrogancia taõ intoleravel, que até agora naõ lhe deixava mais liberdade, que a necessaria para dispôr os meios da vingança. Hum dos instrumentos que o Xerife entendeo bem proporcionado para ella, foi o de se servir de mil Christãos, que tinha captivos em Féz, armallos, e formar com el-

Era vulg. elles a vã-guarda do feu Exercito. Promovia este intento o valido Hespanhol Diogo de Torres; oppozéraõ-fe os Cacizes, e o Principe para moftrar as apparentes delicadezas de Religiaõ, em que fora criado, e a que devia a grandeza, preferio a obfervancia do Alcoraõ aos intereffes do Eftado.

Quando elle fe preparava para a guerra, no principio defte anno lha trouxeraõ a cafa os mefmos Turcos, que vinhaõ commandados pelo feu Zala Raez, e por Buhazon, que plantáraõ o campo huma legoa apartado de Féz a Velha. Nós naõ individuaremos os fucceffos defta guerra, que devemos contrahir unicamente ás fuas refultas, pelo que nos tem de refpectivas. Tudo fe conjurou nella contra o Xerife até entaõ vencedor, e parece que o demonio, feu comenfal, o defamparou para ferem inefficazes os preftigios. Vencido, e derrotado o Xerife, elle fe refugiou em Marrocos, perdido o Reino de Féz, aonde fe refgatáraõ muitos Portuguezes aonde o Raez eftabeleceo a fua Corte; aonde da parte dos defpojos,

Era vulg.

jos, que lhe tocárao, ajuntou hum thesouro de cinco milhões, de que a terra foi sua herdeira; porque enterrando-os, aonde só elle o soube, e morrendo pouco depois, elle, e o ouro ficárao sepultados nas entranhas da mesma mãi, que os gerára.

Buhazon, dominante em Féz, advertindo prudente, que falto da reputação do Raez, e que desamparado dos Turcos, o Xerife nao tardaria em voltar com todas as forças a recobrar o perdido: elle discorreo illuminado, que expediente algum lhe podia ser tao vantajoso, como o de fazer huma Liga com o Xerife Maior, que seu irmao o Xerife Menor tinha acantonado em Tafilete. Já este marchava com 30000 cavallos, e 40000 infantes sobre Féz, quando soube do Tratado de alliança, que o obrigou a mudar o plano da expediçao. Para atacar a Buhazon destacou com parte do Exercito a seu filho Abdalá, e elle marchou com o resto para sitiar em Tafilete ao Xerife, seu irmao. Buhazon, que se aproveitou do soccorro dos Christãos capti-

Era vulg. ptivos na batalha de Halhonec, fez em póstas o Exercito de Abdalá, que apenas pode salvar a vida em Tedula com vinte e cinco cavallos da sua guarda, que o seguíraõ.

A vantagem conseguida por Bubazon depressa foi derrotada pèlas indústrias do Xerife, que no meio das maiores calamidades nunca o desamparou a presença do espirito. Elle soube a infelicidade de Abdalá, antes que chegasse á noticia do irmaõ a victoria de Bubazon; e prevenindo as consequencias, fingio huma carta do vencedor para elle, em que lhe representava: como Abdalá o derrotára, sem lhe deixar esperança de refugio: que elle marcharia quanto antes a unir-se com seu Pai para reduzirem o sitio ao ultimo aperto: que para naõ chegar aos termos de huma calamidade extrema, lhe pedia se compozesse com seu irmaõ em tempo habil de negociar, antes que chegasse a conjunctura de se perder. Neste laço bem armado com todas as apparencias de huma real verdade, cahio o inconsiderado Xerife, que se entregou

gou á discriçaõ do astuto irmaõ com seus tres filhos Sidan, Nacat, e Buhazon, que logo foraõ degollados por ordem do Tio, e o Pai remettido para huma das prisões duras de Marrocos. Tantas expedições famosas naõ leváraõ mais tempo, que o que se passou de Janeiro até Agosto.

Era vulg.

Corria este mez, quando o Xerife vencedor marchou contra Buhazon para consummar sobre elle os seus infames triunfos. Como elle naõ conseguia algum, sem que a trahiçaõ fosse o agente principal, ordenou a hum criado fiel, e valeroso, que fingindo-se descontente do seu serviço, passasse a offerecer-se ao de Buhazon no seu campo; e que no maior ardor da batalha, que determinava dar-lhe, tirasse a vida ao alentado Mouro. Assim o executou o barbaro assassino com huma lançada pelas cóstas, que deitou a terra morto o bravo General: mórte, que deixou sem espiritos os seus soldados; que foi a causa da victoria do Xerife, o instrumento, que lhe restaurou os Estados perdidos; a origem de ficar com os des-

po-

Era vulg. pojos enormes mais rico, que antes; o vento rijo, que lhe soprou a arrogancia para mandar degollar mais de 200 Grandes descontentes; e o ambriaõ desórme, que tres annos depois lhe forneceo materia para formar o monstro, que devorou as glórias de Portugal em Africa, como diremos a seu tempo.

Quando na Mauritania succediaõ estas acçőes naõ vulgares, no mesmo mez de Agosto guardavaõ as cóstas do Algarve o General D. Pedro da Cunha com quatro galéz, e seu irmaõ D. Vasco da Cunha, Commendador de Malta, com cinco navios. Elles estavaõ sobre ferro nas praias de Tavira, e muita gente em terra a tempo, que foraõ avisados da vinda do famoso Xaramet Arraez, Cossario de Argel, que com oito galéz respeitaveis no luzimento, e na força, navegava em sua busca pela parte de Ayamonte. Sem demora se tirou peça de leva, foraõ picadas as amarras, embarcáraõ muitos aventureiros de Tavira ambiciosos da honra, outros das tripulaçőes naõ vieraõ a tempo; mas dous briosos irmãos

na-

naturaes da Beira, que chegáraõ quando as galéz rompiaõ a voga: elles transportados dos impetos, que move o amor da gloria, botaõ as armas em bandoleira, mettem nas boccas as espadas, lançaõ-se ao mar intrépidos, nadando ferraõ huma das galéz, e com esta gentileza persuadem aos Generaes, que para a batalha levaõ nelles hum bom soccorro.

Era vulg.

Sobre a tarde se encontráraõ as Esquadras, que naõ consentíraõ intervallo de tempo entre o encontro, e o combate. Os Mouros tiveraõ a vantagem de callar o vento, que impedio a manobra dos nossos navios para haver na batalha a desproporçaõ de quatro galéz contra oito. Naõ se embaraçou com ella o General, nem os seus brávos Capitães D. Vasco, Pedro da Cunha, e Diogo Vaz da Veiga, que suppríraõ o menos número das galéz com a corage sublime dos espiritos. Largas horas da tarde, e da noite durou este combate com fogo taõ bem servido da parte dos Barbaros, que vendo crivada a nossa Capitania, a abordá-

Era vulg. dáraõ. Todos os que entráraõ, em pouco tempo jazêraõ cadaveres no convéz da galé; saltáraõ os Portuguezes na sua, que rendêraõ, fazendo prisioneiro ao Arraez, que nada ficou devendo ás obrigações de soldado valente, de Chéfe acautelado. Os outros Capitães das nossas galéz, cada hum tomou a sua; outra com toda a gente foi a pique, e as tres se salváraõ com o favor da noite. Dos Mouros morrêraõ 150, ficáraõ 90 prisioneiros, e muitos feridos. Dos nossos faltáraõ 40, entre elles os dous irmãos da Beira, que a troco da mórte compráraõ a vida da Fama. Livramos das cadêas 230 Christãos, e o Arraez depois de estar annos captivo em Lisboa, obteve a liberdade, sendo trocado por Pedro Paulo, hum Turco Christaõ, que os Argelinos nos captiváraõ, irmaõ de Lazaro Volpe, ambos acceitos a El-Rei, e o Pedro tanto da sua confiança, que lhe entregou o commandamento de huma galé, para fazer a guerra á sua mesma Naçaõ.

CA-

CAPITULO V.

Continuaçaõ dos successos da India neste anno de 1554.

Era vulg.

NO fim do Capitulo III. deixamos nós ao Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas chegado á Cidade de Goa para succeder no governo a D. Affonso de Noronha, que com o mesmo caracter o acabava. O Viso-Reinado da India, que para outro qualquer Fidalgo seria huma grande recompensa; as instancias do Rei, e do Infante D. Luiz, que para o acceitarem, fariaõ huma honra distincta aos sujeitos do maior merecimento. Para D. Pedro Mascarenhas foi o primeiro huma desgraça, e huma especie de desterro: as segundas preceitos violentos, ou obediencia forçada. Nem a educaçaõ do Principe, de que D. Pedro estava encarregado, nem o pezo dos merecimentos, que o carregavaõ, nem a gravidade de 70 annos, que o opprimiaõ, podéraõ fechar na India a pórta especiosa, que a emula-

Era vulg. çaõ lhe abríra para o apartar da Corte. Elle sahió do Téjo na formosa Armada de seis náos, acompanhado de muita da Nobreza mais qualificada, que fazia ambiçaõ de seguir este grande homem, Fidalgo completo, hum dos melhores Capitães; hum Embaixador dos mais brilhantes; hum dos talentos mais illuminados para o Conselho; hum modelo das virtudes proprias para a educaçaõ dos Principes; em fim hum Christaõ no cumprimento das suas obrigações taõ exácto, que a mesma invéja nada de reprehensivel descobria nelle.

Foi D. Pedro Mascarenhas morreo á India hum anno depois da sua chegada. Das expedições, que se fizéraõ no seu tempo, a mais gloriosa foi o destroço das galéz Turcas, que se haviaõ refugiado em Surrate. A grande inclinaçaõ, que este Viso-Rei tinha á sociedade dos extinctos Jesuitas, o obrigou a promover na India os seus interesses, como já os havia promovido em Roma, e em Portugal. Nada de memoravel obrou a Esquadra, que ella

man-

mandou ao Estreito commandada por Manoel de Vasconcellos contra o Cossario Cafar, além de deixar no porto de Arquico o Padre Mestre Gonçalo, e seus companheiros Jesuitas; que o Viso-Rei enviava ao Imperador da Abyssinia Claudio, conduzidos por Diogo Dias do Preste, que estivera com D. Christovaõ da Gama naquelle Imperio. O ultimo negocio de caracter no seu tempo foi o concurso, que deo para Mealecan ser acclamado Rei de Visapor por Anel Maluco, e outros Capitáes rebeldes do Hidalcaõ; descartando-se o Estado deste fantasma da Magestade, que tantos annos residente em Goa, por muitas vezes foi causa dos nossos interesses na India subirem ao ponto mais critico.

Era vulg. 1555

Na volta de Pondá, aonde o Viso-Rei foi fazer a entrega de Meale, adoeceo gravemente, e a 16 de Junho falleceo em Goa, intrépido como Heróe, pio como Catholico. Nasceo D. Pedro Mascarenhas de D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, e casando duas vezes, de nenhu-

Era vulg. 1555

ma teve filhos. O seu caracter era especioso, e bastará hum só rasgo da sua magnificencia para se conhecerem as muitas, que metteo em obra nas suas Embaixadas repetidas. Quando na Corte do Imperador Carlos V. teve a honra de lhe dar de jantar, e a sua irmã a Rainha de Hungria, acompanhados de outros muitos Principes, e grandes Senhores, toda a lenha, que se queimou nas antecamaras, e nas cosinhas era de páo de canella. Mas naõ obstante a profusaõ, e a pompa, as suas Embaixadas ainda eraõ mais uteis, que esplendidas, mais interessantes, que magnificas. A mesma India lhe conheceo o caracter no fim da vida, confessando que se a tivesse mais larga, elle restabeleceria no seu governo quanto fosse de vantajoso aos avances da Religiaõ, e do Estado.

Succedeo nelle Francisco Barreto, que estava presente quando as vias se abríraõ: Fidalgo digno, e benemerito pelo nascimento, pelas qualidades, tudo illustre; mas ainda os serviços mais brilhantes. Naõ eraõ passados oito dias

em

tempo que elle gostava a doçura dos primeiros cumprimentos; quando hum acaso, que se suppoz pensado de nosso inimigo o Hidalcaõ, lhe perturbou o prazer, e causou á India huma das maiores perdas. Hum foguete, que deitáraõ ao ar na vespera de S. Joaõ, cahio sobre o galeaõ S. Mattheus, que estava varado, e coberto de palha, aonde logo se ateou voraz o incendio. Como o vento era rijo, e com o mesmo resguardo estavaõ cobertos outros nove galeões, que ficavaõ a barlavento do que ardia; communicadas as chammas de huns a outros, todos dez se abrazáraõ lastimosamente. Eraõ estas náos a esperança de toda a India, e o resto da Armada experimentaria o mesmo fatal destino, se a fadiga, o trabalho, os perigos, em que se metteo o Governador, os Fidalgos, e os zelosos Portuguezes naõ cortassem o fogo, antes que se fizesse geral o estrago. O tempo descobrio que hum Joaõ Rodrigues sem malicia fora o author desta desgraça.

Era vulg.

Ella fez huma alta impressaõ em

Era vulg Francisco Barreto, como agouro triste no principio do seu governo. Dilatando porém o animo para quanto antes reparar a perda; elle o conseguio até o fim dos seus tres annos, deixando huma Armada a mais bella, e a mais numerosa, que até entaõ tivemos na India. Sem o embaraçarem estes cuidados, e os da guerra com o Hidalcaõ; porque Meale ainda estava no territorio de Pondá esperando os avisos de Anel Maluco para ir tomar posse do seu Reino; o Governador determinou avistar-se com elle para acabar de concluir os ajustes, que o Viso-Rei deixára incompletos, a respeito da cessaõ, que Meale fazia a Portugal das terras do Concaõ, que chegavaõ a produzir hum milhaõ de renda. Elle sahio de Goa com hum aparelho taõ luminoso no fausto, no número de Nobreza, na força das trópas, como antes o havia feito o Viso-Rei na entrega de Meale a Calabatecaõ, que veio a Pondá com os plenos poderes dos Chéfes dos rebeldes para o receber.

D.

D. Antaõ de Noronha, que estava naquella Praça com 600 homens para sustentar as pretenções do novo Rei, sahio a receber o Governador, que logo fez aviso a Meale da sua chegada. No campo foi a entrevista, em que ficou confirmado o Tratado precedente, a cessaõ das terras sobreditas, e logo entregues no nosso poder as Fortalezas de Bandá, Curale, e outras muitas. Despedidos os Chéfes contratantes com agrados mutuos, Meale voltou ao lugar da sua residencia, donde com o aviso de Maluco havia subir o Gate. O Governador deixando em Pondá a D. Fernando de Monroy com 500 homens, e despedindo com igual número a D. Antaõ de Noronha para ir tomar posse das doze Tanadarias da nova terra, cuidou de se empregar em Goa nos expedientes do governo, que logo no principio lhe mostrava o semblante circunspecto. O Noronha no acto da posse, e arrecadaçaõ dos tributos se encontrou com os Officiaes do Hidalcaõ, que andavaõ occupados na mesma diligencia, e ganhou sobre elles humas ligei-

Era vulg.

[illegible] geiras vantajosas. Mas por naõ cortarmos o fio desta passagem da Historia, eu passo a referir o exito destas negociações, que para o Estado nada vieraõ a ser de proveitosas; para Meale muito desgraçadas.

O Hidalcaõ, vigilante sobre os inimigos para impedir a desmembraçaõ dos seus Estados, conhecendo na natureza dos traidores, que elles mudaõ as inclinações á vista da face dos interesses; elle propôz tantos ao rebelde Anel Maluco, que o ganhou á sua devoçaõ para fazer passar a fortuna de Meale, como hum relampago. Prometteo Maluco entregar-lhe o Rei augurado vivo, ou morto. Calabatecaõ, que se havia encarregado de sua guarda, mais eloquente, que valeroso, affeou a Maluco a sua perfidia, e o fez reviver nelle a primeira fidelidade. Mais picado o Hidalcaõ, pede o soccorro de seu inimigo o Rei de Narsinga, que haveria entrado na conjuraçaõ a favor de Meale para se vingar do Hidalcaõ, se os outros conjurados naõ o excluissem temerosos, de que poderia unir aos seus Do-

Dominios o Reino designado para o mesmo Meale. Elle com este estimulo faz marchar em soccorro do Hidalcaõ huma formidavel Exercito. Bastou o estrondo desta marcha para Meale, e os seus dous Protectores abandonárem o Reino em preza ao vencedor sem combate, e elles com salvo-conducto do Nizamaluco buscarem o refugio dos seus Estados.

Em vulg.

Este Principe preoccupado pelas influencias do seu primeiro Ministro, foi o vingador do Hidalcaõ na mórte, que immediatamente mandou dar a Anel Maluco, e a Calabatecaõ. O mesmo destino teria o infeliz Meale, se a seu favor naõ mediassem os rógos da Rainha, mulher do Nizamaluco, sua parente, que lhe represéntou com viveza as intrigas do seu Ministro, e a enormidade de tirar a vida a hum Principe fugitivo, que buscava o seu amparo. Ficou Meale com vida; mas sem liberdade, nem Reino, outra vez hum jogo, huma irrisaõ da fortuna. Entaõ vio Francisco Barreto que elle estava só no campo, como alvo, sobre o qual

Era vulg. tinha o Hidalcaõ de desparar todos os tiros do seu furor. Para lhe prevenir os golpes, contrahido ao recincto da Ilha de Goa, porque as suas trópas já desfilavaõ em grande número para as terras do Concaõ, e Pondá; elle ordenou a D. Fernando de Monroy, e a D. Antaõ de Noronha, que abandonassem os póstos, e se recolhessem a Goa. Elles o fizeraõ com a mais bella ordem á vista dos inimigos, que lhes respeitáraõ as trópas, senaõ por muitas, por valerosas.

Por estes tempos padeciaõ vexações barbaras as nossas Christandades de Ceilaõ; porque havendo fugido Tribuli Pandar da prisaõ, em que os Portuguezes o pozeraõ, o Madune, sempre pérfido, agora o persuadio para vingar a sua injúria sobre nós, sobre os nossos Templos, Religiosos, e Christãos do Paiz. Muitos acabáraõ com mórte preciosa ás mãos dos dous Tyrannos colligados. Quando elles executavaõ a carnagem, Affonso Pereira de la Cerda chegava a Ceilaõ encarregado do seu governo. Sem perda de tempo o perju-

ro Madune se lhe offereceo com todas as suas forças para vingar as injúrias, que Tribuli Pandar, de maõ commum com elle, fazia aos Portuguezes. Affonso Pereira, ainda que conhecia o espirito dobrado do Madune, acceitou a offerta, e unido com o Raju, seu filho bastardo, marcháraõ com grossas forças a investir o desgraçado Tribuli na sua Cidade de Palanda. Ella foi entrada, e reduzida a hum lago de sangue; mas o Tribuli pode escapar-se em Tanavaré. Naõ se dando aqui por seguro, elle se refugiou nas Corlas, aonde o Rajú o pôz em apertado cerco com o soccorro das nossas armas.

Era vulg.

O trahidor Tribuli, para se fazer senhor do grande Estado das sete Corlas, matou aleivosamente ao Principe de Urunguré, que o amparava; mas o Rajú, e o alentado Portuguez Joaõ Fernandes Columbrina vingáraõ o sangue justo, obrigando o Barbaro a fugir destruido para o Reino de Jafanapataõ. O seu Soberano se lastimou da desgraça do Tribuli, e determinou soccorrello com todas as suas forças. Para

ra

Era vulg. ra fazer o Tratado mais solemne concorrêraõ ambos a hum Pagode, aonde a presença dos Idolos désse mais força ao sagrado dos juramentos. Nelle succedeo o acaso de arder huma pouca de polvora, que cahíra a hum soldado. O Tribuli, como trahidor, desconfiado, entendeo aquella acçaõ preludio do assassinio, que o Rei de Jafanapataõ lhe preparava. Transportado do susto, ou da cólera, elle tira da espada, lança-se ao Rei, que se pôz em defensa rodeado dos seus vassallos, instrumentos generosos, que na vida do Tribuli castigáraõ com muitos golpes igualmente, que as suas tyrannias, o seu atrevimento.

A revoluçaõ no Reino de Pegu naõ foi menos gloriosa aos poucos Portuguezes, que nelle se achavaõ. Hum Pegu de naçaõ, chamado Ximindo, aproveitando-se da ausencia do Rei Brama, que havia usurpado a Monarquia, se levantou com ella, acclamado seu Soberano por hum grande partido. Nos encontros desta guerra civil perdeo a vida o Rei Brama, e o usurpador triunfa.

fan.

fante fez tirar a de Diogo Soares de Mello, que promovia em Pegu os interesses do nosso Commercio. A Rainha viuva do infeliz Brama se refugiou em huma Fortaleza, que entregou com a pessoa á fé, e valor de 200 Portuguezes. Elles obráraõ na defensa dos dous objectos façanhas taõ extraordinarias, que pozéraõ em admiraçaõ a todas aquellas Regiões. Sobrevindo Mandaragri, Rei de Ova, cunhado do Brama defunto, a vingar-lhe a mórte com Exercitos formidaveis. Elle reconquistou todo o Reino de Pegú, e pôz em liberdade a afflicta Rainha, que lhe apresentou com os Portuguezes a narraçaõ fiel das monstruosidades de corage, que elles acabavaõ de fazer em seu obsequio.

Cheio de complacencia o Rei triunfante, sensivel á importancia do serviço, com semblante alegre disse a todos: Vós rendestes á minha vontade a maior lisonja; eu deseja satisfazer as vossas; pedí-me quanto quizerdes. Os individuos da Naçaõ altiva, que tendo mãos para as obras, o brio lhes fe-

cha

Em vulg. cha as bocas para o rogo; elles como pasmados, olhavaõ huns para os outros; se desejosos, mudos; se querendo os premios, callados: premios, que fossem dados, como justos, naõ pedidos. O Rei, que ou entendeo a magnanimidade, ou suppoz irresoluçaõ o silencio, premiou a primeira com elogios, que trasbordavaõ honras; remunerou a segunda com huma copiosa effusaõ de ouro, que podia despertar a cubiça dos espiritos estoicos mais dominados da apathia.

Em Março deste anno sahíraõ de Lisboa para a India cinco náos commandadas por D. Leonardo de Sousa, que chegou a Goa com quatro, e a outra naufragou salvando-se a gente, que fabricando huma naveta dos destroços da náo perdida, teve a felicidade de tomar porto em Cochim. Com estes, e outros reforços, que chegavaõ de várias partes, o Governador se fez prestes para acudir em differentes lugares á urgencia dos negocios. Domar a ferocidade do Çamorim de Calecut, nosso antigo adversario, era hum dos

de maior empenho, e para a execuçaõ delle foi nomeado D. Alvaro da Silveira com huma galé, e vinte navios de remo. Elle fez ao Çamorim huma guerra viva por toda a cósta do Malabar, já impedindo-lhe a communicaçaõ dos pórtos, já a entrada dos viveres, depois assolando as povoações, devaçando as campanhas, arrasando os palmares, até que os clamores da fome leváraõ aos ouvidos do Rei o écco dos estragos. Elles lhe fizéraõ impressaõ taõ sensivel, que teve de abater a arrogancia, e pedir a paz, que D. Alvaro se escusou de conceder sem ordem do Governador; mas suspendeo as hostilidades até chegar o Veador da Fazenda, que unido com elle, e presente o Çamorim a celebráraõ com as mesmas condições da do Tratado do Viso-Rei D. Affonso de Noronha.

Era vulg.

D. Alvaro da Silveira para naõ estar ocioso até a vinda do Veador, determinou castigar a Rainha de Olala, que de annos a esta parte se havia levantado com os tributos, que nos pagava. Elle poz as prôas á Cidade de

Man-

Em vida. Mangalor, na cósta de Canará, e entrando-a a pezar da grande resistencia da guarniçaõ, e moradores, lhe mandou pôr o fogo, que tambem abrazou dous riquissimos Pagodes, mais sensiveis os soldados á vingança, que á cubiça. Daqui voltou D. Alvaro para o Malabar, aonde havia chegado o Veador, para se ajustar com o Çamorim a paz, que acabamos de dizer. Com esta vantagem findou na India o anno de 1555, que no Reino foi lastimoso pela falta do estimavel Infante D. Luiz, que no fim delle passou da vida mortal para a eterna.

Justamente o nosso Manoel de Faria, tecendo o elogio deste Principe, lhe chama as Delicias de Portugal, ó Exemplar dos Principes do Mundo nas sciencias, no engenho, na corage, na magnificencia; em ser humano, em ser pio, e finalmente em ser antipato de todo o homem virtuoso. Recopilou o Infante em si, ou elle se fez hum Seminario das virtudes sublimes, que fórmaõ altos os relevos do decóro na Magestade. Sobre todas foi eminente

o amor reverencial, que o impellia a render a El-Rei huma sujeiçaõ profunda. Muitas vezes a fraternidade esquecida da Soberania, intentou refrear estes transportes da humiliaçaõ respeitosa; mas o Infante pedia a seu irmaõ naõ quizesse com a observancia deste preceito privallo da maior delicia da sua alma: preceito, que comprimia o amor para elle deixar de pagar no rendimento muitas dividas, na sujeiçaõ muitas mercês, na reverencia dos cultos grandes honras, sobre tudo de dar na humiliaçaõ muitos exemplos. A sua reputaçaõ no mundo foi taõ grande, como o seu merecimento, este respeitado até dos Barbaros Mauritanos. Ella mesma o levou duas vezes a Castella para tratar com seu cunhado o Imperador Carlos V. os maiores negocios daquelles tempos. Na primeira vez propoz com tanta vivacidade, elegancia, e espirito os meios, que se deviaõ tomar a respeito do Commercio de Portugal, e Hespanha, na idéa dos Francezes franco, e livre nas nossas conquistas, que naõ só obrigou o Imperador

Era vulg.

Era vulg. a tomar parte nos nossos interesses, mas o fez conhecer que Portugal naõ devia seguir as suas partes contra França; porque ao nosso socego convinha naõ termos por inimigo declarado o seu Rei.

Na segunda jornada, quando ardia a guerra mais furiósa entre o mesmo Imperador, e o Rei de França, elle esgotou os termos mais insinuantes da sua Eloquencia persuasiva para o Imperador entrar sem paixaõ no conhecimento, de quanto aquella rotura era perniciosa á Christandade na situaçaõ crítica, em que ella se achava. Transportado do seu catholico zelo, intentou para o mesmo fim passar a França para tocar fórte, e dispôr suave o espirito do seu Monarca a abraçar a paz; mas o Imperador, e El-Rei seu irmaõ, o impedíraõ. A mesma reputaçaõ esteve para o conduzir á India duas vezes, e elle iria, se entaõ naõ houvesse em Portugal Fidalgos benemeritos, que supprindo com as virtudes no sangue o que lhe faltava de Real, naõ fossem dignos de occupar a Praça de hum Infante

fant

fante taõ alto; ou se El-Rei sensivel á ternura tivesse corage para apartar do lado hum Irmaõ sublime. Em fim, o Infante D. Luiz deixou no Senhor D. António, Prior do Crato, hum filho natural, ou legitimo, que adiante será assumpto da nossa Historia na competencia com Filippe II. de Hespanha, quando usurpou Portugal sem forças com as das armas sem justiça.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Continuaõ os successos da India no governo de Francisco Barreto.

1556

FRANCISCO Barreto igualmente zeloso no serviço do Rei, e no amor da reputaçaõ propria, antes que elle se fizesse ao mar na grande Armada, que tinha prevenida para os designios, que meditava, determinou destacar primeiro muitas Esquadras a emprezas differentes, para que os éccos das gentilezas, soando em muitas partes, fizessem huma repercussaõ sonóra ao crédito das nos-

Era vulg. nossas armas na India. Nas ultimas náos, que chegáraõ do Reino, vieraõ vários Jesuitas, entre elles o Padre Gonçalo da Silveira, irmaõ do Conde da Sortelha, que depois morreo Martyr na Cafraria, e outros destinados para o Imperio do Preste Joaõ. Como elles necessitavaõ saber o que passára com este Principe o seu Padre Mestre Gonçalo, que pelo Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas fora mandado áquelle Imperio; conseguíraõ do Governador enviar com dous navios a Joaõ Peyxoto, assim para se informar no Estreito das galéz Turcas, que diziaõ estar promptas em Meca, como para saber em Maçua o destino do Padre Gonçalo.

Ao mesmo tempo o Governador desejoso de metter a Cidade de *Damaõ* no número das nossas conquistas, se quiz aproveitar da menoridade do Rei de Cambaya, e negociar a entrega da Cidade com os seus Generaes, especialmente com Ithimiticaõ, que mandava tudo. Para este fim lhe enviou por Embaixador a Tristaõ de Payva bem instruido, em que fizesse os officios da

negociaçaõ abrindo mais as mãos, que a boca, com mais obras, e menos palavras. Despedido este Ministro, chegáraõ de Ormuz noticias do Rei, que foi de Baçorá, representando a decadencia dos Turcos nesta Praça, que facilmente seria tomada, se o Governador o quizesse soccorrer com huma Armada; promettendo á nossa Coroa o dominio da Fortaleza sobre o mar, e a ametade dos rendimentos da Alfandega da mesma Baçorá. Interesses ao mesmo tempo avultados, e honrosos pareceo ao Conselho da India, que naõ se deviaõ desprezar; e foi eleito D. Alvaro da Silveira, triunfante no Malabar, para que com hum galeaõ, quatro caravellas, e déz fustas, em que embarcáraõ D. Pedro de Menezes, Tristaõ Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, Braz Telles, Jeronymo de Mesquita, e outros Officiaes de valor, fosse á expediçaõ, para que o convidavaõ, e tomasse posse das vantagens, que lhe promettiaõ.

Em vulg.

Na reta-guarda de D. Alvaro partio para o Governo de Malaca D. Joaõ Pe-

Era vulg. reira, filho do segundo Conde da Feira, para subſtituir a falta de D. Antonio de Noronha, que paſſára a melhor vida. E porque os Capitães do Hidalcaõ, depois da retirada de D. Fernando de Monroy, e de D. Antaõ de Noronha das terras cedidas por Meale, faziaõ irrupções contínuas nas de Bardez, e Salcete; o Governador ordenou ao Capitaõ Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, que com déz navios infeſtaſſe toda a cóſta de Goa até *Dabul*. Para a cóſta do Malabar, entaõ pacifica, aonde naõ eraõ neceſſarias mais forças, que as baſtantes para evitar os contrabandos, deſtacou o Capitaõ Miguel Carneiro, irmaõ do Secretario Pedro de Alcaçova, com ſete navios. Hora deixando nós a eſtes Officiaes occupados nas ſuas reſpectivas commiſsões, acompanhemos ao Governador Franciſco Barreto, que com a reſpeitavel Armada de 150 vélas navega para o Nórte.

Elle deſembarcou em Chaul, aonde deo algumas providencias, ſendo a de mais importancia o deſpacho de Sebaſ-

bastiaõ de Sá, que no governo de Çofala, e Moçambique foi succeder a D. Diogo de Sousa da Casa do Prado, depois o General da Armada infeliz, que conduzio a Africa o Rei D. Sebastiaõ. De Chaul veio o Governador a Baçaim, aonde foi recebido com hum apparato soberbo. Entaõ se disse que elle naõ viera a Baçaim com mais destino, que o de fazer ostentaçaõ da sua gloria na Praça, em que era bem conhecido, e tambem se devia dizer bem reputado. D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, que quando soube que Francisco Barreto o era da India, naõ pode conter os transportes da invéja sem romper os termos da moderaçaõ clamando: D. Diogo de Noronha na India, e Francisco Barreto Governador della! Agora informado das negociaçoẽs, que Tristaõ de Payva mettia em obra com os Officiaes de Cambaya, e que Francisco Barreto vinha resoluto a ceder as rendas da Alfandega de Dio em cambio pela Cidade de Damaõ; elle veio em pessoa a Baçaim; e posto na presença do Gover-

Era vulg.

Em vulg. vernador, e Fidalgos, lhes fallou aſ-
ſim;

Vozes ſem ſerem populares publi-
caõ, que a ametade do rendimento da
Alfandega de Dio eſtá para ſer o valor
da troca da Cidade de Damaõ. Que
maior quebra póde ter o ſerviço d'El-
Rei, que tornar o de Cambaya a exer-
citar actos de juriſdicçaõ na Ilha de Dio?
Se Damaõ he Praça neceſſaria ao Eſ-
tado da India, conquiſtem-a as armas,
naõ ſe compre com injúria. Que occa-
ſiaõ mais opportuna para eſta conquiſ-
ta? O noſſo poder he grande; os Go-
vernadores de Cambaya eſtaõ mettidos
em deſordem; no Reino tudo he con-
fuſaõ; que póde cuſtar arrancar-lhes do
poder huma Praça? Se preſumís que
fallo arrogante, no eſtado em que eu ſei
eſtaõ as couſas de Cambaya, entregai-
me dous mil homens, que eu vou ba-
ter, e entrar pelas pórtas da Corte de
Amadabá. Além diſto, ſe agora naõ
quereis, ou vos parece que naõ podeis
tomar Damaõ, reſervai o projecto pa-
ra outra conjunctura, ſem ſacrificar
Dio. Toda a Aſſembléa approvou o diſ-
cur-

curso de D. Diogo, e ficou determinado que para credito da Armada tão importante se emprehendesse a conquista das Fortalezas de Assari, e Manorá no destricto de Damaõ, para aperto desta Praça, e maior segurança da de Baçaim.

Era vulg.

Em quanto o Governador se demora nesta Cidade para a execuçaõ dos projectos determinados no Conselho, e outros maiores, que logo seraõ assumpto da Historia; supposndo já inuteis os officios do Embaixador Tristaõ de Payva com os Generaes de Cambaya, vamos a ouvir o que executáraõ os nossos nas expedições differentes, a que os destacára Francisco Barreto, antes de partir para o Norte.

Ainda elle estava no porto de Goa, quando o bravo Miguel Rodrigues Fios Seccos assolava os do Hidalcaõ por toda a cósta até Dabul. Nos navios, nas fazendas, nas vidas era igual o estrago. Lagos de sangue nos Póvos, chammas nos estalleiros, incendios nos palmares representavaõ huns espectaculos taõ gratos á vingança, quanto indigestos á huma-

Era vulg. manidade. Naõ havendo mais que fazer nas paragens marcadas no Regimento, o Chéfe foi pairar na barra de Dabul. Aqui teve elle o encontro com huma náo alterosa do Hidalcaõ, que vinha de Meca importantissima com a guarniçaõ de 200 Mouros. Durou horas o vistoso combate antes da abordagem. Nesta foi o furor dobrado, da parte dos Mouros taõ vivo, que todos se deixáraõ matar desesperados. El-Rei tirou á sua parte o valor de 30ф000 cruzados; a náo servio para engrossar a Armada, e tantos estragos de incentivo para mais atiçar a cólera na dura guerra, que nos mandou fazer nas terras firmes de Bardez, e Salcete, o escandalisado Hidalcaõ.

D. Alvaro da Silveira na expediçaõ de Baçorá nada obrou, que se parecesse com o que antes executára no Malabar. Elle foi a Ormuz engrossar a Armada com mais seis navios, e a tratar com muitas grossarias, e desattençôes públicas o civil Governador Bernardim de Sousa, ainda lembrado de huns ciumes, que elle lhe déra em Goa

nos

nos pontos delicados de amor; paixaõ fragil, que penetra peitos armados de ferro. De Ormuz navegou D. Alvaro para Baçorá, pairando da Fortaleza de Reixel pertencente á Persia, até a embocadura do rio Eufrates, que lhe fica visinha, para esperar aviso do Rei, que fora de Baçorá, e dos Gizares seus Alliados, que haviaõ ter regulado o plano da expediçaõ. Aqui foi a sua Fróta assaltada de huma tempestade taõ furiosa, que naõ a podendo levar sobre ferro, os navios atoados, alagados, destroçados foraõ parar a Ormuz, aonde o Chéfe picado naõ quiz desembarçar com sentimento novo de Bernardim de Sousa, admirado de que o fogo do zelo em D. Alvaro naõ o podesse extinguir a congregaçaõ de tantas aguas contra elle conjuradas. Em Mascate esperou D. Alvaro a monçaõ de voltar para a India, na Armada sem perda, da expediçaõ sem gloria. Eu volg.

Pelo contrario Joaõ Peyxoto com os seus dous navios, elle pôz em suspensaõ ambas as margens do estreito do mar Roxo. Para desempenhar os

brios

Em vulg. brios do ſeu apellido illuſtre, determinou ſupprir com o valor a falta das forças. Fazendo na boca do meſmo eſtreito algumas prezas, ſoube das ſuas tripulações que nelle naõ havia mais galéz, que as de Cafur varadas em Meca. Com eſta noticia imaginando-ſe ſenhor daquelles mares, atraveſſou toda a cóſta da Abaſſia, até haver viſta da Ilha de Çuaquem. O ſeu coraçaõ intrépido determinou fazer nella huma irrupçaõ nocturna, que ficaſſe em memoria naquellas Regiões. A favor das ſombras elle póſta em terra o ſeu pouco mundo, e ſem ſer ſentido endireita a marcha aos Paços do Rei, que ficavaõ ſobre o mar. Ajudando a fortuna a temeridade, elle entra, e vai dar na cama com o deſcuidado Principe, que nella ficou deſcabeçado. Quaſi toda a familia teve igual deſtino, e ſaqueado o Palacio, com riquiſſimos deſpojos recolheo a gente nas náos, ſem a perda de hum ſó homem.

Os ſoldados mais animados com hum tal ſucceſſo, invitáraõ o ſeu Chéfe, para que a todos os lugares da cóſta

ta até Arquico fosse dando o mesmo tratamento, que Çuaquem acabava de receber. Assim o executou elle com confiança incrivel; faltando já o vaõ nos navios para recolher despojos; as forças já lassas para derramarem sangue. Daquelle porto da Abassia avisou Joaõ Peyxoto ao Padre Mestre Gonçalo se recolhesse a bórdo para voltar á India. Elle o fez com permissaõ do Imperador, que escreveo a El-Rei de Portugal, e ao Governador da India, agradecendo-lhes o zelo, que mostravaõ na salvaçaõ dos seus vassallos, que tanto promoviaõ, conseguindo do Papa, que para o seu Imperio criasse hum Patriarca, nomeasse Bispos, e o enchesse de Operarios Evangelicos. Mas em abjurar os erros, e mudar de costumes o astuto Principe naõ fallava huma só palavra. Silencio, que os Padres em Goa interpretáraõ ao Governador, assegurando-lhe que o Imperador Claudio naõ mudaria de sentimentos; que os desejos piedosos do Rei de Portugal, tantas despezas, tantas diligencias, tantas viagens repetidas a Abyssi-

Era vulg.

Era vulg. ſinia, nada correſponderia ás ſuas intenções, tudo ſeria trabalho perdido.

CAPITULO VII.

Por occaſiaõ das náos do Reino, que eſte anno chegáraõ a Goa, ſe trataõ das novas ordens d'El-Rei a reſpeito dos negocios da Ethiopia, e como foraõ executadas pelo Governador da India.

NA figura, que eu acabo de eſcrever, eſtavaõ os negocios eſpirituaes do Imperio da Abyſſinia, quando chegáraõ a Goa as cinco náos, que eſte anno ſahíraõ do Reino. Ellas vinhaõ commandadas por D. Joaõ de Menezes de Siqueira, que trazia ás ſuas ordens os Capitães Jorge de Brito, Pedro de Goes, Martim Affonſo de Souſa, o que depois foi Governador de Angola, e Antonio Fernandes, que trouxe no ſeu bórdo a D. Antonio de Noronha, o Catarraz, que em outra viagem arribára ao Reino taõ pobre, que foi pe-

pedir paõ, e casa ao Convento de Saõ Francisco. Agora informado El-Rei, de que este retiro de D. Antonio ao Claustro, era fome, e naõ vocaçaõ; altenaria do espirito por se naõ sujeitar á dependencia dos parentes, naõ humildade da alma para a abater aos repellões da pobreza; El-Rei o mandou vir ao Paço, fallou-lhe com muito agrado, que foi a primeira mercê; fez-lhe outras muitas, que pozeraõ a necessidade em esquecimento, e o despachou com o governo de Dio para succeder nelle a D. Diogo de Noronha.

Era vulg.

Vieraõ nestas náos destinados para o Imperio do Preste o segundo Patriarca D. Joaõ Nunes Barreto, Jesuita, e Successor de D. Joaõ Bermudes, alguns Bispos, e com o caracter de Embaixador, para os acompanhar, Fernaõ de Sousa de Castello-Branco, que trazia Provisões Reaes para o Governador da India lhe fornecer huma Armada com 500 homens de guarniçaõ para a viagem de Maçuá. Com igual aperto, e precisaõ vinhaõ tambem ordens ao mesmo

Era vulg. mo Governador para mandar logo examinar todos os pórtos da Ilha de Saõ Lourenço, com o designio de descobrir noticias das numerosas tripulações de duas náos, que no anno de 1553 naufragáraõ naquellas cóstas voltando para o Reino; que nellas se buscasse sitio accommodado para a fabrica de huma Fortaleza; que se celebrassem Tratados de paz com os Dominantes do Paiz, e que lhes sondassem o fundo dos espiritos para se vêr se eraõ capazes de serem instruidos nos Dogmas da Lei Santa; duas expedições recommendadas, que subprendêraõ a Francisco Barreto pela diminuiçaõ, que causavaõ nas forças da India, quando elle preferia a todas as idéas a da conquista de Damaõ, em que o deixamos empenhado.

Com effeito, nem a exactidaõ, que requeria a observancia destas ordens, nem o indispensavel cuidado de apromptar as importantes cargas para outras cinco náos, que haviaõ voltar a Lisboa, impedíraõ ao Governador a viagem do Nórte. As náos com execuçaõ ligeira recebêraõ a carga, soltáraõ panno,

no, e elle se apressou sem demora para tambem se fazer á véla. Mas os Jesuitas transportados da impaciencia, que lhes era natural, quando lhes encontravaõ os designios, como se o Padre Mestre Gonçalo, acabado de chegar da Abyssinia, naõ houvesse dado ao Governador informações contrarias, bem capazes de derrotar as intenções d'El-Rei sobre os progressos da Religiaõ naquelles Estados; estes homens feitos em hum corpo instavaõ, persuadiaõ, clamavaõ ao Governador que sem perda de tempo mandasse preparar a Armada, alistasse a gente, executasse á risca as ordens d'El-Rei para o Patriarca, os Bispos, e o Embaixador navegarem ao porto de Maçuá, sob pena de ser responsavel a Deos, e ao Rei dos prejuizos, que a demora causasse ás Christandades recem-estabelecidas na Ethiopia.

Era vulg.

Sem se mover ao tom féro desta representaçaõ, o Governador propunha aos Padres, naõ só a impossibilidade do Estado separar de si na situaçaõ crítica de tantas guerras hum corpo taõ

con-

Era vulg. consideravel de homens, e navios; mas lhe chamava por authoria ao Padre Mestre Gonçalo, e aos seus companheiros para na sua face lhes fazer a mesma relaçaõ, que elles lhe representáraõ, quando vieraõ da Ethiopia, a respeito do que lhes havia succedido com o Imperador; e que era huma demencia pelas vantagens da Religiaõ duvidosas arriscar os interesses certos do Estado. Esta repulsa foi novo estimulo para furor novo, que se encostou ao lado da Nobreza da India para lhe communicar a mesma ardencia. O Governador atacado pelos Fidalgos, resolveo prudente que elle naõ duvidava na jornada; mas que se satisfizessem os Padres, com que elle lhes preparasse huma Armada com o número de gente confórme ao tempo: que o Embaixador suspendesse a sua; e que em seu lugar iria Fernaõ Martins Freire até Arquico, aonde deitaria em terra o Patriarca, e Bispos, e lhes daria 60 soldados para os acompanharem até a Corte do Imperador.

Esta resoluçaõ fez que o Patriarca,

ca, e o Embaixador Fernaõ de Sousa rompessem as medidas da moderaçaõ; este teimoso, em que havia ir, aquelle tenaz, em que naõ sahiria de Goa sem o apparato, que El-Rei determinava. Ainda mais accezo o Padre Provincial Gonçalo da Silveira, elle se embarcou para Cochim; sem mais vêr, nem fallar ao Governador, que se oppunha audaz ás idéas da sua Sociedade. Justamente temeroso da formidavel potencia Jesuitica na Época da sua maior authoridade, o Governador daqui em diante nada mais quiz obrar, que parecesse deliberaçaõ privativamente sua. Elle chamou a Conselho os Fidalgos de grande nome, os sabios mais illuminados, e sobmettendo a extollencia do espirito, deixando só fallar a ingenuidade sem affectaçaõ, nem ornatos, lhes propoz a figura, em que o Estado se achava; os informes, que da Ethiopia acabára de dar o Padre Mestre Gonçalo; os aprestos com que El-Rei dispunha a viagem do Patriarca, e dos Bispos; o modo da expediçaõ á Ilha de S. Lourenço, que recommendava; e

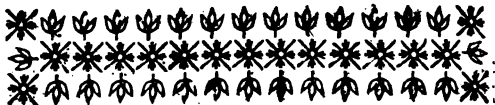
Era vulg.

Era vulg. que sobre tudo elles deliberassem como bem lhes parecesse.

Pezados huns pontos taõ circunspectos, unanimemente foi determinado que as Christandades da Ethiopia se naõ desamparassem, nem fizesse maior especie a tenacidade do Imperador, que podia ser tocado pela maõ fórte, que he capaz de fazer das pedras filhos de Abrahaõ. Que por hora só passasse aos Estados do Imperador o Bispo D. André de Oviedo com alguns Jesuítas para confortarem os Christãos, e examinarem as disposições da Corte, que se deviaõ saber para entaõ se determinar a viagem do Patriarca. Que pelo que respeitava á Ilha de S. Lourenço, fosse á diligencia recommendada de descobrir noticia da gente das náos perdidas poucas embarcações, reservando para tempo mais opportuno os ajustes da paz, e a fundaçaõ da Fortaleza, que El-Rei determinava.

Coberta a cabeça do Governador com o escudo deste conselho no dia da guerra, que lhe faziaõ os Jesuitas; elle mandou aprestar quatro navios, de

que

que deo o commandamento ao Capitaõ Manoel Travaços: delineou huma imagem de Embaixador em Gaspar Nunes, que estivera na Abyssinia com D. Christovaõ da Gama; e embarcado o Bispo com os seus Padres, os fez navegar para Arquico. Ao mesmo tempo despedio para a Ilha de S. Lourenço a Balthasar Lobo de Sousa com huma caravella, duas fustas de remo, e ordem, para que em todos os seus mares, recostos, enseadas, e golfos inquirisse as noticias, que nas ordens do Rei lhe eraõ recommendadas. Nós deixaremos estes Chéfes navegando para os lugares dos seus destinos, e no Livro seguinte nos iremos encontrar com o Governador Francisco Barreto, que deixamos em Baçaim, se mudado da empreza de Damaõ, entretido em novos projectos, que lhe offerecêraõ as conjuncturas.

Era vulg.

LIVRO LII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Do que obrou o Governador Francisco Barreto em Baçaim sobre Cambaya, e a respeito da Embaixada, que lhe mandou o Rei de Cinde.

Era vulg. 1556

DEPOIS que o Conselho da India approvou em Baçaim o parecer de D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, e se suspendeo o intento de trocar pela Cidade de Damaõ o rendimento da sua Alfandega, que no anno antecedente passára muito além de 150000 cruzados: o mesmo Conselho determinou, que para segurança de Baçaim, e aperto da Praça de Damaõ, as nossas armas se empregassem na conquista das duas importantes Fortalezas de Assari, e Manorá, como fica dito.

Fran-

Francisco Barreto, que havia dispôr os meios para estas emprezas, e dar a ellas principio pela de Assari, que ficava quatro legoas pela terra dentro em igual distancia entre Damaõ, e Baçaim, plantada no cume de huma montanha horrivel, em todo semelhante á de Damá na Abyssinia, que nós mostramos escalada por D. Christovaõ da Gama; a Praça igualmente fórte pela natureza, e pela arte. O Governador antes de dar uso ás armas, tentou os meios da negociaçaõ com o seu Commandante Condixá, que foi mandado sondar pelo Mouro Coge Mahamede nosso conhecido do tempo de Nuno da Cunha, e que naõ fez entaõ pequena figura na entrega de Baçaim.

Era vulg.

Com facilidade conseguio o Coge do avarento, e infiel Condixá a entrega de Assari por meio do donativo de seis mil pardáos, e da permissaõ de vir passar o resto da vida em Baçaim entre os Portuguezes. Com iguaes indústrias quiz o Coge fazer-nos serviço semelhante em Manorá; mas no Turco Agader, seu Governador, encontrou a resolu-

çaõ

Era vulg. çaõ honrada de preferir a fidelidade devida ao seu Soberano a todos os outros interesses. Á vista da diversidade dos fins das duas negociações, se tomou a resoluçaõ, de que presidiada Assari, e bem guarnecida a sua montanha, Manorá se levasse á escala por hum corpo de seiscentos homens. O Governador encarregou ambas as expedições ao valor provado de Antonio Moniz Barreto, que guarneceo a serra, e Fortaleza de Assari com sessenta Portuguezes, e 200 homens da terra, que segurassem aos moradores na cultura dos campos, sem mais differença, que a de pagarem á Coroa de Portugal as mesmas gabelas, que ântes satisfaziaõ ao Rei de Cambaya.

Para a tomada de Manorá, que se entendia arriscada, marchou por terra o mesmo Antonio Moniz na tésta de 600 homens, e com déz navios D. Antaõ de Norônha para lhe cobrir a marcha pelas margens do rio. Sem resistencia foraõ os Portuguezes talando a campanha até Manorá, que acháraõ abandonada, mais fiel o Turco Comman-

dan-

dante em palavras, que façanhoso nas obras. Depois da Praça presidiada, appareceo elle no campo com gêstos bisarros; mas atacado, em ligeiras escaramuças, tudo nos deixou á discriçaõ. Conseguidas com tanta facilidade estas consideraveis vantagens, o Governador se applicou a ouvir os Officios dos Embaixadores do Rei do Cinde, chamado por corrupçaõ Rei de Dulcinde, que tinha os seus Estados na visinhança da nossa Cidade de Dio.

Em vulg.

Este Principe opprimido por hum Tyranno poderoso, que se havia levantado contra elle, pedia a Francisco Barreto o soccorresse com parte da Armada, obrigando-se elle a satisfazer todos os gastos da guerra, e de dar aos Portuguezes grandes vantagens no commercio do seu Reino. O Governador ouvidos os votos, que se conformáraõ com os intentos do Rei, lhe mandou a Pedro Barreto Rolim com vinte e oito navios, e 700 homens de desembarque, a maior parte offerecidos, especialmente do corpo da Nobreza, que quiz ir buscar no Cinde as occasiões

de

Era vulg. de honra, que naõ encontrára na imaginada conquista de Damaõ. Corria o mez de Dezembro, quando Pedro Barreto sahio de Baçaim á empreza, de que hia encarregado, e ainda que os acontecimentos da sua commissaõ todos pertencem ao anno de 1557, ultimo da vida d'El-Rei D. Joaõ III., nós os referiremos neste lugar.

Pedro Barreto depois de passar em Dio a Festa do Natal, navegou á barra do Cinde, que se chama de Cambaya, e sobindo o rio 30 legoas foi dar á Cidade de Tatá, aonde estava hum filho do Rei, que se havia entranhado no coraçaõ do Reino, em busca do seu inimigo. Alli esteve detida a nossa Esquadra, até Fevereiro, sem se receberem avisos do que havia obrar; porque o Rei se tinha ajustado com o Tyranno, e naõ cuidava em mais, que entreter os Portuguezes, naõ querendo dar-se por entendido ao cumprimento das promessas, que lhes fizera, e porque elles instavaõ ao Principe, seu filho, em Tatá. O Barreto dissimulava, até que o soffrimento se fez escandaloso

so á impaciencia dos soldados, que pediaõ o despique do engano, e queriaõ recolher nos despojos o resarcimento das despezas da guerra promettidas, e naõ satisfeitas. Resolveo-se a destruiçaõ de Tatá, huma das Cidades mais populosas, e mais ricas de toda a India, que soffreo o furor derramado de Portuguezes offendidos. O primeiro estrago lastimoso foi o de 200 homens de cavallo, que se refugiáraõ em huma grande Mesquita, aonde sem poderem sahir, todos foraõ abrazados por huma innundaçaõ de panellas de polvora, com que os nossos mudáraõ a casa de oraçaõ dos Barbaros no seu primeiro Inferno.

Logo atropellada a mais dura resistencia, os Portuguezes entráraõ pela Cidade com cólera taõ indistincta, que nem os animaes tiveraõ quartel. Sem elles perderem hum homem, degolláraõ mais de oito mil. A Armada foi carregada só do que era preciso: o mais, que importava thesouros, ardeo com a Cidade em incendio voraz para lástima das idades futuras. Embarcada

Era vulg. a trópa, e vindo rio abaixo, ambas as margens das trinta legoas do famoso Indo sentíraõ estragos semelhantes ao de Tatá. Mas porque em muitas passagens as ribanceiras ficavaõ muito eminentes aos navios, que recebiaõ algum damno dos muitos tiros, que sobre elles disparavaõ, Pedro Barreto formou em terra dous esquadrões, que pelas margens do rio fossem affastando os inimigos, augmentando as assolações, acompanhando a Armada, e nesta fórma chegáraõ á Fortaleza da barra, que arrazáraõ até aos fundamentos, naõ deixando em jornada taõ longa mais que vestigios de hum furor barbaro.

Já o Governador havia partido de Baçaim para Goa a suspender os progressos da guerra, que o Hidalcaõ fazia nas nossas terras firmes, quando Pedro Barreto se occupava na expediçaõ referida. Mas naquella Cidade lhe deixou ordem, para que em chegando naõ perdesse instantes de tempo, e partisse para a Cidade de Dabul pertencente ao mesmo Hidalcaõ, á qual, e por toda a cósta faria a guerra mais crua, que lhe

lhe fosse possivel. O Barreto sahindo do porto de Cinde, se recolhia ao de Baçaim triunfante, e rico com fortuna, que nesta viagem se lhe mostrou jornaleira. Antes de chegar a Dio huma tempestade furiosa vingou tantas mórtes, e tantas pilhagens, que elle acabava de fazer deshumano. Elle foi obrigado a alijar ao mar os despojos preciosos dos muitos lugares mettidos a saco; elle chegou aos termos ultimos de se perder com toda a Armada; elle ferrou destroçado o porto de Chaul, e aqui se lhe communicáraõ as ordens do Governador para a expediçaõ de Dabul, aonde se havia incorporar com os navios de Antonio Pereira Brandaõ, que o esperava para a execuçaõ das mesmas ordens.

Era vulg.

Ella nos dous Chéfes foi taõ prompta, e taõ confórme, que o Governador antes sentiria os excessos, que a falta. A effusaõ de sangue, a importancia dos despojos, o horror do incendio foi em Dabul outro espectaculo igual ao de Tatá. Antonio Pereira Brandaõ, que levava a vã-guarda, depois de degol-

Era vulg. gollar muitos soldados da guarniçaõ, e de pôr o resto em fugida, que buscava a salvaçaõ nos montes, deixou o passo franco ás trópas, que nas escaladas sequiosas de sangue com a natureza do fogo, que a nenhuma materia diz, que basta; ellas entráraõ pelas ruas, e pelas casas, aonde naõ achando mais, que as mulheres, e os mininos, sem piedade os esmagavaõ contra as paredes. Perseguindo os fugitivos, em quanto Dabul se abrazava, subíraõ a arrazar no alto de huma montanha hum Pagode famoso, para que elles se naõ servissem deste refugio. Recolhida a preza, o Brandaõ com os seus navios continuou os estragos rio a cima, e o Barreto se recolheo a Goa para receber, nos applausos do Povo, e nas honras do Governador, o premio antes das execuções cruéis, que das façanhas brilhantes.

Como as noticias, que Francisco Barreto recebeo em Baçaim dos movimentos, que fazia o Hidalcaõ para reconquistar as terras do Concaõ, de Bardez, e Salcete, o obrigáraõ a sahir com pre-

precipitaçaõ daquella Praça: Elle antes de entrar na de Goa, deo hum gyro pelos mares da circunferencia da Ilha: despachou a D. Pedro de Menezes para a Fortaleza de Rachol: fortificou, e proveo com as melhores trópas todos os passos, deixando para a sua defensa hum reforço dos seus melhores navios. O Hidalcaõ já antes escandalisado, agora com as novas da assolaçaõ de Dabul mettido em cólera, chama os seus Officiaes, e lhes diz: A insolencia dos Portuguezes sobre os meus Estados he já intoleravel. Vós como vassallos fiéis deveis empenhar os ultimos alentos da alma, tanto pela minha segurança, como pela minha honra. Estais instruidos, em que eu lhe cedi Bardez, e Salcete com a condiçaõ de mandarem a Meale para Portugal. Os Governadores da India de tudo zombáraõ; tomáraõ posse das terras, e nada cumpriraõ. Agora o mesmo Meale com doaçaõ mais ampla lhes avançou o Dominio, e arrogancia; o primeiro com o Concaõ, a segunda Dabul no-la aponta com o dedo. Pois que mais temos, que esperar?

Era vulg.

Vin-

Era vulg. Vingar, ou morrer, vencer, ou viver escravos. Este discurso resolveo a guerra, que será o assumpto de hum dos Capitulos seguintes.

CAPITULO II.

Successos de Portugal, e Africa no fim do anno de 1556, e os do anno de 1557.

El-Rei D. Joaõ III. pacifico, reputado, e poderoso applicava os expedientes da sua bondade natural em honrar os vassallos dignos, e em lhes impedir as occasiões de controversias. Como os espiritos Portuguezes nunca dissimuláraõ a sua ambiçaõ pelas vantagens honrosas, mal soffriaõ huns as que entendiaõ ser possuidas pelos outros. Esta emulaçaõ mais mettida em uso pela Nobreza da Corte, que toda pretendia as regalias da primeira classe, e até a que a ella realmente pertencia, se esforçava para sustentar as precedencias nos actos públicos; obrigou El-Rei a temperar com resoluções effectivas a origem das des-

desordens. Para isso decretou, que todas as pessoas, ás quaes des de entaõ désse os titulos de Condes, ellas se precedessem segundo a antiguidade dos mesmos Titulos, e que nenhuma lograsse de Assentamento mais de 102$864 réis, ainda que elle as nomeasse parentes, ou pretendessem sello: expediente saudavel, que poz silencio a todas as pretençóes, mais rendidos os vassallos á obediencia, que ao capricho.

Era vulgi

Muitos delles serviaõ entaõ officiosos ao seu Monarca; e porque entre muitos apenas se achará algum, que aos seus Principes os fizessem mais, e maiores, que Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Mórgado de Caparica, do Conselho de Estado, aos Reis D. Joaõ III., e a seu neto D. Sebastiaõ; sendo taõ distinctos os que elle exercitava por estes tempos, naõ he justo deixar de fazer lembrança deste Fidalgo na minha Historia. Na flôr da sua idade Lourenço Pires militou em Africa com tanto valor, que rubricou as proezas com o seu sangue illustre, e foi captivo dos Mouros. Na jornada de

Tu-

Era vulg. Tunes acompanhou ao Infante D. Luiz, e navegou á India com huma Esquadra, de que era Commandante. Chegado a Cochim, e sabendo do segundo sitio de Dio, fretou huma pequena embarcaçaõ, que rompendo os mares grossos levasse na sua pessoa hum soccorro importante á Fortaleza. Em toda a duraçaõ do sitio se portou com valor intrépido, e na batalha, sem já mais se separar do lado do grande D. Joaõ de Castro, mereceo que este Chéfe confessasse ingenuo, como Lourenço Pires fora o primeiro, que subíra o muro dos Inimigos, e elle o segundo.

O mesmo Fidalgo foi Embaixador a Alemanha ao Imperador Carlos V., e depois a Castella. Com elle tratou negocios da maior importancia, entre outros o casamento do Principe D. Joaõ, com sua filha, a Princeza D. Joanna, que elle conduzio a Portugal. Com o mesmo caracter foi a Inglaterra tratar, ainda que sem effeito, o matrimonio do Infante D. Luiz com a Rainha Maria, filha de Henrique VIII., que veio a ser Esposa de Filippe II., Rei de Cas-

tel-

tella. Negocio taõ delicado, tanto do empenho dos Principes desta Monarquia; como era o casamento, que elles pretendiaõ fazer da Infante D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel, e de sua terceira mulher a Rainha D. Leonor. Negocio taõ pouco vantajoso a Portugal, a prudencia, e dexteridade de Lourenço Pires de Tavora, que foi mandado Embaixador a Castella, o divertio, naõ só sem rotura, mas com satisfaçaõ dos Principes interessados. He memoravel o desembaraço, que elle teve com o Imperador em huma das conferencias sobre esta negociaçaõ critica. Resentio-se a Magestade de Carlos das interlocutorias Portuguezas, e tomado hum pouco da cólera, disse enfadado ao Embaixador: Que elle sabia muito bem quantos rios, e quantas pontes havia em Portugal.

Era vulg.

Com todo o socego do seu espirito, e intrepidez do coraçaõ, sem demora, sem pensar, lhe respondeo Lourenço Pires de Tavora: Tem os mesmos, que tinha hoje, faz tantos annos, tantos mezes, è tantos dias: que eraõ

Era vulg. precisamente os que haviaõ corrido do dia da batalha de Aljubarrota até entaõ. Depois da mórte d'El-Rei D. Joaõ III. ainda Lourenço Pires servio a seu neto D. Sebastiaõ com o mesmo zelo do anno de 1557 até o de 1573, em que falleceo com 63 de idade. Naquelle transcurso foi por Embaixador a Roma aos Papas Paulo IV., e Pio IV., a este taõ acceito, que lhe deo hospedagem no proprio Palacio para commodamente tratar com frequencia hum Politico taõ consummado. Quando no anno de 1563 se temeo, que o Xerife com todo o seu poder queria sitiar a Cidade de Tangere, o Governo o nomeou seu Governador, e Capitaõ General; Varaõ benemerito, e *illuminado*, que entaõ mostrou como nelle disputavaõ precedencias os talentos militares, e as delicadezas politicas.

Por estes mesmos tempos era célebre em Portugal o nome de Pedro Galego, natural de Viana do Minho. Este alentado homem era Mestre de jogar a espada: exercicio, em que instruio com destreza os Moços mais robustos

da

da sua Patria. Depois de os considerar capazes para as emprezas de valor, elle os ajunta, e lhes diz: Que era hum descredito da sua corage estarem acantonados em Viana, sem fazerem figura no mundo: que os homens desfavorecidos da fortuna no nascimento, se deviaõ dar a conhecer pelas obras: que os convidava para sahirem a buscar pelas mãos as distinções, que lhes negára a natureza; que a todos unidos naõ era difficultoso esquiparem huma embarcaçaõ, em que andassem a corso pelas costas de Hespanha, aonde lhes naõ faltariaõ occasiões honrosas para se assignalarem pelas armas. Menos razões bastavaõ para se deixarem convencer as mocidades ordinariamente presumidas de façanhosas. Trinta Esgrimidores com o seu Mestre compráraõ huma caravella com quatro peças; fornecêraõna de viveres; ajustáraõ os marinheiros, e sem que parentes, e amigos nada soubessem, huma noite se fazem ao mar.

Era vulg.

Andadas poucas legoas tiveraõ elles o primeiro desejado encontro com hum

Era vulg. navio de Mouros, que atacáraõ com valor, rendêraõ com bisarria, matando treze, captivando outros, de que se servíraõ para a manobra de ambas as embarcações, com que se fizeraõ na volta do Algarve. Em hum dos seus pórtos vendêraõ a caravella para fortificarem melhor o navio, e recebidos a bórdo quinze voluntarios Algaravios dos seus mesmos humores, sahíraõ a continuar as aventuras. Dentro, e fóra do Estreito de Gibraltar tivéraõ vários encóntros com Mouros, e Turcos, que sobre triunfantes os fizeraõ ricos. Soberbos com o cabedal, e as victorias, entráraõ em Cadiz, aonde entaõ se achava o famoso General Pedro Navarro com a Armada Real de *Castella*, á qual Pedro Galego naõ quiz abater a bandeira, como devia. O General suppondo ignorancia militar a imprudente bisarria, repetio muitos recados para o Galego cumprir os seus deveres; mas elle fez que naõ os entendia. O General estimulado partio na mesma galé Capitania á castigar o louco atrevimento. O Galego levou ferro, soltou o pan-

panno, esperou a galé, e quando a teve a tiro a servio com huma banda de artilharia, que lhe encheo o convéz de mórtos, e feridos, entrando no número destes o mesmo General Navarro. Em vulg.

O Chéfe prudente á vista deste desatino portuguez, mandou virar de bórdo, e se recolheo a Cadiz. Pedro Galego, e os seus camaradas soltando todo o panno, em pouco tempo se pozéraõ a perder de vista, e se recolhêraõ a Viana com presumpçaõ de honrados, e realidade de ricos. Queixou-se a Corte de Castella á de Portugal, pedindo satisfaçaõ da injúria, mas ella se revestia de taes circunstancias, que El-Rei com apparencias de a castigar a remunerava. Em Portugal, e Hespanha ficou célebre o nome de Pedro Galego: condiçaõ admiravél das acçõez de valor naõ vulgares, que até aquelles, que ou apoucados, ou invejosos lhes buscaõ os defeitos, sejaõ manifestos, ou occultos, para as deprimirem, esses mesmos desejariaõ ser os authores dellas.

Quan-

Depois de J.C. 1557

Quando tantas obras gloriosas, tanta reputaçaõ em todo o mundo, parecia que firmavaõ á Coroa Portugueza huma consistencia perduravel, os juizos insondaveis da Providencia já hiaõ preparando em Africa os instrumentos, que em hum só dia lhe haviaõ sepultar as glorias de tantos seculos. Nós deixamos ao Menor Xerife aleivosamente triunfante de seu irmaõ o Xerife Maior em Tafilete, aonde o fez prisioneiro, e degollou tres dos seus filhos. Nós o vimos pouco depois com a mesma aleivosia vencedor do alentado Buhazon, que ficou morto no campo ás mãos de hum trahidor: morte, victoria, e triunfo, que segurou ao Xerife na posse dos Estados, que usurpára por meio do fanatismo. Este monstro já avançado na idade de mais de 80 annos, que podia passar tranquillo, usando das máximas da mesma hypocrisia, affectou dous annos de pacifico, quando no seu interior forjava idéas de vingança sobre os moradores de Montes Claros, que a favor de Zala Arraez, e de Buhazon, se haviaõ opposto aos seus designios na guerra passada;

Con-

Era vulg.

Contra aquelles Póvos marchava furioso o Xerife; mas encontrou antes das execuções huma mórte atreiçoada, como elle dera muitas; porque estavaõ cheias as medidas das atrocidades do Barbaro, na ordem dos Decretos Divinos. Para nos instruirmos na origem da merecida mórte deste Xerife, havemos saber que depois da de Zala Arraez, succedeo no governo de Argel o Mouro Hazem, filho do célebre Barbaroxa, que teve particular recommendaçaõ do Graõ-Turco para continuar na vingança contra o Xerife, ainda picado deste lhe faltar ao respeito, quando intercedeo pela liberdade do Rei de Féz. O conductor desta commissaõ do Turco foi hum dos seus Baxás; e Hazem para fazer á Corte de Constantinopla hum serviço completo, fingindo-se queixoso do mesmo Baxá, que se arrogava a authoridade de Bei de Argel, veio a Marrocos, e se offereceo ao Xerife para o acompanhar com os seus Turcos na expediçaõ de Montes Claros. Chegados á povoaçaõ de Guer situada nas faldas dos mesmos montes,

Ha-

Pra vulg. Hazem entrando na tenda do Xerife, como quem hia a fallar-lhe, o matou ás punhaladas, roubou-lhe o campo, e fugio com os seus Turcos para se pôr em cobro no cabo de Aguer, aonde entendeo achar navios para Hespanha; mas naõ os encontrando se refugiou em Tarudante.

Este foi o fim desastrado do memoravel Xerife o Menor na idade de 85 annos. Seu filho Muley Abel apenas soube da mórte, sahio de Marrocos em busca dos trahidores, que alcançou em Tremecem. Os Turcos se defendêraõ como desesperados, e todos morrêraõ furiosos deixando o seu sangue bem vingado. Faltava para remate de tantos catastrofes o do Xerife Maior, que com mais de 90 annos estava prezo em Marrocos, e sete filhos, e netos seus. Muley Abel, quando marchou á expediçaõ referida, encarregou a guarda destes prezos ao Alcaide Ali Benbucar, que para se livrar de cuidados a todos oito cortou as cabeças: golpe, que igualou na mórte aos Xerifes, que tiveraõ tanta igualdade de costumes na vida.

da. Sobrevivêraõ ao Menor Xerife cinco filhos de duas mulheres. Muley Abdalá, ultimo do primeiro matrimonio, lhe succedeo agora: Muley Maluco, que nasceo do segundo, reinou depois, e acabou de reinar com El-Rei D. Sebastiaõ no mesmo dia, em que ambos morrêraõ na batalha fatal de Alcacere; Maluco com mórte verdadeira, a de D. Sebastiaõ duvidósa entaõ, pelos desejosos da sua vida appetecida, até agora indiscretamente disputada.

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se da guerra do Hidalcaõ nas terras firmes de Bardez, e Salcete, e de outros successos da India neste anno de 1557.

O HIDALCAÕ que nós deixamos depois da ruina de Dabul persuadindo aos seus vassallos naõ tanto a guerra, quanto a vingança contra os Portuguezes de Goa; para a romper ajuntou hum Exercito de 20000 homens, que encarregou ao commandamento do seu Gene-

Era vulg. neral Nazer Maluco para marchar a Pondá, em quanto Maratecaõ, Governador do Concaõ, invadia com outro corpo as terras de Bardez, e Salcete. Francisco Barreto bem advertido, de que se elle se conduzisse com lentidaõ nesta conjunctura, todo o Inverno estaria á face com os inimigos, e Goa em hum rebate contínuo; elle se resolve a ir em pessoa combatellos, e desalojallos. Passada revista ás trópas, que havia em Goa, achou luzido hum corpo de tres mil Portuguezes, mil infantes da terra, e duzentos cavallos. Com esta gente se postou o Governador da outra banda, aonde a formou dando a vã-guarda aos Lascarins da terra, os Portuguezes em hum Esquadraõ coberto pelos Capitães D. Antaõ de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, Pantaleaõ de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, Alvaro Paes de Soto-Mayor; a cada hum dos lados do Esquadraõ cem cavallos; elle, D. Antonio de Noronha, o Catarraz, outros Fidalgos, e cem espingardeiros na reta-guarda.

Nes-

Nesta fórma marchou o nosso Exercito direito a Pondá em demanda do Nazer Maluco, que com corpo muitas vezes mais numeroso acampava nos seus planos, hum dos flancos encostado á mesma Fortaleza, o outro coberto por hum denso bosque, a vã-guarda defendida por hum fosso de quasi cinco pés de largo; disposições mais difficultosas de vencer, que a corage da trópa superior, e determinada. O nosso Mouro D. Joaõ Bellez, que mandava os Lascarins avançados, chegando a este fosso, e naõ podendo saltallo, foi marchando ao longo delle, respondendo com vigor ao fogo dos inimigos. O Governador que naõ percebeo a causa deste movimento, marchou intrépido com a reta-guarda, a todo o galope com a cavallaria, e naõ vio o fosso senaõ a tempo, em que naõ podia retroceder. O seu cavallo o saltou brioso, assim os mais a excepçaõ de poucos menos valentes, que no fundo da cava rebentáraõ os donos. A mesma rapidez do galope foi o da investida pouco depois auxiliada pela Infantaria, que rompendo

Era vulg.

do

Era vulg. do todos os perigos, acudio com marcha violenta a soccorrer o seu Chéfe no meio dos mais proximos, em que ella o contemplava.

Atonito Nazer Maluco com a elegancia das nossas gentilezas, naõ quiz esperar mais tempo os repellões de gente taõ determinada. Elle já destroçado fez soar a retirada, e marchando a hum lado da Fortaleza sem ousar a recolherse nella, temeroso, ou circunspecto, se foi entranhando no interior do Concaõ, naõ só para estar a coberto do perigo, mas até livre do susto. O Governador triunfante mandou arrazar os muros de Pondá; pôz por terra todos os trabalhos, obras, e fortificações, que os inimigos haviaõ construido; e naõ tendo mais que fazer naquellas partes, pelo caminho de Benastarim se recolheo a receber os applausos de Goa.

O prazer desta victoria do Governador foi acompanhado dos repetidos, que causáraõ muitos honrados feitos do bravo Joaõ Peyxoto na Provincia de Bardez. Com hum punhado de homens da terra, a que elle unio cincoenta Portu-

tuguezes destemidos, fez por muitas vezes frente ao General Moratecaõ, sem que nos seus projectos podesse avançar hum passo. Agora, já recolhido a Goa o Governador, informado de que hum Portuguez, apostata de grande crédito entre os Barbaros, com muitos delles se havia fortificado nos confins da Provincia, donde sahia a cometter por toda ella pezados insultos; o Peixoto se resolve a atacallo na sua mesma trincheira. Com o soccorro de cem homens, que lhe mandou o Governador, elle atravessa a Provincia, cahe como hum raio sobre a fortificaçaõ do Renegado, que arraza com muitas mórtes, feridas, e despojos dos vencidos. Na retirada o esperou o apostata pelos passos estreitos, em que era prático, com trópas de refresco vindas de muitas partes para impedirem as consequencias da sua derrota. Muitos, e vistosos foraõ os choques dos dous partidos, que se batiaõ; mas no ultimo Joaõ Peixoto, e a sua gente totalmente estiveraõ perdidos. Entaõ supprio o valor a falta das vantagens do número, e do terreno, até que

Era vulg.

que no ardor do combate sendo morto o Chéfe da cavallaria inimiga, ella perde o acordo; cede de todas as vantagens; deixa degollar mais de 150 homens; João Peixoto se recolhe com a gloria de hum assignalado triunfo.

Descançado á sombra das victorias o Governador Francisco Barreto cuida nos expedientes economicos do Estado. Para succeder no governo de Dio a D. Diogo de Noronha, como El-Rei mandava, despachou a D. Antonio de Noronha, o Catatraz, e com elle seis Fidalgos Capitães, que se havião incorporar na guarnição de mil e duzentos homens. Despedio para a viagem das Molucas a Antonio Pereira Brandaõ. Proveo Malaca, as Fortalezas do Malabar, as do Nórte, e o mesmo fez ás Ilhas visinhas de Goa, por lhe constar, que Nazer Maluco depois da sua retirada voltára a Pondá para restabelecer a Fortaleza, aonde foraõ de pouca consideraçaõ as suas vantagens. Muito maior foi o damno, que as trópas do Hidalcaõ nos fizeraõ sobre a extracçaõ dos generos de Salcete para Goa. Ellas invaː

vadiaõ esta Provincia com tanta frequencia, que o Governador teve de mandar reforçar a D. Pedro de Menezes por seu primo D. Jorge de Menezes, o Baroche, na tésta de 200 homens, que em todo o Inverno naõ despíraõ as armas, sempre em acçaõ com inimigos muitos, e teimosos. Era vulg.

Em quanto na India succediaõ estas cousas, Balthasar Lobo de Sousa chegava á Ilha de S. Lourenço, aonde dissemos o mandára Francisco Barreto por ordem d'El-Rei para descobrir noticias da gente das náos, que naufragáraõ na sua cósta no anno de 1553. Elle costeou toda a Ilha pela parte de dentro, e tomando porto no rio de Manzalage, ordenou aos Capitães dos navios ligeiros corressem, sondassem, examinassem toda a cósta, até acharem vestigios da gente, que buscavaõ. Desta viagem só nos ficou por tradiçaõ a memoria, de que Balthasar Lobo reduzíra á Fé Catholica hum dos Reis da mesma Ilha com alguns dos seus vassallos, e que descobríra as quatro Ilhas de Comoró adjacentes da de S. Lourenço,

Em vulg. a saber, Angarica, Anjoane, Molalle, e Maoto. Em todas ellas ha Soberanos, que as governaõ: a primeira com 40 leguas de comprido, e 10 de largo, taõ eminente como a do Pico, dominada de Mouros da Arabia, os primeiros, que vieraõ á cósta de Melinde: a ultima de muito maior extensaõ, povoada de trinta Cidades, cortada de muitas ribeiras, que a fazem abundante de generos, especialmente de canas de assucar, com ares benignos, e saudaveis.

Pelo mesmo tempo o Capitaõ Manoel Travaços, que levava á Ethiopia o Bispo D. André de Oviedo, com viagem feliz chegou ao porto de Arquico, aonde o deitou em terra, e se fez na volta da India. Este Prelado foi seguindo a sua jornada com summo prazer; porque de Arquico até á Corte lhe sahiaõ ao encontro os muitos Portuguezes estabelecidos no Imperio, a maior parte delles do tempo de D. Christovaõ da Gama, todos cheios de honras, riquissimos, alguns casados com Senhoras da terra, brilhantes na pompa, na numerosa libré, senhores de quintas, de ter-

tas,

ras, e de Villas, elles a Guarda de Corpo do Imperador, e que em todo o caminho esplendidamente hospedáraõ o Bispo, e a sua comitiva, já em tendas magnificas de campanha, já nos Póvos da sua residencia, que ficavaõ sobre a marcha, até o levarem á presença do Imperador, que o recebeo com muito agrado, e com grande attençaõ as cartas d'El-Rei, e do Governador da India. No seu Imperio deixaremos agora este Bispo para continuarmos o fio da nossa Historia pelo anno, em que estamos.

Eta vulg.

Continuava a guerra do Hidalcaõ contra as terras firmes de Goa; mas huma diversaõ, que sobreveio naõ pensada, lhe impedio sustentalla com vigor. Nizamaluco, chamado pelos naturaes Boran Soldaõ, foi hum dos cinco Tyrannos, que entre si repartíraõ o Reino do Decaõ, sempre affeiçoado aos Portuguezes do tempo de Affonso de Albuquerque até ao anno passado, em que morreo com cincoenta annos de governo. Os nossos Historiadores nos representaõ este Principe, como hum

Era vulg. dos maiores homens da Asia na illuminaçaõ, nas virtudes naturaes, e politicas; naõ lhe desbotando a inclinaçaõ, á nossa gente algumas desavenças, que teve com ella, depois que concedeo faculdade ao Governador Diogo Lopes de Siqueira para fundar a Fortaleza de Chaul até a sua morte. Entre outros Portuguezes distinguia o Nizamaluco a hum Renegado, que entre nós se chamou Sancho Pires, e depois que apostatou no governo de Nuno da Cunha, lhe pozeraõ o nome de Tringuicaõ. Além de muitos dos nossos Escritores, Diogo de Couto pinta Sancho Pires como hum homem digno de ter lugar entre os Heróes, em todas as suas acções huma cousa quasi admiravel, sem que se lhe possa reprehender alguma, que naõ seja a de haver renunciado a verdadeira Religiaõ, que estimava nos seus Patricios, quando aos outros, que a abandonavaõ, nem queria vellos.

Nizamaluco tinha feito a este homem seu primeiro Ministro, General dos seus Exercitos, taõ rico, e poderoso, que sustentava 12000 homens de

de cavallo. O valimento lhe durou até a morte do Motarea, que tendo nelle huma confiança extrema, na ultima hora lhe recommendou a seu filho Uzem, para que com o seu valor, e dexteridade o estabelecesse sobre o Throno, lhe firmasse a Coroa, e pozesse a coberto dos grandes pareiaes dos outros Principes seus filhos, que elles queriaó preferissem a Uzem. Com maior ardor na obra, que Nizamaluco na recommendaçaó, Sancho Pires grato, e officioso reunio os rebeldes, encheo a ultima vontade de seu Amo; fez estavel a posse do legitimo herdeiro; obrou o milagre civil poucas vezes visto de passar o seu valimento ao successor do defunto.

En varg.

Uzem acclamado Rei, lembrando-se das injúrias, que o Hidalcaó lhe havia feito, resolver tomar dellas satisfaçaó na conquista de huma Praça, que possuia na fronteira do seu Reino, foi o primeiro projecto do novo Nizamaluco. Para o conseguir mais facilmente se allliou com Cota Maluco, que o soccorreo com 20$000 cavallos, lhe consen-

Era vulg. tio a paſſagem pelas ſuas terras, e em virtude deſte Tratado o Maluco conſeguio delle a liberdade de Meale, até entaõ prezo nos ſeus Eſtados, que foi conduzido a Chaul, e entregue a Garcia Rodrigues de Tavora para o enviar a Goa, como fez. Porém as armas dos Principes alliados foraõ infelices; porque aberta huma grande brecha na Praça, e montando o aſſalto Sancho Pires na téſta do deſtacamento, huma balla pelos peitos deitou a terra morto eſte monſtro da fortuna, e do eſcandalo: morte taõ ſentida de todo o Exercito, que eſmaiada a ſua corage, levantou o ſitio com tanto de precipitaçaõ, como de affronta. Eſta vantagem do Hidalcaõ o tornou a pôr em eſtado de continuar a guerra contra Goa, que novamente entrou a ſentir os ſeus effeitos.

CA-

CAPITULO IV.

Continuaçaõ da guerra de Goa, e outros successos da India.

O HIDALCAÕ desassombrado do susto, que lhe causáraõ as armas colligadas de Uzem, e de Cota Maluco, bem capazes de o destruirem, se ellas tivessem de valerosas o que lhes sobrava de muitas; com estimulos novos para renovar a cólera contra os Portuguezes por estar restituido a Goa Meale, que era o padrasto da conservaçaõ da sua grandeza, elle mette em uso todos os esforços para reduzir aquella Capital aos maiores apertos. He verdade que esta guerra para Goa foi mais de incommodar, que de temer; para as trópas teve mais de impertinente, que de sanguinaria. Goa sentio os apertos da fome pela difficuldade da introducçaõ dos viveres, elles poucos, e por alto preço, até a lenha com elle intoleravel. As trópas nas Provincias da terra firme dia, e noite naõ tinhaõ socego, sempre

Era vulg.

Era vulg.

pre promptas para acudir aos rebates contínuos, D. Jorge, e D. Pedro de Menezes sem já mais despirem as armas.

Como o General Calebatecaõ era o author das correrias pelas terras, e Ilhas do Estado, o Governador mandou a Pantaleaõ de Sá, e a outros Capitães com 500 homens para o desalojarem do seu posto. Este combate foi hum dos mais rudos, que tivemos nesta guerra; os inimigos muito superiores em número, toda sua aventagem do terreno, aonde os nossos, ainda que matavaõ a muitos, estiveraõ por muitas vezes perdidos, tiveraõ vinte homens mórtos, abandonáraõ o campo, e sería a derrota completa, se Pantaleaõ de Sá, que cobria a reta-guarda, com acordo inimitavel naõ fizesse huma airosa retirada.

Esta apparencia de victoria, a que os inimigos pelo descostume deraõ hum alto tom, os encheo de tanta confiança, que invadíraõ a Ilha de Joaõ Lopes defendida por Ayres Gomes da Silva; mas elles o fizeraõ a favor das sombras

bras de huma das noites tempestuosas, Era vulg. em que o suppunhaõ descuidado. Ao estrondo dos primeiros golpes na cosinha do seu mesmo quartel, acudio o vigilante Ayres Gomes com os soldados, que achou mais promptos, e os foi levando ás cutiladas até ao rio, aonde muitos se affogáraõ na passagem. Outra sobpreza semelhante intentáraõ elles na Ilha de Choraõ defendida por poucos, e taõ alentados Portuguezes, que sustentáraõ intrépidos o combate, até que de Goa lhes chegassem os soccorros. Ao estrondo delle o Governador Francisco Barreto acudio ao Caes, e fez embarcar com muita gente a Manoel de Mendoça, Governador da Cidade, que chegou quando a manhã rompia, e quando os bravos Lançarote Picardo, e o Ouvidor geral Henrique Jacques com os seus camaradas precipitavaõ no rio a 500 Barbaros igualmente cortados do temor, e do ferro.

Neste transito do rio a gente dos catures, que o bordavaõ, fez tal matança, que carregando-os de cabeças dos contrarios, ella as trouxe ao caes,

Era vulg. e as poz aos pés do Governador, que premiou a cada hum dos bisarros soldados com liberalidade como sua. Sem mais demora mandou elle a D. Francisco Mascarenhas, depois Conde de Santa Cruz, e Viso-Rei da India, que com 300 homens descançados á sombra desta victoria fosse continuar a fazer a Ilha de Choraõ respeitavel aos Barbaros. Em fim, o Hidalcaõ, ou cançado da guerra, ou mais contrahido pela renovada assistencia de Meale em Goa, se he que naõ foi persuadido pelos seus Generaes tantas vezes derrotados; elle deo ouvidos á paz, que foi ajustada com as mesmas condições das precedentes.

Este anno, em que El-Rei D. *Joaõ* tinha de passar do tempo para a Eternidade, despachou elle para a India a ultima Esquadra composta de cinco náos ás ordens de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Menezes. As quatro náos dos Capitães Cide de Sousa, Braz da Silva, Antonio Mendes de Castro, e Joaõ Rodrigues Çalema de Carva-

valho, sahíraõ de Lisboa no seu devido tempo, duas ferráraõ Goa, huma invernou em Melinde, a outra em Moçambique. A Capitania naõ pode sahir, senaõ a dous de Maio, e perdida a monçaõ, teve de ir passar o Inverno á Bahia. A causa desta demora foi; porque quando a náo se carregava no Téjo, por hum furo da quilha, que os officiaes deixáraõ sem prégo, e que coberto de breo com grande trabalho se deo nelle, a náo fazia tanta agua, que se hia ao fundo; foi necessario descarregalla, varalla, buscar-lhe a rotura, e tornar a polla expedita para a viagem.

Era vulg.

Desta casualidade se servio a pia, mas fatua credulidade dos marinheiros para clamarem, que ella era hum justo castigo do seu S. Pedro Gonçalves Telmo, por lhes haver o Arcebispo de Lisboa impedido os cultos, quasi supersticiosos, que elles rendiaõ ao Corpo Santo. Diogo de Couto nesta passagem trata destas exhalações, que no tempo das tormentas se deixaõ vêr sobre os mastos, e que os marinheiros en-

Era vulg. entendem ser huma visita, que lhes faz o S. Telmo; que elles entaõ vem ao convéz, e a grandes vozes gritaõ, salve, ó Corpo Santo: que se as taes exhalações apparecem nos lugares altos dos navios, saõ signaes de bonança, se nos baixos de naufragio: que sobindo aos mastareos dizem, que achaõ pingos de cera verde, que elles nem os trazem, nem os mostraõ; e em hum discurso breve derrota este erro popular da plebe maritima. Ora eu passo a dilucidar o discurso de Couto sobre esta materia com as opiniões mais conformes dos melhores Authores.

Sabem os Astronomos, que Castor, e Pollux saõ humas Estrellas do signo de Geminis, a de Castor da *primeira* grandeza, as duas de Pollux da quarta. Sobre ellas teceo a Mythologia a plausibilidade da transformaçaõ dos dous moços gemeos dos mesmos nomes, taõ illustres no sangue, que filhos de Jupiter, e de Leda, irmãos de Clytemnestra, e de Helena. Hum Pai celeste collocou os rapazes no Firmamento, e os fez chamar Deoses do Mar, ou Apotropheos,

pheos, como Numes Tutelares, que havião salvar das calamidades aos seus favorecidos. Aqui temos a origem fabulosa, e gentilica, adoptada pela indiscreta piedade Catholica. Na Fabula 14 nos conta Hygino a razão, porque a huma especie de meteoro a modo de fogo errante, ou luz portatil, que nas tormentas se deixa vêr em algumas partes dos navios, se chama Castor, e Pollux. Aquelle Author, e outros muitos dizem ser este o seu nome, porque quando os famosos Argonautas navegavão para Colchos, o tal meteoro, ou estrella volatil apparecêra sobre as cabeças dos dous moços; que logo que ella desapparecêra, a tormenta cessára; que os dous irmãos dalli em diante ficárão tão venerados dos navegantes, que sobre os invocarem nos perigos, esculpião nos navios as suas imagens, reconhecidos Castor, e Pollux por Deoses do mar, o meteoro honrado com os seus nomes.

Erro vulg.

A fabula deo occasião a Plinio para persuadir, que esta luz era chamada pelos antigos *Estrella de Castor*, e a

Ho-

Era vulg. Horacio para formar o paralello pomposo entre Alcides, Castor, e Pollux; aquelle ainda que na terra elegante, generosamente vencedor; estes mais illustres como Deidades dominantes das ondas, sobre ellas coroados de Estrellas. Estas as invenções, esta a superstiçaõ do gentilismo, que vemos transfigurada em huma devoçaõ catholica consagrada pelos mareantes das Nações debaixo do nome do *Corpo Santo*, já a S. Nicoláo, já a S. Hermo, ou a S. Pedro Gonçalves Telmo: Santos, que elles crêm lhes apparecem nas tormentas transformados em luzes para lhes annunciarem a salvaçaõ, ou o naufragio. Os Physicos naõ teriaõ muito trabalho em desabular a plebe maritima do seu erro, persuadindo-a que a luminosa, e feliz appariçaõ dos meteoros, que elles chamaõ Santelmo, e a liberdade, que gozaõ essas luzes, he hum annuncio, de que as nuvens que as carregaõ, estaõ desfeitas; que o Ceo se vai abrindo, e que em pouco tempo restituirá a serenidade ao ar. Que pelo contrario, quando apparece huma que

ſó luz, huma ſó exhalaçaõ dita *Helena*; que iſſo como effeito de huma ſó nuvem desfeita, e cahida, he indicio, de que ainda na regiaõ aeria ha outros fomentos para a continuaçaõ da tempeſtade; mas que de ſórte alguma ſignifique a dita continuaçaõ a tradiçaõ fabuloſa, de que quando Helena ſe embarcou com Menelao, apparecendo huma ſó luz, prolongára a tormenta, que os levou ao Egypto.

Era vulg.

Sobre quem ſeja eſte invocado Santelmo ſe confundem os Anthores. Os marinheiros Portuguezes dizem, que he S. Pedro Gonçalves da Ordem dos Prégadores. Os Italianos, e outras Nações o veneraõ com o ſimples nome de Santelmo. Diogo de Couto lhe dá o de Santo Anſelmo no Capitulo II. da Decada VII., aonde diz: Eſta pequena luz, que eſtes mareantes Portuguezes veneraõ em nome de S. Fr. Pedro Gonçalves, e os Eſtrangeiros no de Santo Anſelmo, he taõ antiga ſua veneraçaõ, que já em tempo dos Gregos ſe celebrava. Alguns Eſcritores Caſtelhanos preſumem, que Santelmo he

San-

Era vulg. Santo Erasmo abbreviado em Ermo, e o Ermo corrompido em Elmo, que vem a dizer Sant'Elmo. Mas até agora algum sahío da dúvida se este Santo Erasme he o Martyr de Antioquia, ou o Bispo, e Martyr em Campania: de sórte, que os maritimos nas tormentas respeitaõ nas exhalações, e invocaõ hum Santo, que naõ sabem quem seja.

Dada esta breve noticia para illuminar aos crédulos menos bem instruidos, continuamos a mostrar na nossa Historia, como as duas náos da conserva de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegáraõ à Goa a tempo, que o Governador Francisco Barreto recebia de Ormuz a noticia, de que no porto de Suez se preparava huma Armada de Turcos com o destino da India. Já a este tempo o Governador tinha reparado a perda dos galeões, que se queimáraõ, com outros novos; a Armada estava numerosa, e sem perda de instantes elle a poz em estado de fazer frente respeitavel aos Turcos. Porque naõ succedesse, que elles tivessem hum refugio no rio de Chaul, o Governador

o quiz prevenir, e chamando os Fidalgos a Conselho, lhes disse: A nós nos espera huma situaçaõ, que póde ser crítica, senaõ a acautelarmos prudentes. Os Turcos determinaõ vir á India, e pódem fazer-se fórtes em Chaul. As nossas forças haõ de sahir de Goa, e o Hidalcaõ se aproveitará da sua fraqueza, senaõ para a render, para a opprimir. A mim me parecia que mandassemos huma Embaixada ao Nizamaluco, pedindo-lhe declarasse a guerra a este inimigo commum, e que nos permittisse licença para levantarmos huma Cidadela no Morro de Chaul, que tanto a elle, como aos Portuguezes seria muito util para embaraçar na India o designio dos Turcos. O effeito desta proposta será a materia do Capitulo seguinte.

Era vulg.

CA-

CAPITULO V.

Trata-se da Embaixada, que o Governador mandou ao Nizamaluco, e os successos, que se lhe seguiraõ.

Era vulg.

ACABOU o Governador Francisco Barreto de propôr no Conselho da India a materia, que deixo referida, e antes que fallassem as pessoas, que nelle tinhaõ voto deliberativo, D. Diogo de Sousa, que estava presente, e tinha vindo do seu governo de Çofala a embarcar para o Reino, se levantou, e disse: Que se era certa a noticia de virem Turcos á India, requeria que se lhe declarasse; porque elle naõ era capaz de perder huma occasiaõ de tanta honra para ir descançar no ocio da Patria: Que amava muito os soldados da India para os deixar em trabalhos, sem ser nelles seu companheiro; e que a El-Rei devia grandes mercês para parecer ingrato fugindo com o corpo ao serviço, quando elle o necessitava. O Governador lhe agradeceo os impulsos

da

da sua generosidade, promettendo fa- zello participante de todos os segredos, e sobre a Embaixada se tomou assento affirmativo.

Era vulg.

Para ella foi nomeado Jorge Correa Dantas, que levava ricos presentes para facilitarem a condescendencia do Nizamaluco a respeito da fabrica da Fortaleza sobre o Morro de Chaul, que se avançava pelo mar dentro, e dominava a Cidade. Nizamaluço se sobprendeo com esta proposiçaõ, como quem della inferia, que os intentos do Governador da India eraõ deitar-lhe hum novo freio, ter debaixo da sua chave a embocadura do melhor porto dos Estados, de que elle era Rei, e apoderando-se dos direitos das entradas, e sahidas, privallo de huma importante renda. Estas bem lembradas especies o obrigáraõ, em lugar de dar huma resposta cathegorica, a mandar prender o Embaixador, e ordenar ao General Faratecaõ, que com 30000 homens marchasse a fazer com toda a pressa huma Cidadela no lugar, que os Portuguezes pretendiaõ, bem entendido, que

Era vulg. contra elles naõ executasse genero algum de hostilidade.

Naõ eraõ passados muitos dias, quando da nossa Fortaleza foraõ vistos os montes da outra banda do rio cobertos de tendas, brilharem as armas, scintilarem os capacetes, como devisas, que inculcavaõ a difficuldade de ser dissipada a robustez daquellas gentes. Garcia Rodrigues de Tavora, Governador da nossa Praça, entrou sem susto a prevenir-se para huma vigorosa defensa; avisando a Francisco Barreto do que passava. A gente inutil, e a plebe cuidava em se retirar para lugar seguro; mas a tranquillidade de Faratecaõ de todos desterrou as imaginações tristes, o susto, o temor, que naõ era panico. O Governador apenas recebeo o aviso de Chaul, que foi a tempo, em que determinava mandar a Alvaro Paes de Soto-Maior com huma Esquadra ao Estreito de Ormuz para observar os movimentos dos Turcos; immediatamente a poz da verga d'alto, e fez navegar a Chaul, em quanto elle preparava a grande Armada, com que havia ir em pessoa

foa á mesma Praça para fazer abortar as idéas do Nizamaluco.

Alvaro Paes avistando o Exercito de Faratecaõ, dos galeões fulminou hum fogo vivo sobre os trabalhadores occupados na obra. Duas galez, que chegáraõ no dia seguinte á fizéraõ suspender de todo, despedindo mais cozidas com á terra hum chuveiro de ballas, que os inimigos descobertos naõ podéraõ soffrer. De muitas partes vieráõ concorrendo navios em grande número, attrahidos os soldados mais briosos do rumor do sitio de Chaul, todos tremolando flamulas, e galhardetes, empavesados, e guerreiros: hum espectaculo no rio para os Portuguezes da Praça taõ agradavel, quanto temivel para os inimigos no campo. Elle se acabou de fazer luminoso, e formidavel com a chegada da numerosa Armada do Governador, cheia de Nobreza igualmente recommendavel na qualidade, no número, nos precedentes serviços; guarnecida com 4000 Portuguezes intrépidos, costumados a desprezar perigos, a affrontar á morte, e além delles muitos

Z ii

Era vulg. tos Canarins, Malabáres, escravos, e criados capazes do uso das armas, como bem instruidos nas Aulas da nossa disciplina.

Faratecaõ á vista do referido espectaculo, temeroso de vir ás mãos com os Portuguezes, se resolveo a parlamentar; mas errou os meios de o fazer com a decencia correspondente ao caracter Portuguez, se com espirito sincéro, na occasiaõ muito mal advertido. Elle pintou a imagem de Embaixador em hum seu criado; para o Governador lhe entregou hum presente bem confórme á pessoa, que o conduzia, mui desigual daquella, a quem se encaminhava. Chegou o pretendido Embaixador á presença de Francisco Barreto, que o recebeo com seccura: poz aos seus pés o presente, que elle mandou deitar pela janella fóra, acompanhando a acçaõ com estas palavras de agradecimento: Ide dizer a Faratecaõ, que naõ executo em vós o mesmo, que vedes executar com o seu presente, porque com brevidade o farei a elle. O célebre Embaixador sobprezo, atonito, pasmado

do

do desprezo, mudo se recolheo ao seu campo, esteve mudo largo tempo, até que cobrou calor para fallar, e dizer a Faratecaõ: Que os olhos do Governador da India eraõ curtos de vista, muito delicados para distinguirem estaturas de taõ pouco vulto como a sua, e que as suas mãos, como taõ forçosas, naõ sustentavaõ presentes de pouco pezo sem os deitar a terra.

Era vulg.

Cahio em si o General, e com melhor acordo escolheo Embaixador, que para ser admittido, e negociar naõ necessitasse de mais recommendações, e de outros introductores, que as suas illustres qualidades. Tal era Rafarecaõ, hum dos primeiros Chéfes, luminoso no ser, brilhante na pompa, na instrucçaõ com polimento. Depois de cortejar reverente ao Governador, lhe diz: Eu venho da parte do Nizamaluco meu Amo assegurar-vos, que elle he hum amigo fiel do Rei de Portugal, e dos seus vassallos: que estes sentimentos já saõ herdados do seu predecessor, do qual a vossa Naçaõ recebeo a graça deste terreno para a fabrica desta Cidadela,

Era vulg.

la, que tendes em Chaul: Que elle por pretexto algum intenta revogar a Doaçaõ; mas que naõ póde deixar de temer, que o vosso projecto de fortificar o Morro da outra banda seja com o fim de lhe deitardes hum jugo, de vos fazerdes unicos senhores da embocadura do melhor porto dos seus Reinos, de lhe usurpardes os direitos de entrada, e sahida, que só a elle lhe pertencem como Soberano; Que suspendais da vossa parte as idéas de fortificar o Morro, que elle no mesmo instante suspende as suas.

Estas razões, que faziaõ conhecer huma justiça evidente, huma candura imparcial sem affectaçaõ, nem arrogancia, ellas causáraõ no Governador as impressões, que se deixavaõ sentir em si mesmas. Concluio-se o negocio com a renovaçaõ do Tratado antigo, accrescentando a condiçaõ, que de huma, e outra parte senaõ emprehenderia mais a fortificaçaõ do Morro: que as obras principiadas a fazer seriaõ demolidas; e que ao Embaixador, e mais Portuguezes retidos na Corte de Amadana-

ger

ger se lhes daria liberdade para voltarem a Goa. Este ajuste firmado se fez logo público na Praça, na Armada, e no campo com satisfaçaõ reciproca, mutuo prazer, e alegria, que provinha da consideraçaõ, de que a nuvem sombria, quando ameaçava chuveiros de sangue, dissipada, e desfeita restituio a serenidade, que se desejava.

Em vulgo

Antes que o Governador se despedisse de Chaul, despachou a D. Antaõ de Noronha para ir governar Ormuz, donde D. Joaõ de Ataide havia voltar criminoso para se livrar em Goa. Este Fidalgo, provido por El-Rei, naõ tinha acabado o seu tempo; mas, ou fossem verdadeiros os Capitulos, que contra elle deraõ os moradores de Ormuz, ou na realidade criticasse com desembaraço a expediçaõ, que o Governador mandou fazer por Pedro Barreto Rolim no Reino do Cinde, donde provinhaõ a Ormuz os interesses mais avultados do Commercio, e desta crítica, que a invéja fez pública, o mesmo Governador se désse por sentido. O certo he que o Desembargador sindicante achou, ou

fez

Era vulg. fez materia para culpar o Ataide. Elle sem repugnancia entregou o governo ao Successor, sahio logo para Mascate, aonde esperou a monçaõ para vir apparecer em Goa na figura de réo.

Já por estes tempos tinha a Europa sentido a falta de duas vidas preciosas: huma a d'El-Rei D. Joaõ III. a onze de Junho, como logo diremos, outra a do Imperador Carlos V. no Outubro seguinte entre os Monges Jeronymos do Mosteiro de Juste, aonde sepultou em vida a gloria do Imperio, de tantos Reinos, de grandes negocios, de immensos vassallos, de innumeraveis victorias, e entrava o novo anno de 1558. Mas nós para concluirmos neste lugar o que nos falta do governo de Francisco Barreto na India, continuamos a dizer que elle, já expedito em Chaul, veio fazer segunda ostentaçaõ da sua pompa, da sua authoridade, ou da sua gloria á Baçaim amada, e a soffrer por esta causa segundo golpe da critica, da maledicencia, ou o que he mais certo, da invéja. Em fim, elle chegou a Goa, e despachando os provimentos necessa-

rios

para Malaca, Ceilaõ, e Molucas, nós o vamos a vêr occupado em altas idéas, que poderiaõ ter exito feliz, senaõ as suspendesse a noticia da vinda do Successor de caracter taõ sublime, como D. Constantino de Bragança.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Conclue-se o governo de Francisco Barreto, e se deixa tratado o modo da eleiçaõ do Viso-Rei D. Constantino, e a sua partida para a India.

RESTITUIDO a Goa o Governador Francisco Barreto, e correndo já o anno de 1558, elle concebeo no seu espirito hum alto projecto, que se lhe figurava o termo glorioso dos seus trabalhos no fim do governo da India. Para o emprehender fez lançar ao mar hum número de navios taõ grande, que o do Indostaõ já mais foi opprimido com o pezo de outra Armada taõ soberba, como entaõ se via nelle. O seu vasto designio era a conquista da respei-

Exp. vale. peitavel Ilha de Çumatra, e a destruiçaõ do Achem formidavel, inimigo sem reconciliaçaõ, que naõ deixava respirar a opprimida Malaca. A paz profunda, que o Estado gozava com todos os Reis visinhos, o erario rico, officiaes para trabalharem nos estaleiros em abundancia, muitos viveres, e munições, hum consideravel corpo de trópas valerosas, e aguerridas, grande número de Nobreza brilhante, e impavida: tudo foraõ concurrentes efficazes para a hum tempo se verem na India prestes vinte e cinco galeões, e caravellas, dez galéz, mais de setenta galeotas, e fustas com os seus Officiaes, e tripulações respectivas.

Quando em Goa se trabalhava neste famoso armamento, no Reino a Rainha D. Catharina, que com o Cardeal Infante D. Henrique governava na menoridade d'El-Rei D. Sebastiaõ, andava cuidadosa na eleiçaõ de sujeito para Viso-Rei da India, por ter Francisco Barreto acabado o tempo do seu governo. Dous grandes, em quem ella tinha posto os olhos, se lhe retiravaõ da vista

ta

ta, jogados resistiaõ, e o desagrado dos Regentes naõ os abalava. Succedeo entaõ o Duque de Bragança D. Theodosio tratar em conversaçaõ domestica com seu irmaõ D. Constantino, Principe de 30 annos, com espiritos taõ sublimes como o seu sangue, da repugnancia daquelles Fidalgos em acceitarem cargo taõ honroso, como era o de Viso-Rei da India, e o quanto a sentiaõ a Rainha, e o Cardeal. D. Constantino por hum dos transportes da alma, quando ella rompe a obrar sem plena advertencia, respondeo a seu irmaõ: Pois Eu, pela mesma razaõ desses homens regeitarem tal emprego, de boa vontade irei á India.

Era vulg.

Calou-se o Duque; mas sem demora foi ao Paço, e representou aos Principes, que elle lhes levava huma grande nova; taõ grande, como era a de seu irmaõ D. Constantino de Bragança se offerecer voluntario para ir á India occupar o lugar, que outros recusavaõ. Os Principes recebêraõ a noticia com alvoroço, estimáraõ-a, publicaõ com o despacho a offerta, D. Constan-

Era vulg. tantino se sobprende da facilidade do Duque, da pressa da nomeaçaõ; mas elle naõ retrocede com a palavra. Unicamente requer se lhe conserve o emprego, que já tinha de Camareiro Mór, que a Rainha lhe promette para quando o Rei seu neto fôr em idade de se servir deste Officio da Casa. Os outros despachos, que pareciaõ indispensaveis, talvez porque se haviaõ talhar pelas medidas da estatura de taõ grande pessoa, teve-se por expediente melhor naõ fallar nelles. D. Constantino tambem se callou para persuadir muda a energia do seu espirito, que elle naõ hia á India levar, e trazer; que hia servir, e agradar.

A toda a diligencia se apromptáraõ quatro náos para o transporte do novo Viso-Rei, governadas pelos Capitães D. Payo de Noronha, Aleixo de Sousa Chichorro, que hia nomeado Veador da Fazenda, Pedro Peixoto da Silva, e Jacome de Mello. Nellas embarcáraõ dous mil soldados escolhidos, e entre muitos do corpo da Nobreza, D. Diniz Coutinho da Casa do Marechal,

D.

D. Francisco de Mello da dos Monteiros Móres, Ayres de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz, e D. Francisco de Almeida, Fernaõ de Castro, Pedro de Mendoça, o Larim, Joaõ Gomes de Castro, Gil de Goes, que hia provido no governo de Goa, Pedro da Silva de Menezes, Joaõ Lopes Leitaõ, Jeronymo Dias de Menezes, e outros, que incorporados com os muitos Fidalgos, que estavaõ na India, fariaõ a taõ alto Viso-Rei huma Corte brilhante.

Era vulg.

Sahíraõ as náos de Lisboa a sete de Abril do anno de 1558, em que agora fallamos, ainda que fóra do seu lugar. Ellas leváraõ a viagem com tanta felicidade, que no principio de Julho entráraõ em Moçambique, aonde se encontráraõ com a do General D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que dissemos invernára no Brasil, com a do Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, que em Moçambique passára o inverno, e todas seis em conserva se fizeraõ na volta de Goa. O Governador Francisco Barreto fazia trabalhar sem socego na

gran-

Bis vislg. grande Armada destinada á conquista de Çumatra, e estava a ponto de partir, sem ter declarado o seu segredo, quando a tres de Setembro recebeo o aviso, de que á barra de Goa era chegado o seu Successor: nova naõ esperada, que lhe rompeo todas as medidas, já os cultos sem reverencia, os applausos mudos, falta de cortejos a pessoa, elle no Oriente, Sol posto á vista do nascimento de outro Sol.

Nós temos acabado de ouvir os progressos do governo de Francisco Barreto na India. Sabemos as suas qualidades, o seu merecimento, as suas virtudes, o seu caracter, e depois de nos instruirmos nas honras, com que foi recebido no Reino, na preferencia, que se lhe deo para commandar as galéz, que ajudáraõ a Filippe II. de Hespanha na conquista do Penhaõ de los Veles. Ainda ouviremos o pregaõ da Fama intitullo conquistador famoso do Imperio do Monomotapa, aonde para concluir a empreza, sobejando-lhe o valor, lhe faltou a vida. Herdou este Fidalgo a probidade de seu grande Pai Ruy Bar-

re-

reto, Fronteiro Mór do Algarve, Védor da Fazenda, e Alcaide Mór desta Cidade de Faro, que o teve de sua illustre mulher D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide Mór de Olivença, e irmã do Conde D. Rodrigo de Mello. Ein sup.

Foi Francisco Barreto na ordem de nascer filho segundo, que podéra ficar Chéfe de huma casa taõ qualificada, como a de seu irmaõ mais velho Nuño Rodrigues Barreto. Mas elle casando a primeira vez com D. Francisca de Castro, filha do Alferes Mór D. Luiz de Menezes da Casa de Tarouca, tendo filhos a Ruy Nunes Barreto, este morreo solteiro com seu Pai na conquista do Monomotapa; a Luiz da Silva, que tambem solteiro foi morto na India em hum desafio, que teve com Luiz Alvares de Tavora. Casando segunda vez com D. Brites de Ataide, viuva de Christovaõ de Brito, e irmã de D. Luiz de Ataide, Conde da Atouguia, e nascendo-lhe em Baçaim filho, Joaõ da Silva Barreto; este homem se casou com huma filha de Henrique de

Sou-

Era vulg. Sousa, e de sua mulher Maria Gomes, já viuva de André de Sousa Coutinho, e naõ sabemos se delle ficou geraçaõ na India.

CAPITULO VII.

Escreve-se a mórte d'El-Rei D. Joaõ III. o seu caracter, e qualidades.

1557 SEM outros Principes legitimos a Real Familia de Portugal, que D. Sebastiaõ futuro Successor de seu Avô, o Cardeal Infante D. Henrique, e El-Rei D. Joaõ na idade de cincoenta e cinco annos, e de Reinado 35, cinco mezes, e 29 dias, saõ, e robusto; quando a sua vida mais se necessitava, a sua prudencia, a sua dexteridade consummadas eraõ mais precisas para a conservaçaõ da Monarquia, para a felicidade dos Póvos, para a gravidade dos negocios, que occorriaõ, e de outros futuros, que ameaçavaõ; entaõ já completo o fatal tempo da mórte, o termo prescripto da vida, de que se naõ póde passar; El-Rei D.

D. Joaõ III. adoecendo, quando o consideravaõ com melhor ſaude, engravecendo-ſe a queixa, reſignado, contricto, recebidos os Sacramentos da Igreja com piedade edificante, no dia onze de Junho do anno de 1557 lhe ſobreveio a mórte precioſa, que foi écco correſpondente ao brado da vida; elle ditoſo por ſer chamado para gozar a torrente de delicias, as abundancias da Caſa de Deos; Portugal na ſua falta infeliz por lhe naõ tardar a innundaçaõ de calamidades, as avenidas rápidas dos infortunios. Morreo o bom Rei, ficou agoniſante o Reino.

Eſta vulg.

No dia ſeguinte ao ſeu tranſito feliz foi o Real Cadaver levado pelos Miniſtros da ſua Capella, e pelos Irmãos da Miſericordia de Lisboa ao Convento de Belém, aonde o depoſitáraõ junto ao monumento de ſeu Pai, o grande Rei D. Manoel. Correſpondeo o apparato funebre na grandeza da pompa á ſublimidade do objecto; acompanhando-o os Senhores D. Duarte, e D. Antonio, Sobrinhos da Mageſtade defunta, todos os Grandes, Fidalgos, e

Era vulg. pessoas de qualidade, que entaõ se achavaõ na Corte. Apparato funebre, que moveo geral o pranto, como testemunho, que tinha o pezo de voz para indicar quanto he sensivel a perda de hum Rei amado: hum Rei, em que se ajustavaõ todos os caracteres para dizermos delle o que dizia Augusto do Rei bom: Que elle ou naõ houvera de nascer, ou naõ havia nunca morrer. O Cardeal Infante ficou no Paço acompanhando a Rainha, que na perda que acabava de ter, necessitava de hum tal conforto; como o desta Real Purpura, a que serviaõ de relevo brilhante as virtudes mais heróicas, agora no exercicio dos seus actos, unicos agentes para moverem com força no espirito da Rainha os sentimentos de resignaçaõ, de conformidade, da paciencia, que até ás Coroas he necessaria para conseguirem as promessas.

A piedosa Mãi do seu Povo, a grande, e illuminada Rainha, toda occupada nos interesses do commum, como se a alma nada sentíra, para se saber o que El-Rei nas suas ultimas disposições de-

determinára, supposta a menoridade do successor; logo no dia treze do mez chamou a Conselho o Cardeal, o Duque de Aveiro, os Condes do Vimioso, e Castanheira, o Baraõ de Alvito, o Regedor da Casa da Supplicaçaõ, o Chanceller Mór, os Vereadores da Camara de Lisboa, e perante todos fez lêr as Memorias escritas da propria maõ d'El-Rei poucos dias antes da sua arrebatada mórte. Nellas nomeava para Tutora do futuro Rei, seu Neto, e para Regente do Reino a mesma Rainha, sua Esposa, que como diz hum Historiador nosso, para mulher era varonil, para hum Sceptro era mulher. Mas o Rei, que lhe conhecia melhor os talentos, deixava determinado, que ella naõ largasse a Regencia, em quanto seu Neto naõ cumprisse vinte annos: ultima vontade Soberana, que Politicos intrigantes alteráraõ, reduzindo a Rainha consternada a abdicar poucos annos depois o governo, que lhe ficára encarregado, como veremos no seu devido tempo.

Era vulg.

Com os titulos gloriosos de Pai da

Era vulg. Patria, de Irmaõ das Religiões, de Filho Obediente da Igreja, de Justo, de Clemente, de Pacifico, morreo D. Joaõ III., sentindo-se a sua mórte por mórte, naõ por apressada em hum Principe, que a maior parte da vida foi justo. Qual das do mundo habitavel deixou de ouvir o estrondo das suas virtudes, o écco das victorias dos seus Capitães, o rumor das maravilhas da sua probidade? Para que ellas se ouçaõ no mundo todo, basta que os Portuguezes as louvem, sem mendigarem vozes estranhas; e ainda que eu podesse fazer dellas huma narraçaõ bem circunstanciada, seria obrigado a responder á reprehensaõ occulta, que o *mesmo* mundo tinha de me fazer na *diminuiçaõ* dos applausos de hum *Soberano*, que enchem os cem orgãos da Fama. De objectos taõ sublimes as suas acções só saõ os seus louvores.

Unicamente para cumprir com as obrigações, de que me encarreguei, continuarei a dizer que El-Rei D. Joaõ III. no zelo da Religiaõ, no Culto Divino, nos actos de piedade foi fructo

cor-

correſpondente ás arvores, donde naſ- Era vulg.
cêra. Elle, para que á cultura dos cam-
pos do Gentiliſmo naõ faltaſſem Ope-
rarios com delicadeza de ſciencia uni-
da ao ardor do Chriſtianiſmo, trasla-
dou de Lisboa, e quaſi inſtituio de no-
vo a Univerſidade de Coimbra, que il-
luſtrou com rendas copioſas, e Meſtres
inſignes mandados vir dos outros Rei-
nos da Europa. Elle para conter a pra-
vidade judaica, fez erigir o Trbunal do
Santo Officio por Bulla de Paulo III.,
e para as Miſsões das Conquiſtas intro-
duzio no Reino a Sociedade dos Jeſui-
tas no Seculo, em que ella ſe repreſen-
tava util á Sociedade civil, e moral dos
homens. Elle ſuſtentou com vigor as
Conquiſtas do Oriente para naõ ſenti-
rem a falta do Rei D. Manoel, ſeu Pai,
que para a imitaçaõ lhe deixou exem-
plos, para as emprezas Heróes; e ſe
no abandono das Praças de Africa o
Reino ſentio vários generos de perdas,
nas do Oriente recolheo avultadas as
uſuras. Elle inſtituio o Tribunal da Me-
za da Conſciencia, e levou várias Igre-
jas á dignidade de Cathedraes, a de
Evo-

Era vulg. Evora á de Metropolitana; edificou muitos Templos, e estabeleceo obras pias, naõ lhe faltando néste empenho a sociedade da devoçaõ da Rainha, que foi Fundadora illustre de muitos monumentos sagrados.

Elle estimou a virtude da clemencia pelo esmalte mais brilhante da Corôa, sempre inclinado aos Juizes humanos, quando os sevéros já mais lhe vîraõ bom semblante. Se parecia que a sua brandura declinava para o extremo, e offendia a justiça; elle por tal modo unia a piedade ao rigor, que sem deixar lugar á justiça para se queixar, sempre triunfava a clemencia: triunfo luminoso, de quem sabia ponderar, que a vida de hum homem he joia de muito preço, e que naõ se deve perder com o cauterio, quando os lenitivos a curaõ. Por isso elle derrogou as Leis antigas, que mandavaõ marcar os ladrões na cara, dizendo: Que se semelhantes homens se corrigissem na perversidade dos seus costumes, era huma injustiça ficarem perpetuamente conhecidos infames pela devisa publica

da

da sua má vida passada. Elle foi singular na liberalidade, que repartia por todos: liberal pelo modo dos Soberanos, que se sabiaõ ajustar ás regras da virtude, longe de que os dominasse a paixaõ dos affectos.

Era vulg.

Nós confessaremos que entre fortunas, e desgraças passou D. Joaõ III. a maior parte dos seus dias. Grande reputaçaõ lhe haviaõ adquirido as suas virtudes, muitas vantagens a dilatada tranquillidade; mas nos seus ultimos tempos se entrava a sentir a consequencia da perda dos lugares de Africa; tocava-se com sensibilidade a decadencia nos negocios da India; as mórtes immaturas de tantos filhos, e irmãos, se ellas lhe forneciaõ materia para o exercicio contínuo de huma paciencia heróica; ellas mesmas lhe ministravaõ imagens continuadas para á renovaçaõ da dôr vehemente. Condiçaõ fatal das venturas mundanas, que até no pontiagudo das Coroas faz, que o remate seja Cruz.

Foi El-Rei D. Joaõ de estatura mediana, o corpo com alguma grossura, a

Era vulg. a côr branca, e vermelha, o aſpecto taõ veneravel, que vendo-ſe, ainda ſem ſer conhecido, fazia reſpeito. Teve os olhos azues eſcuros, que ſe moviaõ com deſembaraço mageſtoſo attractivo da veneraçaõ, que muito mais ſe ſublimava, quando os ouvidos percebiaõ o tom pauſado das ſuas vozes ligadas á Soberania, ſem que as prendeſſem algum dos defeitos naturaes. Nos membros era forçoſo, e robuſto: teve algum conhecimento das letras humanas aprendidas pelo methodo, com que ſe enſinavaõ no ſeu tempo, naõ pelo que ſe enſináraõ depois até eſtas noſſas idades. Amou no veſtir os uſos Portuguezes, ſendo o ſeu exemplo anathema efficaz, que desfigurava o ſemblante ao abuſo das modas: ainda nas funções mais aulicas em concurrencia com os Principes Eſtrangeiros, ſempre nos trajes ſe fez vêr Portuguez.

A memoria do ſeu nome em Evora corre perene no aqueducto das aguas da Prata, que renovou para naõ eſquecer a de Sertorio, para gozar o Povo o grande beneficio da agua, que o con-

conserva, do aqueducto, que illustra a Cidade. Se a grandeza das obras do Reino, sejaõ no Mosteiro de Belém, nos da Senhora da Graça, S. Francisco, e S. Roque; sejaõ na casa da Alfandega de Lisboa, ou nos Arsenaes para as Armadas, a justo titulo lhe imprimíraõ o caracter de Magnifico; que diremos nós da sua prudencia? Daquella prudencia, que na flôr da idade o conduzio a conservar-se respeitavel no meio dos turbilhões de guerras formidaveis, que assoláraõ a Europa, especialmente as que se origináraõ das discordias entre o Imperador Carlos V., seu Cunhado, e os Reis de França: huma prudencia, que entre o ardor mais vivo daquellas discordias lhe conservou inalteravel a imparcialidade, sem faltar ao Imperador com o decoro do parentesco, com a estimaçaõ de visinho, nem aos Reis de França com as relações de amigo, com a estreiteza de alliado.

Em vulg.

Nós podemos crêr que a mesma virtude auxiliada por outras o moveo a erigir em Bispados as Cidades de Leiria, de Portalegre, de Miranda, e ou-

tros

Era vulg. tros pelas conquistas; a reparar com huma refórma edificante os primeiros Institutos, que principiavaõ a sentir relaxaçaõ nas Ordens de Christo, de Saõ Francisco, de S. Domingos, de Santo Agostinho, e de S. Jeronymo; a ordenar Recolhimentos para as donzellas honestas evitarem os perigos, e para tirarem delles as mulheres, que já naõ eraõ honestas, nem donzellas; a impedir as discordias entre Casas grandes, que naõ refreariaõ a teima nas porfias, senaõ se mettesse de permeio a authoridade acompanhada do poder; a examinar com a exacçaõ mais judiciosa, e severa a probidade, os costumes, e caracter inteiro das pessoas, que o haviaõ servir, para depois naõ ter a displicencia de as castigar; em fim, a dispôr os meios para nada faltar, ou fosse nos lances da grandeza, ou nos exercicios da piedade, naõ obstante as enormes despezas da Coroa, já nos aprestos de tantas Armadas, nos naufragios de muitas náos; já nos roubos escandalosos dos infiéis Dispenseiros, Ministros corruptos da India, ou já nos

do-

dotes satisfeitos a tantos irmãos bem patrimoniados. Era vulg.

Remate precioso foi da sua prudencia naõ gravar o Povo com tributos em aperto algum da Monarquia. Estimava como hum thesouro proprio cada vassallo rico, que tudo daria gostoso em lho pedindo, porque naõ lho tirava a violencia. Das verduras da sua mocidade foraõ fructos D. Manoel, que morreo minino, e D. Duarte, que pela sua summa capacidade, e grandes letras foi elevado á Dignidade de Arcebispo de Braga: dous filhos illegitimos, que elle teve de D. Isabel Moniz, Moça da Camara da Rainha D. Leonor, que depois foi Freira de Santa Clara no Porto, e na Guarda. Das suas virtudes depois de homem deixáraõ memoria illustre nos seus escritos Francisco de Andrade, Joaõ de Barros, Diogo de Couto, Antonio de Castilho, Martim Asplicueta Navarro, Fr. Bernardo de Brito, Leaõ, Vasconcellos, Maffeo, Fonceca, Pacheco, Godinho, Faria e Sousa, que nos offerece palavras para concluirmos o elogio d'El-Rei D.

Joaõ

Era vulg. Joaõ III., dizendo com elle: Finalmente este Rei assim nas cousas da paz, como nas da guerra, foi Principe admiravel, nascido para beneficio dos homens, amparo dos humildes, e estranhos, verdadeiro conservador do Culto Divino, e Propugnador da Religiaõ Catholica.

F I M.

INDICE DOS CAPITULOS.

LIVRO XLIX.

LIVRO I.

CAP.

LIVRO LI.

. . . CAP.

LIVRO LII.